



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Mariana da Silva Almeida

SER + CAPAZ

Contributos da Intervenção Socioeducativa para o Perfil
da Pessoa Jovem à Saída do Acolhimento Residencial

VOLUME 1

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Educação Social,
Desenvolvimento e Dinâmicas Locais orientado pela Professora Doutora
Maria do Rosário de Carvalho Nunes Manteigas e Pinheiro e pelo Professor
Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira e apresentada à Faculdade de
Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2023

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

SER + CAPAZ

Contributos da intervenção socioeducativa para o perfil da pessoa jovem à saída do Acolhimento Residencial

Mariana da Silva Almeida

VOLUME I

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Educação Social,
Desenvolvimento e Dinâmicas Locais orientado pela Professora Doutora
Maria do Rosário de Carvalho Nunes Manteigas e Moura Pinheiro e pelo
Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira e apresentado à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra.

Setembro de 2023

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. E pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

“Somos do tamanho dos nossos sonhos”

Fernando Pessoa

Agradecimentos

A vida é feita de ciclos, onde uns terminam para outros começarem e agora que este tão especial termina, só tenho de agradecer àqueles que de alguma forma fizeram parte dele.

Em primeiro lugar um agradecimento à Professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro, pelas oportunidades que me deu durante o meu percurso na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, por me acompanhar, orientar e aconselhar quando mais precisei. Ao Professor Doutor Carlos Barreira, pelo carinho demonstrado e por todo o apoio dado.

Agradecer à Dra. Sofia Rodrigues, Diretora do Centro de Acolhimento por me dar a oportunidade de estágio e me receber estando sempre disponível e pronta a ajudar; a toda a equipa do CAT nomeadamente à Dr.^a Lina, Dr.º Luís e Dr.º Alcino pelo acolhimento que deram durante o estágio. Um agradecimento especial aos jovens com quem me cruzei ao longo do período de estágio, por me receberem tão bem na vida deles e por partilharem tanto comigo.

O maior e mais especial agradecimento aos meus pais, por acreditarem em mim e por me darem todas as oportunidades de ser feliz.

Agradecer ao Telmo, por estar sempre presente, por ouvir as minhas inquietações e me dar os melhores conselhos, por todo o apoio dado nesta fase.

Às minha amigas, Alexandra, Carolina e Madalena, por todo o carinho e ajuda, pelas conversas e pelos desabafos, guardo-vos para sempre no meu coração.

E por fim, não poderia deixar de agradecer à amiga de sempre, minha querida Maria, porque mesmo longe, aprendo tanto contigo, obrigada pela força pelo carinho e pela motivação que me dás sempre que mais preciso.

A todos, um grande obrigada

Resumo

Como nos apresenta o Relatório CASA (ISS, 2022), de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens, 65% do número total de crianças e jovens em acolhimento encontra-se na fase da adolescência e início da idade adulta (entre os 12 e os 20 anos), com predomínio em jovens do sexo masculino. No diz respeito à definição do projeto de vida para os jovens entre os 12 e os 17 anos é predominante a (re)integração na família nuclear e/ou alargada, seguindo-se a autonomização, e para os jovens com 18 ou mais anos o projeto que prepondera é a autonomização seguido do acolhimento permanente.

Esta tendência, frequentemente apontada pela literatura, foi também identificada na Casa de Acolhimento Residencial do Loreto – Obra de Promoção Social de Coimbra, entidade de realização do estágio a que este relatório diz respeito. Surge, assim, um notório desafio de intervenção socioeducativa para responder de forma intencional, sistemática e estruturada e inovadora, às necessidades de desenvolvimento de competências para a vida integradas numa proposta de perfil de competências da pessoa jovem à saída do acolhimento residencial, tendo ainda em vista contribuir para o desenvolvimento de competências específicas consoantes as suas necessidades backgrounds e projetos de vida de cada pessoa jovem. Muito por estes motivos, o presente relatório de estágio insere-se no domínio da promoção de competências para a autonomia de vida no acolhimento residencial e apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Numa primeira fase a intervenção socioeducativa em contexto de acolhimento residencial foi integrada nas rotinas da casa e dos jovens (i), nas tarefas dos técnicos (ii), no trabalho de gestão da Casa (iii), na identificação de necessidades dos jovens e da casa, que informaram a conceção e planeamento da restante intervenção a realizar ao longo do estágio, nomeadamente no que diz respeito a atividades de educação não formal com os jovens e à construção de propostas de ateliers de autonomização, sua implementação e avaliação.

Pela necessidade específica de orientação da autonomia de vida dos jovens da casa foi realizado um estudo qualitativo intitulado de “O desenho do perfil d@ jovem à saída da casa de acolhimento”. Com base em seis entrevistas semiestruturadas realizadas a três jovens ex-acolhidos/as e três jovens ainda em acolhimento, o estudo teve como objetivo realizar um levantamento diferencial das principais competências que a pessoa jovem reconhece como necessitando adquirir durante o período de acolhimento residencial, para se preparar para uma saída segura da casa e para se reconhecer, e ser reconhecida, como uma pessoa mais capaz e autónoma. A checklist do “Perfil da Pessoa Jovem à Saída do Acolhimento Residencial” é o recurso de orientação da intervenção socioeducativa desenvolvido a partir do estudo, e apresenta um elenco de 30 competências (pessoais, de interação social e instrumentais), que pode ser utilizado para auto e hétero identificação, planeamento e avaliação de competências para a autonomia, que permite uma flexível e sustentável articulação com o projeto de vida de cada pessoa jovem.

Palavras-chave: Acolhimento Residencial; Autonomização; Intervenção Socioeducativa, Jovens acolhidos, jovens ex-acolhidos, competências

Abstract

As the CASA Report (ISS, 2022), which provides an annual characterization of the situation of children and young people in foster care, shows, 65% of the total number of children and young people in foster care are in their teens and early adulthood (between 12 and 20 years old), with a predominance of young males.

In terms of defining a life project, for young people aged between 12 and 17, (re)integration into the nuclear and/or extended family is predominant, followed by autonomy, and for young people aged 18 or over, the predominant project is autonomy followed by permanent foster care. This trend, often pointed out in the literature, was also identified at the Loreto Residential Home - Obra de Promoção Social de Coimbra, where the internship to which this report refers took place. There is thus a notorious challenge for socio-educational intervention to respond in an intentional, systematic, structured and innovative way to the needs of developing life skills integrated into a proposed skills profile for young people leaving residential care, with a view to contributing to the development of specific skills in line with the needs, backgrounds and life projects of each young person. For these reasons, this internship report is part of the field of promoting skills for independent living in residential care and presents the activities carried out as part of the curricular internship for the Master's Degree in Social Education, Development and Local Dynamics at the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra.

In the first phase, the socio-educational intervention in the context of residential care was integrated into the routines of the home and the young people (i), the tasks of the technicians (ii), the work of managing the home (iii), the identification of the needs of the young people and the home, which informed the design and planning of the rest of the intervention to be carried out throughout the internship, namely with regard to non-formal education activities with the young people and the construction of proposals for autonomy workshops, their implementation and evaluation.

Because of the specific need to guide the autonomy of the young people in the home, a qualitative study was carried out entitled "The design of the young person's profile on leaving foster care". Based on six semi-structured interviews with three former foster children and three young people still in foster care, the study aimed to carry out a differential survey of the main skills that the young person recognizes as needing to acquire during the period of residential care, to prepare for a safe exit from the home and to recognize themselves, and be recognized, as a more capable and autonomous person. The "Young Person's Profile on Leaving Residential Care" checklist is the guiding resource for socio-educational intervention developed from the study, and presents a list of 30 competences (personal, social interaction and instrumental), which can be used for self- and hetero-identification, planning and evaluation of competences for autonomy, allowing for flexible and sustainable articulation with each young person's life project.

Keywords: Residential Care; Autonomization; Socio-educational Intervention, Fostered young people, former fostered young people, competences

Formulário de Abreviaturas

AR – Acolhimento Residencial

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CAL – Centro de Acolhimento do Loreto

CATL – Centro de Acolhimento temporário do Loreto

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CNPDCJ – Comissão Promoção Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

LIJ – Lar de Infância e Juventude

AA – Apartamento de Autonomização

OPSDC – Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra

EMAT – Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais

C/J – Crianças e Jovens

PII – Plano de Intervenção Individual

CHUC – Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra

DGRSP – Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Índice

<i>Agradecimentos</i>	3
<i>Resumo</i>	4
<i>Abstract</i>	5
<i>Introdução</i>	10
<i>Capítulo I. Enquadramento Teórico: Sistema de Acolhimento Institucional</i>	13
1. Conceito de criança e jovem	13
2. Distinção entre Risco e Perigo	13
3. Princípios de Intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e jovem em perigo.....	15
4. Medidas de promoção e proteção.....	16
5. Acolhimento Residencial segundo o Relatório CASA 2022	16
6. Estrutura do sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens.....	17
7. Respostas sociais de acolhimento em instituição.....	17
8. Desenvolvimento de competências e promoção da autonomia de vida dos jovens	18
<i>Capítulo II. Caracterização da Instituição do Bairro do Loreto – Centro de Acolhimento Temporário</i>	21
1. Enquadramento.....	21
2. Breve resenha história.....	21
3. Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra - Missão, Valores e Visão.....	22
4. Organograma Institucional	24
5. Caraterização Sociodemográfica	25
<i>Capítulo III. A Educação Social no Acolhimento Residencial</i>	26
1. O profissional de Educação Social	26
2. Princípios de atuação de um educador social no acolhimento residencial	28
<i>Capítulo IV. Projeto Ser + Capaz</i>	30
1. Objetivos gerais do estágio	30
1.1. Objetivos do Projeto	30
2. Metodologia.....	30
3. Principais instrumentos de recolha de informação	31
4. Planeamento das atividades de educação não formal e do tempo livre	32
4.1. Plano de sessão N°1 – “Conta-me sobre ti”	33

4.2.	Plano de sessão N°2 – “Calendário dos Bons Momentos”	34
4.3.	Plano de sessão N°3 – “Dia Internacional da Mulher”	34
4.5.	Plano de sessão N°5 – “Sessão de Valorização Pessoal e Social”	36
4.6.	Plano de sessão N°6 – “Sessão de Lavandaria”	37
4.7.	Plano de sessão N°7 – “Art’Criativa”	38
4.8.	Plano de sessão N°8 – “Showcooking”	39
4.9.	Plano de sessão N°9 – “Horta Pedagógica”.....	40
5.	Implementação e avaliação das atividades de educação não formal e do tempo livre	41
5.1.	Plano de sessão N°1 – “Conta-me sobre ti”	41
5.2.	Plano de sessão N°2 – “Calendário dos Bons Momentos”	42
5.3.	Plano de sessão N°3 – “Dia Internacional da Mulher”	43
5.4.	Plano de sessão N°4 – “Decoração da Páscoa”	43
5.5.	Plano de sessão N°5 – “Sessão de valorização pessoal e social”	44
5.6.	Plano de sessão N°6 – “Sessão de Lavandaria”	45
5.7.	Plano de sessão N°7 – “Art’Criativa”	46
5.8.	Plano de sessão N°8 – “Showcooking”	47
5.9.	Plano de sessão N°9 – “Horta Pedagógica”.....	47

Capítulo V. Passos para a autonomia: propostas de intervenções socioeducativas individuais e grupais
..... 49

1.	Plano de Intervenção Individual: Uma proposta socioeducativa.....	49
2.	Plano de autonomização individual para um jovem acolhido	49
3.	Identificação das necessidades e proposta de intervenção.....	50
3.1.	Balanço reflexivo.....	51
4.	Atelieres para a autonomia: Intervenções grupais.....	52
4.1.	Atelier de lavandaria	53
4.1.1.	Identificação de necessidades	53
4.1.2.	Planeamento do atelier.....	53
4.1.3.	Identificação das competências a desenvolver	53
4.1.4.	Objetivos de aprendizagem	53
4.1.5.	Tarefas a desenvolver.....	53
4.1.6.	Estratégia de avaliação	53
4.1.7.	Resultados	54
4.2.	Atelier de cozinha	54
4.2.1.	Identificação de necessidades	54
4.2.2.	Planeamento do atelier.....	54
4.2.3	Identificação das competências a desenvolver	55
4.2.4.	Objetivos de aprendizagem	55
4.2.5.	Tarefas a desenvolver.....	55
4.2.6.	Estratégia de avaliação	55
4.2.7.	Resultados	56
4.2.8.	Discussão	65

<i>Capítulo VI. O perfil do/a jovem à saída do acolhimento residencial: Contributos de um estudo qualitativo</i>	67
1. Introdução	67
2. Procedimentos de recolha de dados - A entrevista	69
3. Participantes e processo de recolha de dados	70
4. Pressupostos éticos	70
5. Metodologia	71
5.1. Participantes	71
5.2. Instrumentos	71
5.3 Procedimentos	72
6. Resultados	72
7. Discussão	82
<i>Capítulo VII. Atividades formativas</i>	89
1. Formações e Workshops	89
<i>Considerações Finais</i>	92
<i>Legislação</i>	95
<i>Referências Bibliográficas</i>	96
<i>Apêndices</i>	100

Introdução

A história do Acolhimento Residencial (AR) em Portugal mostra uma evolução paralela com a evolução dos direitos das crianças. Durante séculos, as crianças eram vistas como seres desprovidos de direitos (DeMause,1991). A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança foi ratificada por Portugal em 1990 e a lei portuguesa utiliza a terminologia AR pela primeira vez, substituindo institucionalização como o conceito oficial (art.º 49 LCPCJ 142/2015) (Rodrigues, Leal, Martins, Ribeiro, Azevedo, Campos, Ducharne, Dell-Valle & Dias, 2016).

De acordo com o nº1 do artigo 19º da Convenção dos Direitos das crianças, “Os Estados Partes tomam todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas adequadas à proteção da criança contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, incluindo a violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles, dos representantes legais ou de qualquer outra pessoa a cuja guarda haja sido confiada.” (UNICEF, 2019, p. 16).

Segundo o artigo 20º da Convenção dos Direitos das crianças “A criança temporária ou definitivamente privada do seu ambiente familiar ou que, no seu interesse superior, não possa ser deixada em tal ambiente, tem direito à proteção e assistência especiais do Estado” (UNICEF, 2019, p.17).

Na Lei 147/99, no artigo 4º, estão instituídos os princípios orientadores de intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo.

Como referido no artigo 34º a finalidade das medidas de promoção dos direitos e de proteção das crianças e dos jovens em perigo é de: “Afastar o perigo em que estes se encontram; Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral; Garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso” (Decreto-lei n.º 147/99, 2003)

De entre as medidas de acolhimento, a integração em centro de acolhimento temporário (CAT), este “é uma resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de duração inferior a seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção;” (Segurança Social, 2010)

Ainda que não seja objetivo em CAT, medidas definitas, é de realidade vivenciada que muitos dos jovens prorrogam a medida algumas vezes e acolhimentos realizados já com idades próximas dos 18, existindo sempre a necessidade de desenvolver e capacitar as crianças e jovens para uma vida autónoma. Desta forma, cabe a instituição assumir essas responsabilidades. Mas de que forma a instituição prepara os jovens para a vida adulta? Que dificuldades encontram? Estão estas preparadas para o desenvolvimento de competências para a autonomia dos jovens?

Ao identificar as necessidades do Centro de Acolhimento do Loreto (CAL), foram geradas muitas perguntas à volta da temática do desenvolvimento de competências no acolhimento residencial de preparação para uma vida autónoma.

Segundo Dias & Fontaine, 2021, autonomia, é entendida como o desenvolvimento da capacidade do indivíduo se sentir uma pessoa individualizada, capaz de construir e perspetivar a sua vida, com sentido de responsabilidade e segundo os seus próprios valores, sem demasiada dependência da aprovação e expectativas dos outros. A promoção da autonomia em jovens residenciais deve ser um processo gradual que se deve basear na individualidade de cada um, na sua autonomia dando-lhes a oportunidade de escolher e de tomar decisões, bem como desenvolver competências pessoais e sociais. (Pires, 2011)

O presente relatório diz respeito ao estágio curricular, inserido no plano de estudos do Mestrado em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro e do Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira.

A unidade curricular “Estágio” visa promover competências de análise, reflexão, planificação, implementação e avaliação que conduzirão a um projeto de intervenção na área da Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais. Visa também fomentar competências transversais, referentes à organização de trabalho com a utilização de instrumentos com capacidades cognitivas, metodológicas e tecnológicas; Competências de comunicação com a comunidade educativa e com a sociedade; e também competências sistémicas, que estão relacionadas com o sistema, associadas à compreensão, sensibilidade e conhecimento. (Universidade de Coimbra, 2022)

O local da intervenção socioeducativa foi no Centro de Acolhimento Temporário do Loreto (CATL), localizado em Coimbra, no Bairro do Loreto, pertencente à Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra que teve como orientadora local a Dra. Sofia Rodrigues, Diretora Técnica do Centro de Acolhimento.

A compreensão de como se processa a preparação para a vida adulta, dos jovens residenciais, foi um dos objetivos principais da intervenção e preparação para o estudo apresentado. No entanto outros objetivos foram projetados para a realização do estágio sempre direcionados para a resposta às necessidades emergentes do CATL, assim como a colaboração com a equipa técnica e com a equipa educativa no desenvolvimento de tarefas e funções do CATL,

conhecer a lei de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo e também conhecer conceitos e práticas de intervenção do acolhimento residencial de crianças e jovens em perigo.

Foram definidos também objetivos relativos ao trabalho a desenvolver durante o estágio, tais como a melhoria e atualização dos planos de intervenção individual, criação de planos de ocupação e atividades de tempo livres e dinamização de atividades de competências ao nível da autonomia relacional, pessoal e funcional.

Para o estudo qualitativo, com recurso a entrevistas a jovens com percursos de institucionalização procurou compreender-se as necessidades sentidas pelos jovens no caminho à autonomia e quais as ferramentas necessárias de preparação para a vida autónoma.

O corpo do trabalho é composto por seis capítulos principais, que depois se subdividem em subcapítulos. Primeiramente debruça-se sobre a contextualização da problemática no capítulo I. Enquadramento Teórico: Sistema de Acolhimento Institucional, onde aborda conceitos e medidas no acolhimento residencial. No capítulo II. Caracterização da Instituição do Bairro do Loreto – Centro de Acolhimento Temporário, faz uma breve fundamentação do local onde foi realizada a intervenção, seguido da exposição do profissional em educação social no acolhimento residencial no capítulo III. A Educação Social no Acolhimento Residencial. No capítulo IV. Projeto Ser + Capaz é apresentado o projeto de estágio, que contem as intervenções socioeducativas realizadas ao longo do período de estágio, O capítulo V. Passos para a autonomia: propostas de intervenções socioeducativas individuais e grupais apresenta uma proposta de intervenção para o processo de autonomia de vida e por fim no capítulo VI. Atividades formativas são apresentadas as ações complementares ao percurso profissional em educação social.

Capítulo I. Enquadramento Teórico: Sistema de Acolhimento Institucional

Tendo em consideração o contexto onde foi desenhado e desenvolvido o estágio curricular, este no acolhimento residencial e como público-alvo acolhidos (jovens) é de extrema importância um enquadramento teórico para uma melhor compreensão da realidade vivida. Desta forma, serão abordados os conceitos de criança e jovem, a distinção de risco e perigo, os princípios de intervenção para a promoção dos direitos e as medidas de promoção e proteção. Para finalizar será também apresentada uma pequena análise do relatório CASA 2022, a estrutura do sistema nacional de acolhimento e as repostas sociais existentes no acolhimento residencial.

1. Conceito de criança e jovem

Segundo o artº 1º, da Convenção sobre os Direitos da Criança, ratificado pelo estado português a 1990, criança é definida como “todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”. Já segundo a lei de proteção de crianças e jovens em perigo, criança ou jovem é a pessoa com menos de 18 anos ou a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos, e ainda a pessoa até aos 25 anos sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional (Artº 5º, LPCJP). A adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida o seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente uma independência econômica e uma integração no seu grupo social (Eisenstein, 2005).

2. Distinção entre Risco e Perigo

Existe de certa forma, algumas dificuldades na distinção entre risco e perigo no que diz respeito às situações de maus-tratos em crianças e jovens. São dois conceitos conectados no que concerne à intervenção dos mesmos e por esse motivo é necessário perceber a distinção de ambos para uma melhor atuação dos serviços de proteção das crianças.

Martinet, 2007 citado por Reis, 2009 diz, que os fatores de risco dos maus-tratos são condições ou elementos, que aumentam a probabilidade de ocorrência dessas situações. Já Fonseca (2004), designa “fator de risco”, como todo e qualquer evento, situação, condição ou característica da criança ou do adolescente, que aumenta a probabilidade de ocorrência de outro fenómeno.

O “perigo” será a iminência de concretização de uma ameaça, que coloca o indivíduo em situação limite de toda a sua integridade humana (Reis, 2009).

Nem todas as situações de perigo decorrem, necessariamente, de uma situação de risco prévia, podendo instalarem-se perante uma situação de crise aguda como morte, divórcio ou

separação. É de notar que as situações de risco implicam um perigo potencial para a concretização dos direitos da criança como por exemplo situações de pobreza (Instituto da Segurança Social, 2017 citado por Gonçalves, 2020).

Nas situações de risco, a intervenção dirige-se para a superação do mesmo, tendo em vista a prevenção primária e secundária das situações de perigo, através de políticas, estratégias e ações integradas, e numa perspetiva de prevenção primária e secundária, dirigidas à população em geral ou a grupos específicos de famílias e crianças em situação de vulnerabilidade. ex.: campanhas de informação e prevenção; ações promotoras de bem-estar social; projetos de formação parental; respostas de apoio à família, à criança e ao jovem, RSI, prestações sociais, habitação social ou alargamento da rede pré-escolar (Instituto da Segurança Social, 2017 citado por Gonçalves, 2020).

Já nas situações de perigo a intervenção visa remover o perigo em que a criança se encontra, nomeadamente, pela aplicação de uma medida de promoção e proteção, bem como promover a prevenção de reincidências, a reparação e superação das consequências dessas situações. (Instituto da Segurança Social, 2017 citado por Gonçalves, 2020).

As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) são instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral. Desta forma a Comissão Promoção Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPJCJ) define risco como:

Risco – uma situação de vulnerabilidade que se não for superada, pode vir a determinar um futuro perigo ou dano para a educação, segurança, saúde, formação ou desenvolvimento integral da criança/jovem.

E define também perigo como:

Perigo – uma probabilidade séria de dano nos domínios referidos anteriormente, ou já na ocorrência desse dano, quando a situação é determinada por ação ou omissão dos pais/representantes legais ou quando a criança/jovem se expõe a esse perigo, sem que pais/representantes legais se oponham.

É definida como situação de perigo, uma criança ou jovem que se encontra numa das seguintes situações:

- Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- Sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- Não recebe os cuidados ou a afeição adequada à sua idade e situação pessoal;
- Está ao cuidado de terceiros, durante um período de tempo em que se observou uma forte relação de vinculação com estes e em simultâneo o não exercício pelos pais das suas funções parentais;
- É obrigada a atividade ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;

- Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de factos lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.

3. Princípios de Intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e jovem em perigo

Segundo a CNPDPCJ, 2017 a intervenção para a promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo obedece a vários princípios, sendo eles:

- **O interesse superior da criança:** onde a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do jovem;
- **A privacidade:** onde a promoção dos direitos da criança e do jovem deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;
- **A intervenção precoce:** intervir logo que a situação de perigo seja conhecida;
- **A intervenção mínima:** intervenção esta que deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do jovem em perigo;
- **A proporcionalidade e atualidade:** direcionar para uma intervenção necessária e ajustada à situação de perigo e só pode interferir na sua vida e na vida da sua família na medida em que for estritamente necessário a essa finalidade;
- **A responsabilidade parental:** uma intervenção direcionada para a responsabilização dos pais de modo a que estes assumam os seus deveres para com a criança e o jovem;
- **Primado da continuidade das relações psicológicas profundas:** privilegiar uma intervenção que respeita o direito da criança à preservação das relações afetivas estruturantes de grande significado e de referência para o seu saudável e harmónico desenvolvimento, devendo prevalecer as medidas que garantam a continuidade de uma vinculação securizante;
- **Prevalência da família:** na promoção dos direitos e na proteção da criança e do jovem deve ser dada prevalência às medidas que os integrem na sua família ou que promovam a adoção;
- **Obrigatoriedade da informação:** a criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa.

4. Medidas de promoção e proteção

Medidas de promoção e proteção – Artº 35

As medidas de promoção e proteção são executadas no meio natural de vida ou em regime de colocação, dependendo da sua natureza, podendo ser ainda, decididas a título temporário.

Para assim reconhecer as medidas de promoção e proteção são as seguintes:

- a) Apoio junto dos pais;
- b) Apoio junto de outro familiar;
- c) Confiança a pessoa idónea;
- d) Apoio para a autonomia de vida;
- e) Acolhimento familiar;
- f) Acolhimento residencial;
- g) Confiança a pessoa selecionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção.

As medidas de promoção e de proteção podem ser decididas a título cautelar, com exceção da medida prevista na alínea g) do número anterior. Estão previstas as medidas a executar no meio natural de vida as alíneas a), b), c) e d) e medidas de colocação as previstas nas alíneas e) e f). A medida prevista na alínea g) é considerada a executar no meio natural de vida no primeiro caso e de colocação, no segundo e terceiro casos (Despacho nº 147/1999).

5. Acolhimento Residencial segundo o Relatório CASA 2022

O relatório Casa é um relatório realizado pela Segurança Social que caracteriza a situação anual do acolhimento das crianças e jovens em Portugal. Diferente dos relatórios anteriores, este está dividido em cinco partes, estando direcionada a primeira parte para “O Direito à Participação – A voz dos jovens em acolhimento”, a parte dois fala-nos sobre “A Visão Global do Sistema”, a terceira parte refere-se à “Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento”, numa penúltima parte (quarta) “As Crianças e Jovens que saíram do Acolhimento e por fim, (quinta parte) esta dedica-se “O Acolhimento em tempo de Covid-19”. O relatório integra ainda uns cadernos, sendo esta uma nova metodologia, onde apresentam os dados gerais das respetivas respostas sociais.

Como nos diz o relatório *“nos últimos 15 anos, a média de saídas é de 2.623 e de entradas é de 2.171, o que demonstra a tendência de decréscimo do número de crianças e jovens em acolhimento, uma vez que as saídas são superiores às entradas”*

O número que torneava o acolhimento residencial era de 6.369 crianças e jovens distribuídas pelas diferentes respostas de colocação. O relatório apresenta menos 41% de crianças e jovens em acolhimento generalista, nos últimos 15 anos, no entanto verifica-se um predomínio no

número de crianças e jovens em casas de acolhimento generalistas, nomeadamente em lares de infância e juventude (58,4%) e em centros de acolhimento temporário (25,7%). sendo que só no acolhimento generalista (LIJ, CAT, Casas de Acolhimento de Emergência) a 1 de novembro de 2021 se encontravam 5.397 crianças e jovens. (Instituto da Segurança Social, 2022)

6. Estrutura do sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens

O sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em perigo encontra-se organizado numa estrutura que contempla, nos termos da lei, três patamares distintos:

- a) **Acolhimento de emergência:** orientado para o acolhimento urgente de crianças e jovens em situações de perigo, tendo em atenção que a duração não deve exceder as 48 horas, sendo esta medida praticada em unidades ou vagas de emergência;
- b) **Acolhimento temporário:** é uma resposta direcionada para as crianças e jovens que têm necessidades de afastamento da família. É lhes definido um prazo de seis meses, no entanto esse período pode ser excedido consoante as circunstâncias. Esta pode ser praticada em dois tipos de respostas tais como o Centro de Acolhimento Temporário (CAT) ou numa Família de Acolhimento (FA);
- c) **Acolhimento prolongado:** é a última alternativa aplicada, quando esgotados todos os recursos e possibilidades de intervenção social junto da família de origem existe a possibilidade da criança ou jovem obter uma medida definitiva no acolhimento, sendo praticada em Lares de Infância e Juventude (LIJ) (Carvalho, 2013, p.16).

7. Respostas sociais de acolhimento em instituição

- a) **Centro de Acolhimento Temporário (CAT)** é a resposta destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de ambos os sexos até aos 18 anos, de duração inferior a seis meses, com base na aplicação da medida de promoção e proteção. Tem como objetivos base: a realização do diagnóstico de cada criança e jovem e uma definição dos projetos de vida, com vista à inserção familiar e social ou a outro encaminhamento que melhor se adegue à situação de cada criança e jovem; assegurar alojamento temporário; garantir às crianças e jovens a satisfação das suas necessidades básicas; proporcionar o apoio socioeducativo adequado à idade e características de cada criança ou jovem; promover a intervenção junto da família, em articulação com as entidades e as instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos das crianças e jovens. (Carvalho, 2013, p.19).
- b) **Lar de Infância e Juventude (LIJ)** é a resposta destinada ao acolhimento de crianças e jovens em situação de perigo, de ambos os sexos até aos 18 anos, mas diferente do CAT,

esta tem uma duração superior a 6 meses, cuja medida de promoção e proteção assim o determine. Os LIJ tem como objetivos: assegurar alojamento; garantir a satisfação das necessidades básicas das crianças e jovens e promover o seu desenvolvimento global, em condições tão aproximadas quanto possível às de uma estrutura familiar; assegurar os meios necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional, em cooperação com a família, a escola, as estruturas de formação profissional e a comunidade; promover, sempre que possível, a sua integração na família e na comunidade de origem ou noutra medida em meio natural de vida, em articulação com as entidades competentes em matéria de infância e juventude e as comissões de proteção de crianças e jovens, com vista à sua gradual autonomização (Carvalho, 2013, p.19).

- c) **Apartamento de Autonomização (AA)** é uma resposta social, destinada a apoiar a transição para a vida adulta de jovens com idades superiores a 15 anos que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes num apartamento inserido nos espaços territoriais da comunidade local. Os AA tem como objetivos: mediar processos de autonomia de vida e de participação ativa de jovens, minimizando riscos de exclusão social; desenvolver processos individuais de acompanhamento e de apoio a nível psicossocial, material, de informação e de inserção socio laboral; dinamizar programas de formação específicos destinados ao desenvolvimento de competências pessoais, sociais, escolares e profissionais dos jovens; partilhar competências com outros serviços e promover domínios comuns de conhecimentos e de práticas com o objetivo de estabelecer uma intervenção articulada e integrada facilitadora da transição de jovens para a vida adulta (Carvalho, 2013, p.19).

8. Desenvolvimento de competências e promoção da autonomia de vida dos jovens

Segundo a alteração do artigo 63º à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, referindo-se á medida de apoio para a autonomia de vida, esta declara que:

“Sem prejuízo do disposto na alínea d) do número anterior, podem manter-se até aos 25 anos de idade as medidas de promoção e proteção de apoio para autonomia de vida ou colocação, sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional, e desde que o jovem renove o pedido de manutenção.”

Com a nova alteração da legislação que nomeia a possibilidade dos jovens se manterem no acolhimento até aos 25 anos, esta promove oportunidade para que os jovens se desenvolvam e tenham oportunidade de possuir mais ferramentas no que diz respeito à promoção de competências e consequentemente autonomia de vida dos mesmos.

Os indicadores mais altos dos projetos de promoção e proteção são segundo o relatório CASA 2022 a (re)integração na família nuclear com 40% e a autonomização com o peso de 34%.

Atendendo à faixa etária das crianças e jovens, o projeto de vida também têm algumas alterações, sendo que idades de crianças dos 0 aos 5 anos, e dos 6 aos 11 sobressai a (re)interação na família nuclear e/ou alargada e a adoção com maior percentagem. Já para os jovens dos 12 aos 17, o projeto (re)integração na família nuclear e/ou alargada aparece também com o maior peso, tendo abrangido 51% destes jovens, no entanto o segundo projeto mais expressivo nesta faixa etária é a autonomização, tendo sido delineado para 38% dos jovens. Aos jovens com 18 ou mais anos, a autonomização é também o projeto de promoção e proteção mais definido com 70% de expressão (CASA, 2022).

O relatório CASA, 2016 explica-nos a Autonomização como um projeto que:

“é pensado para as crianças e jovens em que a união familiar ou encontro de outra solução familiar encontram-se comprometidas ou mesmo inviabilizadas, implicando assim que, no seio da resposta de acolhimento, para além da existência de um quotidiano diversificado, criativo e que proporcione oportunidades de reabilitação emocional e de reestruturação psíquica para as crianças e jovens, se tenha investido em programas de intervenção orientados para a promoção da autonomia.”

Pires, 2011, consciencializa-nos que:

“A promoção da autonomia em jovens institucionalizados deve ser um processo gradual e deve-se basear na individualidade de cada um, na sua autonomia e dar-lhe a oportunidade de escolher e de tomar decisões, bem como desenvolver competências pessoais e sociais. Deve-se promover também a participação das crianças e jovens em atividades exteriores à instituição de acolhimento” (Pires, 2011, p.31).

Ambos os autores, afirmam que uma das melhores formas de aquisição de competências de autonomia e crescimento de responsabilidades passam pela aprendizagem prática de tarefas executadas pelo jovem, tendo em conta as suas capacidades, nomeadamente, tarefas domésticas,

gestão dos seus pertences pessoais e gestão do dinheiro (Hermosa et al., 1998 citado por Veloso, 2014).

Estes autores propõem que a intervenção em instituições seja centrada na organização interna de forma a criar métodos facilitadores do desenvolvimento da autonomia e de comportamentos positivos. Dando exemplos práticos: as responsabilidades dos adultos e dos jovens devem ser claros, de forma a que as C/J possam tomar as suas próprias decisões e assumir as responsabilidades que lhes forem atribuídas; a organização da rotina da instituição, transmitindo ao jovem um sentido de ordem e previsibilidade, podendo este ajustar o seu comportamento ao respeito pelas mesmas; estabelecer direitos, deveres e responsabilidades no âmbito das relações interpessoais e por fim é importante a coerência e consistência da atuação dos profissionais (Hermosa et al., 1998 citado por Veloso, 2014).

Segundo Gomes, 2010 citado por Veloso, 2014, a intervenção deve ser centrada em várias áreas específicas dando prioridade às necessidades das C/J. Áreas estas definas como:

- **Competências de vida** (saber procurar informações e recursos na comunidade, responsabilidade pela sua situação de saúde, gestão financeira e gestão doméstica);
- **Competências de relacionamento interpessoal** (estabelecer relações com pessoas significativas, participação em atividades da comunidade, apoio na resolução de problemas e gestão de conflitos);
- **E competências necessárias a situações específicas** (experiências pré-profissionais em períodos de férias, ocupação equilibrada dos tempos livres, apoio na integração no mercado de trabalho).

Segundo Calheiros e Garrido, 2013 citado por Simões, 2014,

“A intervenção deve incidir na capacitação dos jovens promovendo um conjunto de competências de autonomia ao nível cognitivo (por exemplo, estabelecer objetivos; tomar decisões), emocional (por exemplo, autoconfiança) e funcional (por exemplo, desenhar e seguir uma estratégia de ação para atingir os objetivos pessoais).

Capítulo II. Caracterização da Instituição do Bairro do Loreto – Centro de Acolhimento Temporário

1. Enquadramento

O presente estágio foi realizado no Centro de Acolhimento Temporário do Loreto - CATL, antigo Instituto de Cegos, no bairro do Loreto, em Coimbra. O Centro de Acolhimento do Loreto, é uma das várias respostas sociais da OPSDC - Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra. Para além de um Centro de Acolhimento Temporário, o CAL integra uma Unidade de Emergência, que é um recurso para situações que careçam de intervenção imediata.

O centro está instalado num edifício que pertence ao Instituto da Segurança Social e abraça a missão de acolher crianças e jovens em perigo – perigo este que seja uma situação em que se verifica que esteja em causa a segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos.

As crianças e jovens acolhidas têm processo de promoção e proteção e medida de acolhimento residencial aplicada por uma entidade judicial, encaminhadas pelos Tribunais, Equipas Multidisciplinares de Assessoria Técnica (EMAT), Segurança Social ou Comissão de Crianças e Jovens em Perigo (CPCJ).

O CAL têm objetivos específicos na sua intervenção, tais como:

- Promover a reintegração da criança ou jovem na família, sempre que possível;
 - Proporcionar às crianças e jovens a satisfação de todas as suas necessidades básicas, em condições de vida tão aproximadas, quanto possível, às de uma estrutura familiar estável e a satisfação das necessidades específicas, decorrentes do acolhimento em meio institucional;
 - Proporcionar os meios que promovam a sua valorização pessoal, social, escolar e profissional;
 - Avaliar a situação da criança ou jovem, definindo o projeto de vida e elaborando o plano de intervenção individualizado que melhor corresponda ao seu superior interesse.
- (OPSDC, 2023)

2. Breve resenha história

Nos anos 60, o sistema de ensino não integrava qualquer tipo de pessoa deficiente, sendo que, a partir do momento em que a criança ou jovem fosse diagnosticada com alguma incapacidade, a mesma teria de deixar de frequentar a escola. Posto isto, foi lançado um Plano Nacional de Educação para Deficientes, através do Instituto de Assistência a Menores.

Este plano concretizou-se através da criação de estabelecimentos oficiais - quase todos em regime de internato - orientados para o trabalho com vários tipos de

deficiência, bem como com apoio a instituições que desenvolviam serviços de reeducação para crianças e jovens. Posteriormente o Ministério da Educação veio instituir a escolaridade obrigatória, impedindo a dispensa escolar de crianças com problemas clínicos ou outros. (Lino, 2013, p.3)

Devido ao reduzido número de estabelecimentos e à grande necessidade de se receber doentes de vários distritos, foi criado a de maio de 1969, no bairro do Loreto, Freguesia de Eiras, Distrito de Coimbra, pelo Professora Doutor Bissaya Barreto, o Instituto de Cegos (Centro Dr. Oliveira Salazar), como Estabelecimento Particular de Assistência a Menores Deficientes Visuais (cegos e ambliopes).

Com o apoio do Ensino Integrado do Ministério da Educação, as crianças deficientes começaram a ser integradas nas escolas das suas áreas de residência e conseqüentemente houve uma diminuição da procura de estabelecimentos de ensino especial. Deste modo, o Instituto de Cegos passou a admitir crianças, não só com deficiência visual, mas também com outras deficiências associadas.

Devido à degradação das instalações do Preventório de Penacova, foram instaladas no Instituto de Cegos, em 1987, numa situação de emergência e provisória, crianças privadas do seu meio familiar normal sem qualquer tipo de deficiência. Finalmente, em junho de 1998, esta instituição passou a integrar-se como resposta social, ou seja, uma Unidade de Emergência que recebe, a qualquer hora (dia ou noite) crianças abandonadas ou maltratadas.

Em julho de 1999 a designação de Instituto de Cegos foi alterada para Centro de Acolhimento do Loreto e em dezembro de 2009, a OPSDC assumiu em absoluto a gestão do Centro de Acolhimento Temporário do Loreto. Desde 1999 e até sensivelmente 2007, funcionavam no Centro de Acolhimento do Loreto em regime de semi-internato o Jardim-de-Infância e ATL, e em regime de internato a Unidade de Emergência e Centro de Acolhimento Temporário. Atualmente, apenas estas duas últimas respostas estão em funcionamento. (Lino, 2013)

3. Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra - Missão, Valores e Visão

A Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra, foi fundada por iniciativa do Governador Civil, a fim de combater as enormes carências de formação e educação com que a população portuguesa se debatia. Foi assim criado o Plano de Ajuda Rural, no âmbito distrital, cujo objetivo era ajudar a população rural a solucionar os problemas, usando os seus próprios meios e recorrendo às entidades, a se valorizarem.

Com o objetivo inicial de gerir o Plano de Ajuda Rural, a OPSDC começa a participar e a intervir, dando respostas sistemáticas às profundas carências sociais existentes no Distrito de

Coimbra, através dos Centros de Ajuda Rural, espaços onde, sob a orientação de Educadores Rurais, eram desenvolvidas atividades, tendentes a resolver algumas necessidades sentidas pelas populações locais, tais como, noções de enfermagem, puericultura, costura, bordados, gestão doméstica, culinária. Desta forma se afirma que a OPSDC desempenhou um papel importante, como motor do desenvolvimento sociocultural do distrito de Coimbra.

Após o 25 de Abril de 1974 as mudanças na estrutura familiar foram aumentando, devido à crescente adesão das mulheres à vida ativa na sociedade. Começa a existir a necessidade de respostas sociais na área da Infância, sendo que a OPSDC é solicitada para dar suporte jurídico, às creches e jardins de infância, muitos criados por iniciativa de Comissões de Moradores e Associações de Pais, que proporcionaram o acolhimento privilegiado como contextos complementares da família, desempenhando as funções outrora absorvidas pela família alargada (OPSDC, 2023).

A Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra guia-se por princípios orientadores na política de responsabilidade social, tendo como missão o desenvolvimento de atividades de apoio social, nas áreas da Infância, Juventude e Família;

Têm como sua Visão a “promoção e o desenvolvimento harmonioso, e global, dos seus utentes, de modo que se tornem Autónomos, Livres, Solidários e Felizes na Nossa Terra”;

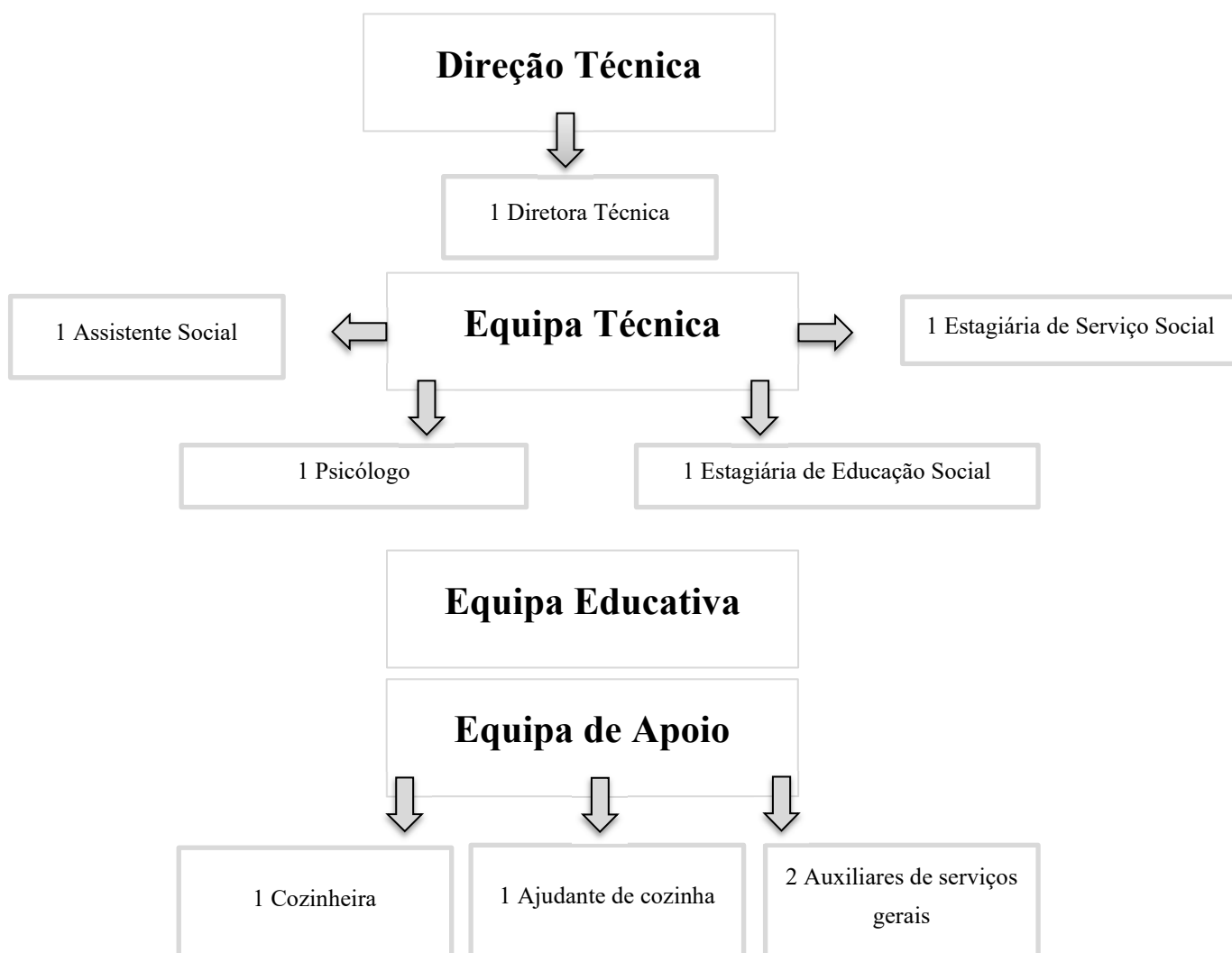
e como Valores:

- Dedicção;
- Respeito pelos outros;
- Responsabilidade na atuação;
- Inovação;
- Orgulho em pertencer à OPSDC;

Esta refere que tenta envolver as comunidades que serve, respeitando sempre os princípios gerais de ética.

4. Organograma Institucional

Organograma da equipa do Centro de Acolhimento do Loreto



Direção Técnica: A direção técnica é composta por uma diretora com formação base em psicologia.

Equipa Técnica: A equipa técnica é constituída por quatro elementos: 1 técnica de Serviço Social, 1 Psicólogo, 1 estagiária de Educação Social e 1 estagiária de Serviço Social.

Equipa Educativa: A equipa educativa é constituída por 10 elementos (dos quais todos assumem funções de Educadores Tutores / ou Referencia) distribuídos em equipas, a realizar turnos com horários de dia, noite e fins de semana.

Equipa de Apoio: A equipa de apoio é constituída por 2 auxiliares de serviços gerais, 1 cozinheira e 1 ajudante de cozinha (ambas realizam as tarefas direcionadas para o CAL e a Casa da Mãe).

5. Caracterização Sociodemográfica

Tabela 1 – Caracterização Sociodemográfica das crianças e jovens acolhidos no CAL de setembro de 2022 a maio de 2023

Nome	Idade	Género	Escolaridade	Nacionalidade	Tempo de acolhimento
S.	18 anos	F	11º ano – Técnico de Cozinha / Pastelaria	Portuguesa	3 anos – Atual
O.	17 anos	M	1º ano do curso de Soldadura - IEFP	Maliana	2 anos e 11 meses – Atual
S.	17 anos	M	12º ano	Portuguesa e Ucraniana	2 anos e 3 meses – Atual
J.	15 anos	M	8º ano	Portuguesa	2 anos e 3 meses – Atual
P.	15 anos	M	9º ano	Portuguesa	2 anos e 2 meses – Atual
C.	16 anos	M	9º ano – PIEF	Portuguesa	1 ano – Atual
R.	19 anos	M	1º ano do curso de Técnico Auxiliar de Saúde	Portuguesa	1 ano – Atual
B.	16 anos	F	10º - Humanidades	Portuguesa	9 meses – Atual
V.	18 anos	M	12º ano – Artes Visuais	Portuguesa	9 meses – Atual
F.	18 anos	F	11º ano	Portuguesa	5 meses
I.	17 anos	F	S/I*	Portuguesa	3 Meses – Atual
J.	17 anos	M	10º ano – Técnico Especializado de Restaurante / Bar	Portuguesa	3 Meses – Atual
M.	17 anos	F	S/I	Portuguesa	2 meses
S.	12 anos	F	S/I	Portuguesa	1 mês
M.	15 anos	M	9º ano	Portuguesa	1 mês – Atual
Q.	16 anos	F	11º ano - Técnico Comercial	Portuguesa	1 mês – Atual
N.	12 anos	F	S/I	Portuguesa	1 Mês – Atual

S/I* - Sem Informação

Capítulo III. A Educação Social no Acolhimento Residencial

1. O profissional de Educação Social

“Um dos fatores decisivos para a emergência da educação social diz respeito à mudança do conceito de educação, quando a educação deixa de ser um património exclusivo da escola e passa a ter novas funções, de dimensão mais social (Azevedo & Correia, 2013, p.3).” Atualmente, posiciona-se a educação não formal e informal, num patamar igualitário ao da educação formal, considerando que ambas as educações se complementam em diferentes contextos e populações.

Estamos perante um novo paradigma de aprendizagem ao longo da vida, que procura novas teorias e modelos de educação e formação, como a educação e pedagogia social, nas quais se destaca a importância das aprendizagens realizadas a partir da experiência de vida em vários aspetos das áreas pessoais, sociais e profissionais (Azevedo & Correia, 2013).

“O trabalho dos educadores sociais é concebido a partir de uma perspetiva educativa, transformadora e emancipatória, que pretende superar lógicas assistencialistas e baseia-se na centralidade das pessoas, na sua capacitação e desenvolvimento (Azevedo & Correia, 2013, p.7).”

Para a melhoria do desempenho profissional, deve possuir e aprimorar como pilares fundamentais das suas qualidades pessoais, a paciência, a tolerância, o autocontrolo, a empatia, o altruísmo e o equilíbrio as armas fundamentais para um trabalho de sucesso (Mateus, 2012).

São vários os autores que definem o perfil dos educadores sociais, tentando desta forma desmistificar a realidade das suas funções no terreno.

Amplamente estruturado pelo saber ser, estar e fazer, o perfil do educador social concede-lhe um conjunto de competências, capazes de agir técnica e pedagogicamente, com sensibilidade social e ética. Paralelamente aos seus modelos de intervenção, existe a cultura pedagógica que com arte, criatividade, oportunidade, entusiasmo, responsabilidade e dinamismo são capazes de interpretar a realidade social, proporcionando caminhos de realização, integração e desenvolvimento pessoal (Cardoso, 2016).

Segundo Veiga & Cardoso, 2011 citado por Rebelo, 2021 o Educador Social:

“É um profissional multifacetado, com uma formação abrangente, cuja ação, direcionada a pessoas individuais, grupos ou comunidades, e levada a cabo em múltiplas realidades, se concretiza no desenho, desenvolvimento e avaliação de ações socioeducativas com finalidades socializadoras, de promoção, participação, desenvolvimento e transformação social (p.28).”

Carvalho e Baptista, 2004 citado por Veiga & Cardoso, 2011 sistematizam os vários papéis possíveis de serem assumidos por este trabalhador social na sua prática profissional:

- *Ator*, o qual vive a complexidade da vida social sendo sujeito a um processo de conscientização que o leva a assumir a plenitude da sua condição de pessoa e cidadão;

- *Educador*, apoiando os indivíduos na idealização e viabilização de projetos de vida alternativos com sentido;
- *Facilitador de mudanças*, animando e motivando os indivíduos a criarem e protagonizarem novos projetos de futuro;
- *Mediador*, simplificando a inteligibilidade e fluidez da comunicação com vista à promoção de relações interpessoais positivas;
- *Mentor*, capaz de estabelecer relações interpessoais assentes na confiança e compreensão a partir de uma postura de total abertura e disponibilidade;
- *Profissional de relação*, capaz de analisar reflexivamente as suas atitudes e posturas pessoais para bem intervir, sem desinvestir ou desistir;
- *Profissional do terreno*, privilegiando a singularidade de cada contexto, a relação de horizontalidade e proximidade com o outro e o valor supremo de cada conquista.

A exigência da sua profissão obriga a que o educador social seja um profissional capaz de:

- Analisar, compreender e interpretar os problemas sociais;
- Comunicar e estabelecer relações adequadas com os diferentes interlocutores;
- Gerir as emoções e o stress;
- Resistir à frustração e enfrentar as dificuldades com maturidade;
- Questionar a sua prática e tentar continuamente melhorá-la;
- Ser criativo, dinâmico, otimista e disponível para o trabalho colaborativo (Ander-Egg, 2002 & Romans, 2003 citado por Veiga & Cardoso, 2011, p. 26).

Na sua prática profissional, o educador social deve também reger-se por um conjunto de princípios e valores, de entre os quais se destacam:

- A crença na perfeitibilidade dos indivíduos, sendo que todas as pessoas têm potencialidades que podem ser desenvolvidas para a sua realização pessoal;
- A crença na educabilidade, convicção de que, a partir de uma ação educativa, a mudança é efetivamente possível;
- O respeito pela distância ótima, no equilíbrio entre a entrega ao outro e o necessário afastamento crítico e profissional;
- O espírito de renúncia, aceitar o pior sem desistir de procurar incessantemente o melhor;
- A humildade, de se auto questionar e abertura ao desconhecido;
- A perseverança, na medida em que os processos de aprendizagem pessoal e de emancipação são naturalmente morosos, periclitantes e complexos;
- O respeito pelos direitos humanos;
- A sensibilidade ética, deixar-se tocar pelo outro, através da sua aceitação plena e incondicional;

- E a confidencialidade, guardando sigilo de toda a informação recebida daqueles com quem trabalha (Ander-Egg, 2002; Baptista, 2006; Rodríguez, 1999, citado por Veiga & Cardoso, 2011, p. 26).

2. Princípios de atuação de um educador social no acolhimento residencial

Após a aplicação de uma medida de acolhimento e a partir do momento de admissão de uma C/J numa casa de acolhimento, estas necessitam logo do acompanhamento, tendo o Educador Social um papel importante neste processo de acolhimento e aproximação, sendo este caracterizado como um profissional de relação e proximidade.

Este trabalho de proximidade com as C/J permite ao profissional identificar e valorizar as capacidades e competências dos mesmos, bem como perceber deceções, desequilíbrios e perturbações, evitando desânimos e desistências, que ao aplicar uma escuta ativa, poderá eventualmente orientá-los, dando-lhes suporte e confiança (Carvalho & Baptista, 2004, citado por Veiga & Cardoso, 2011).

Como nos refere Santos, 2003 citado por Veiga & Cardoso, 2011 o Educador Social, deve escutar ativamente as opiniões, interesses e desejos das C/J, bem como estar atento aos seus sentimentos, de modo que estes se sintam ouvidos, compreendidos e comprometidos no seu percurso de vida, particularmente no que respeita aos processos de tomada de decisão referentes às opções/soluções levantadas para as suas vidas.

“O educador social pode, ainda, desempenhar um papel fulcral no que concerne ao desenho e desenvolvimento dos “projetos de vida”, designadamente no que diz respeito à formação escolar, à orientação vocacional e à inserção social e profissional das crianças e jovens institucionalizados (Santos, 2003, citado por Veiga & Cardoso, 2011).

No contexto residencial, os Educadores Sociais tornam-se responsáveis pela educação não formal e pelo acompanhamento dos jovens no seu dia-a-dia, tendem a desenvolver métodos de promoção do respeito pela individualidade e integralmente a criação de espaços de intimidade e de privacidade, mas também é um profissional que ajuda a construir uma identidade coletiva, um sentimento de pertença ao grupo e à instituição de forma a favorecer um desenvolvimento de um clima familiar, positivo, humanizado e de aceitação, assim como, é orientado na construção de espaços de comunicação, afetividade e de participação ativa das dinâmicas institucionais (Santos, 2003 citado por Veiga & Cardoso, 2011).

Visto que a institucionalização é uma situação preferencialmente transitória, a intervenção junto das famílias de origem é também um trabalho que o Educador Social desenvolve, tendo a capacidade de ouvir, compreender, capacitar e envolver as mesmas no projeto de vida dos filhos.

Gaspar 2020 citado por Marques 2021, sublinha diversos objetivos para o Educador Social em contexto institucional, designando assim a:

“Promoção de mecanismos de socialização; Inculcar o sentido de responsabilidade nos seus atos, promovendo assim a autoestima, autodisciplina e confiança; Programação de ações de recuperação, reeducação e integração; Proporcionar competências sociais através da aprendizagem de virtudes, desenvolvimento de capacidade e valores, e aquisição de habilidades através do acompanhamento e ajuda assistencial e socioeducativa; Transmitir e cultivar valores essenciais para a convivência, amizade e relações interpessoais; Possibilitar um conjunto de estímulos aos jovens de modo a formarem-se pessoal e socialmente para a vida; Atuar como educador orientador, animador sociocultural e programador de atividades lúdicas, recreativas e culturais”

A intervenção de um Educador Social, tem de ser realizado de forma contínua, sendo um processo caracterizado por demorado e complexo. No seu dia-a-dia o profissional deve ser empático e afetivo, analisando a sua intervenção, com o objetivo de a melhorar e de lidar com os sentimentos emocionais que crescem, pois, trabalhar com crianças e jovens acolhidos tem essa especificidade (Gaspar, 2020, citado por Marques, 2021).

Capítulo IV. Projeto Ser + Capaz

1. Objetivos gerais do estágio

No início do período de estágio foram definidos objetivos para a intervenção do mesmo, sendo eles os canais orientadores de uma intervenção no terreno:

- Colaborar com a equipa técnica e com a equipa educativa no desenvolvimento de tarefas e funções do CAL
- Responder às necessidades emergentes do CAL
- Contribuir com saberes e valores orientadores que caracterizam e valorizam a identidade profissional do Educador Social
- Elaborar um projeto de intervenção socioeducativo com a produção de documentos e planos de sessões a implementar, dando continuidade á utilização destes recursos após o término do estágio
- Conhecer a lei de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo
- Conhecer conceitos e práticas de intervenção do acolhimento residencial de crianças e jovens em perigo.

1.1. Objetivos do Projeto

Foram também delineados objetivos para o projeto de estágio, tais como:

- Melhorar os documentos dos processos individuais para uma melhor intervenção realizada pelos técnicos;
- Criar planos de ocupação e atividades de tempos livres;
- Desenvolver e dinamizar atividades destinadas ao desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais, ao nível da autonomia relacional, pessoal e funcional;

2. Metodologia

De forma a se entender o caminho percorrido até à finalidade do projeto, é apresentada a metodologia e o conjunto de instrumentos de recolha de dados que foram utilizados durante toda a intervenção. A mesma desenvolve-se enquadrada numa metodologia qualitativa, uma vez que o que se pretende não é explicar a realidade, mas sim compreendê-la.

Segundo Coutinho, 2011, na Investigação Qualitativa (IQ), o objeto de estudo não são os comportamentos, mas as intenções e situações, trata-se de investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes do no processo.

“Importa invocar ainda algumas preocupações do domínio da ética da investigação, que, no caso da IQ, para além das que são próprias de toda a pesquisa, tem algumas particularidades. Recordamos de entre muitas outras: o respeito pelos sujeitos que se disponibilizam como fonte

de dados, os cuidados a ter para manter o seu anonimato e evitar usos indevidos das suas informações, a fidelidade e rigor no registo de situações e na transcrição dos seus discursos, a disponibilização para coautorias, a aplicação socialmente benéfica do conhecimento produzido e a postura crítica face a situações que coloquem em causa valores universalmente aceites (paz, justiça, liberdade, igualdade e solidariedade)” (Amado, 2022, p.19).

O objetivo básico da IQ é obter juntos dos sujeitos a investigar, a informação e a compreensão (o sentido) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e de construir a vida). Compreender que se deve alcançar os objetivos tendo em conta os contextos humanos, institucionais, sociais e culturais em que os fenómenos de atribuição de sentido se verificam e se tornam únicos (Amado, 2022).

3. Principais instrumentos de recolha de informação

Para a obtenção e análise de dados, foram utilizadas várias técnicas e instrumentos de investigação, tais como:

- *A análise/pesquisa documental* – Uma das técnicas fundamentais para a integração na área do acolhimento residencial foi a análise e pesquisa sobre a área, desde problemáticas, procedimentos, orientações e práticas de atuação com crianças e jovens.
- *A observação direta participante* - é uma técnica de recolha de dados que “utiliza os sentidos, de forma a obter informação de determinados aspetos da realidade, obriga o investigador a um contacto mais direto com a realidade, ajudando-o a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento” (Lakatos & Marconi, 1990; Santos 1999, 2002 citado por, Miranda, R. s/d.) A observação permitiu registar acontecimentos e comportamentos dos jovens de uma forma direta e participativa, visto o envolvimento no dia a dia dos jovens.
- *Conversas informais* - Foi através das conversas informais que foi possível auscultar tanto os educadores como os jovens de algumas das necessidades e preocupações sentidas por ambos. É uma verdadeira técnica de recolha de informação neste âmbito, sendo que fomenta uma relação de proximidade com o grupo da casa.
- *Entrevista semiestruturada* – Haguette, 1997 citado por Miranda, R., define entrevista como “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A preparação da entrevista requer algum cuidado, onde é necessário definir a informação relativa aos objetivos a alcançar. Segundo Miranda, s/d, numa entrevista semiestruturada culminam-se perguntas abertas

com perguntas fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de recorrer ao tema proposto.

- *Grelhas de tarefas diárias /Planos de ocupação* – Para o acompanhamento da vida diária de um jovem foram construídas grelhas de tarefas diárias, com os horários e tarefas a realizar, a fim de fomentar a ocupação de tempos livres e o desenvolvimento de competências do mesmo.
- *Planos de sessão* – Foram construídos planos de sessão para as atividades realizadas delineando todos os passos necessários a realizar, desde objetivos a atingir, materiais, local, tempo. Tão importante quanto a preparação é a avaliação e posterior análise de cada plano de sessão para o reforço dos aspetos positivos e melhoria dos aspetos menos positivos ocorridos nas atividades.
- *Tabelas calendarizadas* – Para a realização dos ateliers, foram construídas tabelas em que mencionavam os dias e os jovens que tinham de realizar o atelier.
- *Diário de campo* – Ao longo de todo o estágio foi utilizado um diário de campo para anotar todas as informações diárias, permitindo assim recolher informações, opiniões, perceções e comportamentos de situações vividas no CAL.
- *Fichas de registo* – Foram criadas fichas de avaliação e autoavaliação a fim de serem preenchidas pelos jovens e pelos educadores, para uma análise e perceção dos ateliers realizados, dando a possibilidade de futuras melhorias na intervenção desses mesmos ateliers.

Toda a estrutura da casa, funciona com estes instrumentos de planeamento, registo, grelhas de atividades e tarefas para a orientação e organização de educadores, jovens e técnicos da casa.

4. Planeamento das atividades de educação não formal e do tempo livre

Segundo Patrício, 2019, a educação não formal concretiza-se pelas aprendizagens organizadas, estruturadas e intencionais que decorrem fora do sistema de ensino e Gohn. 2006 citado por Patrício, 2019 refere que este tipo de educação envolve os indivíduos a as suas relações sociais, segundo os seus interesses e necessidades e quando visa a justiça social, a mesma fortalece o exercício da cidadania.

Mais que descanso, o ócio deve favorecer a participação dos indivíduos, que a mesma é possível por diversos caminhos, seja ela o encontro com a natureza, com a arte, momento de reflexão ou meditação. A verdadeira vivência do ócio requer motivação e concentração, sendo que desta forma, não pode ser algo imposto ou manipulado (Peres, 2004).

Em vista o desenvolvimento pessoal e comunitário dos indivíduos, a educação/animação deve ultrapassar o raciocínio técnico e instrumental que não permite ações emocionais e

comunicativas e passar a integrar uma aprendizagem de uma cidadania plural, ativa e responsável (Peres, 2004).

É esta umas das formas que o Educador Social entra nas suas funções de como referido no tópico acima: “Princípios de atuação de um educador social no acolhimento residencial”, este é, ou poderá assumir a responsabilidade de dinâmicas de grupo e integração das C/J na casa. Foi com base nesta perspectiva que ao longo da intervenção se realizaram algumas ações de forma a dinamizar a casa, tendo sido também uma necessidade encontrada durante a realização do diagnóstico social.

Todas as atividades propostas, são acompanhadas de um plano de sessão, a fim de reunir todos os materiais e ferramentas necessárias à intervenção. O planeamento da sessão, com tempo e organização traz a dinamização de uma atividade com segurança, confiança e concentração, estando tudo preparado para que nada falte.

O modelo do plano de sessão criado, é composto por três etapas, sendo o primeiro onde se define o título da atividade/sessão, a data da realização, local e o tempo, os responsáveis pela atividade e o grupo-alvo a quem se dirige. Na segunda etapa são definidos os objetivos, projetados os recursos necessários, sejam eles materiais ou financeiros e por fim na terceira etapa a avaliação da atividade/sessão.

4.1. Plano de sessão Nº1 – “Conta-me sobre ti”

Tabela 2 – Plano de Sessão nº1

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Conta-me sobre ti”
	Data da realização	18/10/2022
	Local /Tempo previsto	Sala / 45 minutos
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Todos os jovens da casa
2º Etapa	Objetivo geral	Desenvolver a empatia, habilidades de comunicação e união do grupo;
	Recursos	Canetas – 5 uni. Post-its vários;
	Metodologia	<u>1º Momento</u> - Dividir o grupo em grupos de 2 ou 3 pessoas; <u>2º Momento</u> - Distribuir 1 post-it e 1 caneta a cada grupo; Solicitar que o grupo ou par conversem sobre gostos pessoais, competências e habilidades; <u>3º Momento</u> – Anotar 3 características ou habilidades que tenham em comum; <u>Momento Final</u> - Aleatoriamente é pedido que os grupos partilhem em voz alta o que escreveram se assim o sentirem à vontade para o fazer; É de reforçar que todos os grupos terão de trocar de pares a fim de passarem por todos os elementos do grupo.

3º Etapa	Avaliação	A atividade será avaliada no decorrer da mesma, com a participação e empenho dos jovens.
----------	-----------	--

4.2. Plano de sessão N°2 – “Calendário dos Bons Momentos”

Tabela 3 – Plano de sessão n°2

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Calendário de Bons Momentos”
	Data da realização	01/12/2022
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 2 Hora
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens e Cuidadores da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Aumentar a coesão entre os jovens da casa; Fomentar a ligação entre os cuidadores e jovens da casa;
	Recursos (materiais e financeiros)	Computador - 1 uni. Papel – 1 uni. Impressora – 1 uni. Fita Cola – 1 uni.
	Metodologia	<u>1º Momento</u> - Construir um calendário relativo ao mês de dezembro, onde em cada dia contém um objetivo ou tarefa relacionadas com relações interpessoais, desafios diários e dinâmicas grupais. <u>2º Momento</u> - Imprimir o calendário e colar na parede da sala de convívio da casa.
3º Etapa	Avaliação	A avaliação da sessão será avaliada pela participação dos jovens na mesma.

4.3. Plano de sessão N°3 – “Dia Internacional da Mulher”

Tabela 4 - Plano de sessão n° 3

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Dia Internacional da Mulher”
	Data da realização	08/03/2023
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 4 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens e Cuidadores e Técnicos da casa de acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Celebrar e consciencializar os jovens e os adultos da casa de acolhimento da importância da celebração do Dia Internacional da Mulher;

	Recursos (materiais e financeiros)	Cartolinas de diferentes cores – 3 uni. - 2,50 euros Tubo de cola batom – 1 uni. - 1,90 euros 1 caneta de cor - 0,25 euros 1 rolo de fita de embrulho - 1,25 euros 1 caixa de chocolates de barra (16uni.) – 2 euros; Fotocopiadora – (1 uni.) 0,25 euros Plastificadora Folhas de plastificar
	Metodologia	<u>1º Momento</u> - Desenvolver o infográfico sobre o Dia da Mulher (motivo da celebração e história), imprimir, plastificar e recortar; <u>2º Momento</u> - Com moldes, realizar flores de cartolina, nas pétalas escrever frases motivacionais, elogios e agradecimento para as mulheres, colar as etiquetas com a data a celebrar, fazer o caule também com cartolina e por fim amarrar com fita de embrulho um pequeno chocolate; <u>3º Momento</u> – Entregar a todas as mulheres da casa e felicitar um Feliz Dia da Mulher.
3º Etapa	Avaliação	A avaliação da sessão será avaliada pela participação dos jovens e dos intervenientes na mesma

4.4. Plano de sessão N°4 – “Decoração da Páscoa”

Tabela 5 - Plano de sessão nº 4

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Decoração da Páscoa”
	Data da realização	03/04/2023 – 06/04/2023
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 5 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Decorar o CAL; Fomentar a criatividade nos jovens e o gosto pelas artes plásticas;
	Recursos (materiais e financeiros)	Cascas de ovo - 6 uni. Cartão – 2 uni. Papeis de diversas texturas – 3 uni. Fitas de diversas cores – 3 uni. Lenços de papel – 6 uni. Cola quente – 1 uni. Tecido – 1 uni. Algodão de enchimento – 2 uni. Papel crepe – 1 uni.

		<p>Tesoura – 1 uni.</p> <p>Linha e agulha – 1 uni.</p> <p>Cartolinas de várias cores – 3 uni.</p> <p>Rafia – 1 rolo</p> <p>Fio de pesca – 1 uni.</p>
	Metodologia	<p><u>1º Momento</u> – Imprimir o molde de coelho; Recortar e fazer vários coelhos nas cartolinas coloridas através do molde;</p> <p><u>2º Momento</u> – Desenhar as pernas do coelho no tecido, cortar e coser; Encher o tecido com o material de enchimento;</p> <p><u>3º Momento</u> – Fazer o molde da barriga em cartão e o molde das orelhas; Decorar a gosto;</p> <p><u>4º Momento</u> – Com a rafia, fazer laços em volta dos coelhos pequenos de cartolina, colar todos em fila com o fio de pesca e pendurar;</p> <p><u>5º Momento</u> – Juntar as orelhas o corpo e as pernas e pendurar o boneco no sítio pretendido.</p>
3º Etapa	Avaliação	A atividade será avaliada pelo feedback de todos os intervenientes da casa de acolhimento.

4.5. Plano de sessão N°5 – “Sessão de Valorização Pessoal e Social”

Tabela 6 - Plano de sessão n° 5

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Sessão de Valorização Pessoal e Social”
	Data da realização	04/04/2023
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 4 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	<p>Ajudar os jovens a compreender a importância do autoconhecimento;</p> <p>Realçar e ajudar os jovens da casa a identificar traços e características positivas em cada um;</p> <p>Conceber dicas para aumentar a auto-estima de cada jovem;</p> <p>Perceber o poder da valorização individual para levar à valorização social.</p> <p>Implementar o método da análise SWOT, capacitando os jovens de identificarem forças, oportunidades, fraquezas e ameaças em relação á vida pessoal</p>

	Recursos (materiais e financeiros)	Computador – 1 uni. Televisão – 1 uni. Impressora /folhas Canetas
	Metodologia	<u>1º Momento</u> – Preparação dos materiais necessários (computador, projeção e PowerPoint); Exercício de Autoconhecimento – Reflexão “Eu Pessoal” – Realização de uma análise SWOT pessoal; <u>2º Momento</u> - Dinâmica da Auto-estima; Segue em anexo o guião com a dinâmica; <u>3º Momento</u> - Visualização da curta-metragem “Validação – O poder do Elogio e da positividade” Por fim irá ser feita a avaliação das atividades
3º Etapa	Avaliação	A avaliação desta sessão irá ser feita através de uma escala hedônica facial que se encontra em anexo.

4.6. Plano de sessão N°6 – “Sessão de Lavandaria”

Tabela 7 - Plano de sessão n°6

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Sessão de Lavandaria”
	Data da realização	05/04/2023
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 1 Hora
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Aumentar os conhecimentos dos jovens no tratamento da roupa; Fomentar o interesse dos jovens para a realização dos ateliers de lavandaria;
	Recursos (materiais e financeiros)	Computador – 1 uni. Televisão – 1 uni.
	Metodologia	<u>1º Momento</u> – Preparar os materiais necessários (computador, projeção e PowerPoint); <u>2º Momento</u> – Dinamização e conversa com os jovens sobre o tema apresentado (leitura de etiquetas, lavar, alvejar, passar, secar, temperaturas, tecidos e programas de máquinas de lavar);
3º Etapa	Avaliação	A avaliação da sessão será avaliada pela participação e feedback dos jovens na mesma.

4.7. Plano de sessão N°7 – “Art’Criativa”

Tabela 8 - Plano de sessão n° 7

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Art’Criativa”
	Data da realização	12/04/2023
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 4 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Proporcionar momentos de lazer aos jovens da casa; Fomentar a criatividade nos jovens, oferecendo uma experiência sensorial a fim de criarem uma peça de argila própria;
	Recursos (materiais e financeiros)	Pasta de Modelar – 3uni. – 7 euros Tintas Guache – Várias Cores – 5 euros Verniz Vitral – 1 uni. – 3,40 euros Rolo de estender – 1 uni. - 5 euros Rolo de película aderente – 1 uni. – 1,90 euros Faca de barrar – 1 uni. Pincel – 8 uni. – 4 euros Jornal – 2uni. Água – 500 ml Garfo – 1uni. Palitos – 5 uni. – 1 euro Recipientes vazios – 5 uni. Pano – 1uni. Computador – 1 uni. Colunas de som – 1 uni. Telemóvel – 1 uni. Preço médio total = 27,30 euros
	Metodologia	<u>1º Momento</u> – Preparação do local da atividade (sala de estudo); Colocar todos os materiais necessários em cima da mesa; Colocar música ambiente. Realização – Modelar e criar peças pretendidas pelos jovens; Assim que concluídas, forrar a mesa centrar com jornal e deixar as peças a secar para o dia seguinte; <u>2º Momento</u> – Pintar as peças e deixar secar; <u>3º Momento</u> – Envernizar as peças para que as mesmas durem mais tempo. <u>Momento Final</u> – Arrumação e limpeza do espaço utilizado. Momento fotográfico para recordação da atividade

3º Etapa	Avaliação	A atividade designada por “Art’Criativa” irá ser avaliada pela participação e interesse dos jovens durante a mesma.
----------	-----------	---

4.8. Plano de sessão N°8 – “Showcooking”

Tabela 9 - Plano de sessão n° 8

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Showcooking”
	Data da realização	Férias letivas da Páscoa
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 3 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Ensinar de forma lúdica e descontraída a confeccionar bolachas Fomentar o trabalho de equipa
	Recursos (materiais e financeiros)	Forno – 1 uni. Tabuleiro – 1 uni. Colher Faca - 1 uni. Ralador – 1 uni. Papel vegetal ou papel de alumínio – 1 uni. Bacia – 3 uni. Açúcar – 200 gr – 1,40 euros Manteiga – 200gr – 0,80 euros Farinha – 1 kg – 0,90 euros Leite – 1L – 0,90 euros Ovos – 2 uni. – 1,40 euros Chocolate de culinária – 1uni. – 1,15 euros *o valor dos produtos necessários para a confeção das bolachas é relativo às unidades de supermercado e podem variar o preço consoante as marcas.
	Metodologia	<u>1º Momento</u> – Preparação do local da atividade (refeitório) – Disponibilizar de quatro mesas com todos os ingredientes e utensílios necessários à atividade; <u>2º Momento</u> – Dinâmica de confeção da massa passo a passo e moldagem das bolachas para o tabuleiro. Colocar os tabuleiros no forno; <u>Momento Final</u> – Arrumação e limpeza dos espaços utilizados (refeitório e copa da casa). Degustação e partilha das bolachas por todos os elementos da casa.
3º Etapa	Avaliação	A avaliação da atividade será avaliada pela participação e feedback dos jovens na mesma.

4.9. Plano de sessão N°9 – “Horta Pedagógica”

Tabela 10 - Plano de sessão n° 9

Plano de sessão		
1º Etapa	Título da atividade /sessão	“Horta Pedagógica”
	Data da realização	Férias letivas da Páscoa
	Local /Tempo previsto	Centro de Acolhimento do Loreto / 3 Horas
	Responsável	Estagiária de Educação Social
	Grupo-alvo	Jovens e Cuidadores da Casa de Acolhimento
2º Etapa	Objetivo	Melhorar a literacia sobre a agricultura biológica dos conceitos à prática; Reconhecer a importância da produção biológica; Desenvolver espírito/trabalho de equipa entre os jovens e elementos da casa, estimulando a convivência entre pares; Criar uma responsabilidade social dos jovens para com a casa;
	Recursos (materiais e financeiros)	Vasos / Recipientes reutilizáveis; Enxada – 2 uni. Pá – 2 uni. Ponto de água; Balde – 1 uni. Adubo orgânico – 1 kg – 3 euros; Substrato – 45L – 5 euros; Tomate – 5 uni. - 3 euros; Cebola – 5 uni. – 3 euros; Alho – cozinha; Morangos – 10 uni. – 3 euros; Cenoura (semente) – 1,20 euros; Melancia (sementes) – 0,90 euros; Alho francês – 3 uni. – 3 euros; Salsa (vaso) – 0,90 euros; Manjerição (vaso) – 0,80 euros; Curgete – 3 uni. – 3 euros; Alface – 5 uni. – 3 euros; *o valor dos produtos necessários é uma estimativa, visto que o preço pode consoante as marcas e as quantidades.
	Metodologia	<u>1º Momento</u> – Preparação do espaço e a decisão do que irá ser plantado com os jovens; <u>2º Momento</u> – Compra das plantas /sementes juntamente com os jovens; <u>3º Momento</u> – Preparar a terra para a plantação; Plantar e regar as mesmas; <u>4º Momento</u> – Cuidar e regar, distribuição /planeamento da tabela das tarefas semanais.
3º Etapa	Avaliação	A avaliação da atividade será avaliada pela participação e empenho dos jovens na mesma.

5. Implementação e avaliação das atividades de educação não formal e do tempo livre

Em 1959, Donald Kirkpatrick estabeleceu as bases de um modelo de avaliação da formação que se destacou pela coerência e pelo rigor da sua abordagem sistêmica da formação (integrada nos processos da empresa).

Para a avaliação das sessões realizadas foram utilizados os níveis 1 e 2 do modelo de avaliação de Kirkpatrick, sendo que a estratégia de avaliação teve em consideração o modelo de avaliação da reação e das aprendizagens.

Tabela 11 - Modelo de avaliação de Kirkpatrick, 1959

Tabela de avaliação	Escala de Likert (1 a 5)	
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade		
Participação na atividade		
Interesse na atividade		
Cooperação na atividade		
Realização das tarefas propostas		
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades		

5.1. Plano de sessão N°1 – “Conta-me sobre ti”

A atividade foi dinamizada no dia previsto para a mesma, depois do jantar dos jovens. O motivo de ter sido escolhido este horário, foi para ir de encontro ao objetivo da atividade e abranger o maior número de jovens, sendo este um horário em que todos estariam em casa sem qualquer atividade ou responsabilidade associada.

No início não estavam com muita vontade quando lhes foi dito que haveria uma dinâmica para realizar e quando visualizaram canetas utilizaram logo a expressão (“ei escrever... já escrevemos tanto na escola, não quero escrever nada”). Devido a este primeiro impasse de falta de motivação por parte do grupo, foi decidido realizar a atividade nos sofás da sala a fim dos jovens poderem estar à vontade e descontraídos.

Objetivo da dinâmica: O principal objetivo da realização desta dinâmica foi para que os jovens se conhecessem melhor uns aos outros e criarem relações entre eles. Foi uma dinâmica simples, mas que através dela é possível, desenvolver o trabalho em equipa, reforçar a coesão grupal ficando a conhecer melhor o grupo e entre os jovens eles reconhecerem as pareências que até têm uns com os outros, que talvez nem conheciam.

Avaliação: Ao longo da dinâmica foram participativos e demonstraram uma atitude positiva em relação ao que estavam a fazer. Por fim tive o feedback de uma cuidadora da equipa

educativa, que os jovens foram muito participativos e que estavam contentes na realização da mesma, reforça que o facto de já conhecer o grupo há algum tempo considera que foi uma dinâmica positiva para os jovens.

Sugestão de melhoria: Alterar o tema nas rodadas, pois os jovens começaram a desmotivar por ser sempre a mesma categoria de habilidades e características em comuns.

Tabela 12 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº1

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	4	
Participação na atividade	4	
Interesse na atividade	3	
Cooperação na atividade	5	
Realização das tarefas propostas	5	
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	

5.2. Plano de sessão Nº2 – “Calendário dos Bons Momentos”

Avaliação: Alguns dos jovens da casa foram conversando sobre os desafios ao longo dos dias, no entanto tiveram dificuldades em cumprir com os mesmos. Não mostraram muito interesse, mas resultaram alguns feedbacks positivos da dinâmica.

Sugestão de melhoria: A dinâmica do calendário deveria ter sido apresentada ao grupo e fomentar a curiosidade nos jovens e nos educadores de cumprirem os desafios.

Tabela 13 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº2

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade		Não se aplica
Participação na atividade	2	
Interesse na atividade	2	
Cooperação na atividade		Não se aplica
Realização das tarefas propostas	2	
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	1	

5.3. Plano de sessão N°3 – “Dia Internacional da Mulher”

A celebração deste dia, foi marcado com a distribuição de infográficos e de uma flor com um agradecimento e elogio escrito pelas jovens da casa, que eram duas. A receção por parte das técnicas, das educadoras e das funcionárias foi bastante positivo, tendo havido muitos sorrisos e abraços entre todas. Só as raparigas da casa mostraram interesse em participar, tendo as mesmas sido bastante interessadas e motivadas na realização das flores, já o infográfico feito pela estagiária, também recebeu muitos elogios.

Tabela 14 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº 3

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	2	
Participação na atividade	2	Só as raparigas participaram na atividade;
Interesse na atividade	5	Estiveram bastante motivadas em realizar as flores
Cooperação na atividade	5	
Realização das tarefas propostas	5	
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	O infográfico realizado foi bastante enriquecedor em informação sobre o Dia Internacional da Mulher

5.4. Plano de sessão N°4 – “Decoração da Páscoa”

A fim de assinalar a data festiva para alguns dos jovens, foram realizadas duas decorações junto dos jovens. Foi possível estimular a criatividade e desenvolver competências e técnicas artísticas, como construção, colagem e recorte. Foi construído um coelho como figura representativa para decorar uma parede e foi também criado um cordão a fim de decorar a porta de entrada da sala de estar da casa, com pequenos coelhos feitos de cartolina.

Avaliação: Os jovens colaboram na construção de ambas as tarefas e foi proporcionado um bom momento de interação entre os jovens.

Tabela 15 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº4

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	2	Nem todos os jovens participaram na atividade
Participação na atividade	4	
Interesse na atividade	3	
Cooperação na atividade	4	
Realização das tarefas propostas	5	
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	Aumentaram a criatividade e a prática do manuseamento de materiais plásticos


5.5. Plano de sessão N°5 – “Sessão de valorização pessoal e social”

Objetivo da dinâmica: O motivo da realização desta sessão foi a forma a ir de encontro às necessidades encontradas nos jovens pela falta de autoconhecimento que os jovens têm sobre si mesmos e a importância que é de nos desenvolvermos e nos conhecermos cada vez melhor. O principal objetivo desta sessão foi desenvolver o autoconhecimento de cada jovem de forma que os mesmos possam ser autónomos no que toca ao desenvolvimento pessoal. Foi sem dúvida um momento de reflexão e aprendizagem sobre o autoconhecimento.

Avaliação: Ao longo da dinâmica foram participativos e demonstraram uma atitude positiva em relação ao que estavam a fazer. Por fim tive o feedback de uma cuidadora da equipa educativa, que os jovens foram muito participativos e que estavam contentes na realização da mesma, reforça que o facto de já conhecer o grupo há algum tempo considera que foi uma dinâmica positiva para os jovens.

Para esta atividade foi desenvolvido um instrumento de avaliação na qual os jovens teriam de preencher no final da sessão. No que diz respeito à avaliação preenchida pelos jovens, no primeiro quadro onde é pedido que fizessem uma bola em cima do número do boneco que correspondesse a opinião do que acharam da sessão, as respostas foram: 0 – não gostei; 1 – gostei pouco; 1 – Não gostei nem desgostei; 2 – Gostei; 2 – Gostei Muito; Já no segundo quadro onde questionava os jovens de como estava o estado de espírito dos mesmos depois da sessão as respostas foram: 0 – Piorou; 2 – Ficou igual; 4 – Melhorou; Por fim na caixa de sugestões encontram-se respostas como: “ Foi tudo bom”, “Mais” e “ Todos os dias elogiar alguém”.

Posto isto, de forma geral a sessão teve uma avaliação positiva por parte dos jovens, podendo verificar que o estado de espírito dos jovens melhorou depois da sessão e que a mesma teve um efeito positivo no mesmo.

Avaliação da Sessão de Valorização Pessoal e Social				
De acordo com aquilo que achaste da sessão, faz uma bola em cima do número do boneco que corresponde à tua opinião.				
				
1 – Não gostei	2 – Gostei Pouco	3 – Não gostei Nem desgostei	4 – Gostei	5 – Gostei Muito
Depois desta sessão sinto que o meu estado de espírito:				




		
Piorou	Ficou Igual	Melhorou
A minha caixa de sugestões:		

Figura 1 – Modelo de avaliação da sessão de Valorização Pessoal e Social

Tabela 16 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº5

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	3	Dois dos jovens não quiseram participar e outros dois jovens encontravam-se em aulas;
Participação na atividade	4	Foram participativos e demonstraram uma atitude positiva em relação aos temas abordados durante a sessão;
Interesse na atividade	4	
Cooperação na atividade	4	
Realização das tarefas propostas	4	Nem todos os jovens realizaram uma das atividades propostas;
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	Era necessário fazer um contínuo de sessões sobre os temas abordados.

5.6. Plano de sessão Nº6 – “Sessão de Lavandaria”

Objetivo da dinâmica: O principal objetivo desta sessão, foi consciencializar os jovens de como é importante realizar tarefas de lavandaria no dia a dia, mostrando diversos temas sobre o mesmo.

Avaliação: No início estavam muito receosos para participar, devido ao facto de terem de sair das suas zonas de conforto (telemóvel, televisão, jogos de computador).

Foram participativos ao longo de toda a sessão, havendo uma participação geral de todos os jovens.

Sugestão de melhoria: Tornar a sessão mais dinâmica, com exemplos práticos de tecidos de diferentes cores e texturas seria uma boa forma de realizar um exercício com breves questões (exemplos: umas calças de ganga, em que programa se deve lavar? Como se estende umas calças de ganga? E como se poderá dobrar as respetivas calças?), dando a oportunidade aos jovens de exemplificarem.

Tabela 17 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº6

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	3	Dois dos jovens não quiseram participar e outros dois jovens encontravam-se em aulas;
Participação na atividade	4	Foram participativos durante a sessão;
Interesse na atividade	3	Tema da sessão não os chamou à atenção;
Cooperação na atividade	5	Apesar da sessão ter sido expositiva, ao longo da mesma havia momentos de interação aos quais os jovens participaram e cooperaram para que a sessão avançasse.
Realização das tarefas propostas	5	
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	

5.7. Plano de sessão N°7 – “Art’Criativa”

Total de participantes na sessão: Nesta atividade houve uma redução de participação comparativamente às outras, tendo só participado quatro jovens, sendo que outros quatro não mostraram interesse em participar e dois estavam a frequentar as aulas.

Objetivo da dinâmica: Esta atividade de caráter lúdico, tinha como objetivo fomentar a criatividade dos jovens e oferecer uma experiência diferente da rotina dos mesmos.

Avaliação: No que diz respeito à avaliação preenchida pelos jovens, a mesma foi positiva, com 2 – Gostei e outros 2 – Adorei. Os jovens que participaram gostaram muito da atividade. Estiveram motivados e interessados na realização das suas peças.






Avaliação da atividade – Art’Criativa				
Circula o smile com que te identificas para avaliares a “Art’Criativa”.				
				
Detestei 1	Não gostei 2	Indiferente 3	Gostei 4	Adorei 5
Projeto de estágio MESDDL – Mariana Almeida				

Figura 2 – Modelo de avaliação da atividade – Art’Criativa

Tabela 18 – Tabela de avaliação do plano de sessão nº7

Tabela de avaliação Escala de Likert (1 a 5)		
Avaliação da reação / satisfação (nível 1)		Observações
Assiduidade	2	Foram poucos os jovens que aderiram a atividade
Participação na atividade	3	
Interesse na atividade	4	Apesar de algumas dificuldades encontradas pelos jovens, no decorrer da atividade por nunca terem trabalhado com argila, os mesmos não desistiram até concluírem a sua peça.
Cooperação na atividade	5	
Realização das tarefas propostas	5	Todos os participantes realizam pelo menos uma peça de arte com argila.
Avaliação de aprendizagem (nível 2)		
Aumento / Alteração de conhecimentos e capacidades	3	

5.8. Plano de sessão N°8 – “Showcooking”

Esta atividade não foi realizada, visto que os jovens não quiseram participar na mesma. Os jovens criam bastante resistência em relação a tudo o que seja proposto na casa e não mostram interesse na realização de novas tarefas e dinâmicas. Esta atividade foi inserida no plano de férias letivas da Páscoa, na qual os jovens já tinham tido outras oportunidades de confeccionar refeições e sobremesas de forma autónoma e talvez por esse motivo já não quiseram realizar a atividade relacionada também com a cozinha.




Avaliação da atividade – Showcooking				
Como te sentes depois de teres realizado esta atividade? Circula o smile com que te identificas para avaliares o “Showcooking”.				
 Detestei 1	 Não gostei 2	 Indiferente 3	 Gostei 4	 Adorei 5
Projeto de estágio MESDDL – Mariana Almeida				

Figura 3 – Modelo de avaliação da atividade – Showcooking

5.9. Plano de sessão N°9 – “Horta Pedagógica”

Esta atividade, foi uma proposta para a casa, a fim de incentivar os jovens a adotar uma alimentação saudável, criar uma responsabilidade social e união de grupo. Em conversa com alguns dos educadores da casa, os mesmos mostraram interesse, resultando de um feedback

positivo em relação ao desenvolvimento de capacidades dos jovens e uma boa prática para a casa desenvolver.

É de reforçar que esta não seria uma atividade pontual, tendo de se criar uma rotina na casa com todos os intervenientes para que a mesma resultasse.

A horta pedagógica não foi uma atividade posta em prática, devido à falta de recursos financeiros e materiais para a mesma, apesar de haver espaço para a realização da horta, a casa não tem materiais necessários para a realização das plantações, nem estruturas para a rega que seria necessária durante o ano.






Avaliação da atividade – Horta Pedagógica				
Como te sentes depois de teres realizado esta atividade? Circula o smile com que te identificas para avaliares o “Horta Pedagógica”.				
				
Detestei 1	Não gostei 2	Indiferente 3	Gostei 4	Adorei 5
<small>Projeto de estágio MESDDL – Mariana Almeida</small>				

Figura 3 – Modelo de avaliação da atividade – Horta Pedagógica

Capítulo V. Passos para a autonomia: propostas de intervenções socioeducativas individuais e grupais

1. Plano de Intervenção Individual: Uma proposta socioeducativa

O Plano de Intervenção Individual (PII) definido pelo Decreto-Lei n.º 164/2019, é um instrumento técnico que contém toda a informação necessária para a intervenção diária com as crianças e jovens (C/J).

Segundo o 16º artigo “O plano de intervenção individual é elaborado pela equipa técnica da casa de acolhimento e/ou pelas entidades que forem indicadas no acordo de promoção e proteção ou na decisão judicial”, sendo o mesmo articulado com o gestor de processo, contando com a participação da família e da C/J.

Em cada PII, deverá constar os objetivos a atingir, as ações a desenvolver em função das necessidades, vulnerabilidades e potencialidades de cada C/J, entidades a envolver e respetiva duração, de acordo com o diagnóstico da situação da C/J.

Uma das principais necessidades encontradas no diagnóstico feito no início do estágio era a atualização do PII, utilizado pelo CAL, deste modo, foi estruturada uma proposta de PII baseado no exemplo do livro “Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens em Perigo – Conceitos, Prática e Intervenção, de Peixoto e Oliveira, 2021”

Após a análise da equipa técnica e realizados pequenos ajustes de melhoria, foi aprovado a implementação do documento (apêndice 7) pela casa.

2. Plano de autonomização individual para um jovem acolhido

Como metodologia utilizada pela casa as tabelas e os planos já são uma prática de caráter organizacional de forma a estruturar metas e objetivos a atingir por parte dos técnicos. Dessa forma serão abordadas duas metodologias de intervenção realizadas para a autonomização de um jovem acolhido que visou como objetivos: o cumprimento de regras na casa de acolhimento, a ocupação do jovem nos seus tempos livres, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, um aumento de consciência por parte do jovem para a vida adulta e o incentivo para o aumento de responsabilidade e tomada de decisões conscientes na vida do jovem.

a) Plano de intervenção

Devido ao incumprimento de regras e normas por parte de um jovem, a técnica gestora tomou por medida a realização de um plano de intervenção com a duração de três meses como medida de dotar o jovem à consciencialização e responsabilização de tarefas, desenvolvimento de competências e capacitação do jovem (apêndice 8).

Foi construído um plano com diferentes áreas de intervenção, em que em cada uma contém os objetivos a atingir, a metodologia e os intervenientes responsáveis nessa área de atuação.

O plano contou com cinco áreas de intervenção, nomeadamente: Responsabilização Social, onde incluiu o planeamento de um projeto de reciclagem para o CAL, a procura de um emprego e o envolvimento e participação social na comunidade através da participação em voluntariado; Gestão Financeira, onde o jovem tinha como objetivo de obter uma poupança mensal através de uma gestão responsável do seu dinheiro; Educação Formal correspondia à frequência e participação no curso; Educação Não Formal dizia respeito à assiduidade e cumprimento de regras na atividade desportiva que frequentava e nas dinâmicas do CAL; Por fim as Entidades Envolvidas, diziam respeito às responsabilidades com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e com as consultas de psicologia em que o mesmo estava envolvido. Para avaliação do plano foi também construído uma tabela de avaliação, para que os responsáveis pudessem preencher e fazer a análise global do mesmo (apêndice 9).

b) Plano de ocupação

No ano curricular 22/23, um dos jovens iniciava um curso profissional mais tarde que os outros jovens da casa e por esse motivo, o profissional de educação social ficou responsável da construção de planos de ocupação para o jovem ao longo das semanas que iria ficar no CAL.

Foram realizados quatro planos de ocupação (apêndice 10). Estes mesmos planos foram desenvolvidos e estruturados de forma autónoma e com o acompanhamento da técnica gestora do jovem para o ajustamento de tarefas que ela achasse pertinentes.

Os planos foram preenchidos juntamente com o jovem para que o mesmo pudesse ter voz e responsabilização na construção dos mesmos. Os planos tinham sempre como tarefas diárias as faxinas da casa, os horários das refeições e os treinos de futebol que o jovem frequentava, o resto do tempo era pensado e planeado consoante as oportunidades, necessidades e gostos do jovem, como apoio nas arrumações do CAL, visitas e passeios na cidade, momentos lúdicos e tempo livre.

3. Identificação das necessidades e proposta de intervenção

Para uma melhor compreensão das necessidades e dificuldades sentidas na intervenção do plano de autonomização é apresentada uma análise SWOT, onde se distingue as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, relativas ao plano de autonomização, integrando o jovem, a equipa da casa e os colaboradores da mesma.

Tabela 19 – Análise SWOT das necessidades de intervenção

Forças	Fraquezas
Capacidade da realização de um plano de intervenção completo inteiramente ligado às necessidades do jovem;	Consciência do jovem à necessidade de apoio e ajuda nas diversas áreas e aceitar a intervenção que lhe é proposta; Falta de comunicação entre todos os colaboradores da casa a fim de se realizar uma intervenção consistente Falta da oportunidade para a partilha de opiniões relativas à intervenção
Oportunidades	Ameaças
Aumento das capacidades do jovem nas diversas áreas definidas; Apoio na definição do projeto de autonomia do jovem; Crescimento pessoal e social do jovem;	Falta de acompanhamento ao longo do projeto de intervenção;

3.1. Balanço reflexivo

Em análise ao trabalho realizado, em ambas as intervenções, é fundamental que todos os intervenientes da casa, estejam integrados no processo para que possam colaborar na intervenção de forma presente e consciente. Assim é de referir que o primeiro passo é que sempre que será feita uma nova intervenção na casa, todos devem ter o conhecimento da mesma, com direito a expressarem a sua opinião de forma a se melhorar a prática socioeducativa.

É imprescindível que o jovem esteja consciencializado da intervenção e dos objetivos delineados para a mesma para que todos trabalhem na mesma direção. O principal interveniente é o jovem e dessa forma ele é foco principal de todo o trabalho pensado e realizado, tendo ele também sempre uma opinião a dar relativamente à intervenção.

Uma carência do plano de intervenção foi o facto da avaliação e acompanhamento não ter sido executado de forma regular o que levou a que o jovem se desleixasse na suas tarefas.

O acompanhamento, revisão e avaliação do plano de autonomização ao longo do período de implementação é também uma tarefa que não pode ser esquecida, pois só assim é possível um processo de evolução e realização do plano.

O jovem não estava interessado no cumprimentos dos objetivos do planos de autonomização e isso foi também um obstáculo a superar.

Relativamente aos planos de ocupação, é um desafio a construção de diversas atividades para semanas consecutivas, tendo em consideração os gostos e necessidades do jovem, a fim da sua dinamização. O jovem foi resistente em algumas das atividades que lhe foram propostas, no entanto foi uma intervenção positiva ao nível da concretização.

Em ambas as intervenções, é imprescindível o acompanhamento, a monitorização e a avaliação das intervenções para que as mesmas se desenrolem e sejam alcançados os objetivos definidos. Em casas de acolhimento com respostas de emergência, tanto os planos de intervenção, como os planos de ocupação, são duas intervenções bastante pertinentes, no sentido de que a qualquer momento a casa poderá receber C/J onde a mesma, têm de estar preparada com atividades e programas de ocupação de tempos livres e desenvolvimento de competências para C/J.

4. Ateliers para a autonomia: Intervenções grupais

Os ateliers surgiram na CAR como atividades estruturadas e planeadas pela equipa técnica, com o objetivo de desenvolver competências para a vida, autonomização e responsabilização na vida dos jovens.

A participação das C/J nas atividades domésticas da casa, deve ter como finalidade a aprendizagem das mesmas, como um caminho de preparação para a autonomia, promover a participação ativa na casa, e ainda, fomentar a responsabilização pelo cumprimento das tarefas com vista sempre a melhoria das mesmas.

A responsabilidade da aplicação dos ateliers foram alvo de uma atenção especial na medida em que foram feitos alguns ajustamentos na sua planificação e sobretudo foi feita uma proposta de avaliação para cada um deles.

No início da implementação dos ateliers na CAR, a equipa educativa respondia às pessoas responsáveis pela aplicação dos ateliers, ou seja, eram as pessoas responsáveis pela realização do atelier estando a seu cargo a monitorização do atelier e aplicação dos instrumentos de avaliação do mesmo. Depois de alguns ajustes, a fim de corresponder a algumas necessidades a educadora social responde à pessoa responsável pela aplicação dos ateliers e aplicação dos instrumentos de avaliação, contando sempre com a equipa educativa para em qualquer imprevisto, atuar na implementação dos ateliers.

Os dois ateliers que a seguir estão apresentados foram por nós ajustados do ponto de vista da planificação e foram respetivamente para cada um deles produzidos instrumentos de avaliação intitulados de “perfil de competências de cozinha e lavandaria” e o instrumento de autoavaliação como “autoavaliação de cozinha e lavandaria”.

No atelier de lavandaria não houve lugar a aplicação da estratégia de avaliação tal como previsto, uma vez que os responsáveis pelo atelier não aplicaram juntos dos jovens os questionários no final do atelier, nem fizeram o preenchimento do perfil de competências do mesmo, pelo que não existem resultados de autoavaliação do atelier de lavandaria.

Já o atelier de cozinha, por nós monitorizado foi possível o não só cumprimento do planeamento, mas também a estratégia de avaliação em que de seguida, são apresentados os resultados conforme previsto.

4.1. Atelier de lavanderia

4.1.1. Identificação de necessidades

O atelier de lavanderia insere-se nas atividades da casa, fazendo parte de um programa de autonomização dos jovens do CAL. O atelier consiste no processo de tratamento de vestuário, a fim de dotar os jovens de várias competências ao nível pessoal e grupal.

4.1.2. Planeamento do atelier

Esta dinâmica é realizada na lavanderia da casa, tendo disponíveis todos os utensílios necessários para a execução e aprendizagem de tarefas diárias de lavanderia, desde o tratamento da roupa, costura, dobragem e passagem da mesma. Neste atelier é feita a limpeza e arrumação da roupa e do espaço sempre que necessário, de forma a incentivar os jovens á organização e cuidado doméstico necessário para a realização das tarefas do dia a dia nas suas vidas futuras.

Como descrito acima, foi utilizado o mesmo método de registo, avaliação e acompanhamento nos ateliers de lavanderia, com a ficha de autoavaliação para o preenchimento dos jovens e o perfil de competências para o preenchimento do responsável.

4.1.3. Identificação das competências a desenvolver

Na realização deste atelier os jovens dotam-se de várias competências, como a organização, o trabalho em equipa, responsabilidade e a autonomia.

4.1.4. Objetivos de aprendizagem

Os objetivos definidos para o atelier de lavanderia são:

- Saber identificar e distinguir os vários tecidos existentes;
- Aprender a ler as etiquetas informativas;
- Conhecer os diferentes passos do tratamento de roupa e executá-los;
- Desenvolver métodos de dobragem e arrumação da roupa;
- Aprender a manusear com as máquinas de lavar e secar;

4.1.5. Tarefas a desenvolver

Durante o atelier, os jovens têm diversas tarefas a desenvolver nomeadamente: tratar da roupa, lavar, secar e dobrar e também arrumar e organizar a roupa nos diversos armários. Têm também como tarefas a passagem da roupa, e fazer pequenos arranjos à mão.

4.1.6. Estratégia de avaliação

A estratégia utilizada para os dois ateliers fora a mesma. Preenchido pelos jovens a ficha da “Autoavaliação” e pelo supervisor do atelier o “Perfil de Competências”, que apesar dos instrumentos serem os mesmos em ambos os ateliers, diferem os aspetos analisados em cada documento com os temas relativos aos mesmos.

O documento da autoavaliação é composto por 5 questões abertas e 1 de avaliação qualitativa. Os jovens são desafiados a escrever o que realizaram no atelier, como autoavaliam a sua prestação no atelier numa escala de 1 a 5, têm a oportunidade de dar a opinião sobre a importância da realização das tarefas no atelier, descrevem também o que aprenderam de novo e o que fariam de diferente e por fim uma caixa de sugestões para a realização de próximos ateliers. De seguida os jovens têm de se autoavaliar numa escala de 1 a 5 sendo, 1 - Insuficiente; 2 - Suficiente; 3- Bom; 4 - Muito bom e 5 – Excelente aos seguintes aspetos: Sou capaz de Identificar/ Conhecer os vários tipos de têxteis (lã, licra, algodão); Identificar os vários programas a usar na máquina de lavar; Selecionar o programa da máquina consoante o tipo de roupa a lavar; Dobrar devidamente a roupa; Utilizar os eletrodomésticos necessários à preparação da roupa (máquina de lavar, ferro de engomar); Passar a roupa; Ser arrumado e organizado durante o atelier; por fim têm uma questão de resposta aberta para os jovens refletirem: Agora que reflito, o que necessito de melhorar?

O Instrumento “Perfil de Competências” é composto por uma tabela intitulada de “O jovem é capaz de:”, e os indicadores de avaliação são iguais ao da autoavaliação dos jovens.

Em apêndice podemos verificar o exemplo dos instrumentos utilizados durante a intervenção, sendo o apêndice 11 o perfil de competências e o apêndice 12 a autoavaliação.

4.1.7. Resultados

Não é possível apresentar resultados, pois os instrumentos de avaliação não foram preenchidos nem por parte dos jovens nem por parte dos supervisores dos ateliers.

É sem dúvida necessário a explicação da necessidade do preenchimento das avaliações para ser possível a análise e evolução dos jovens ao longo dos mesmos.

4.2. Atelier de cozinha

4.2.1. Identificação de necessidades

O atelier de cozinha insere-se nas atividades da casa, fazendo parte do programa de autonomização dos jovens do CAL. O atelier consiste na elaboração de refeições diárias possibilitando os jovens de participarem na confeção das refeições e aprenderem a confeccionar vários tipos de refeições, com diferentes técnicas. a fim de adquirirem competências pessoais e sociais.

4.2.2. Planeamento do atelier

O planeamento subdivide-se em duas fases: nas duas primeiras sessões os jovens fazem a refeição consoante a ementa do CAL, tendo os jovens que requisitar os ingredientes na cozinha da casa com o apoio de um funcionário responsável (primeira fase). Na terceira sessão, o grupo tem a possibilidade de escolher a ementa que irão confeccionar, tendo os mesmos que realizar a lista dos ingredientes e se deslocarem a um supermercado para fazer as compras, desenvolvendo assim um consumo consciente, uma vez que esta atividade lhes dá a liberdade e possibilidade de

compra dos produtos, permitindo-lhes fazer escolhas e desenvolver a sua autonomia (segunda fase).

Para se avaliar e fazer um acompanhamento da evolução nos ateliers dos jovens, foi desenvolvida uma ficha de autoavaliação apêndice 15 para que os mesmos pudessem preencher como forma de autoconhecimento, percepção das próprias habilidades e aspetos a melhorar nos ateliers seguintes. Foi também desenvolvido um perfil de competências apêndice 14 para que o responsável do acampamento no atelier do dia também pudesse registar a evolução do jovem, fazendo pequenos registos dos mesmos.

4.2.3 Identificação das competências a desenvolver

São várias as competências que os jovens desenvolvem na realização destes ateliers nomeadamente: a organização de espaços e produtos, o trabalho em equipa, a promoção de hábitos de uma alimentação equilibrada e saudável, a empatia, imaginação, criatividade, gestão de dinheiro e gestão de tempo.

4.2.4. Objetivos de aprendizagem

Os objetivos definidos para o atelier de cozinha são:

- Conhecer a importância de uma alimentação equilibrada;
- Conhecer e saber utilizar os equipamentos da cozinha;
- Aprender a realizar uma lista de compras e adquirir produtos de qualidade;
- Capacitar os jovens para a realização de escolhas dos produtos no supermercado com a relação preço/qualidade;
- Aprender a confeccionar refeições, utilizando diversas formas de confeção.

4.2.5. Tarefas a desenvolver

Durante o atelier, os jovens têm diversas tarefas a desenvolver nomeadamente: colocar a mesa, arrumar e limpar o espaço utilizado, usar com segurança e higiene os utensílios e alimentos a confeccionar, organizar os armários e frigoríficos com segurança e higiene, ir ao supermercado, gerir o dinheiro e confeccionar diversos pratos.

4.2.6. Estratégia de avaliação

Como método de avaliação e análise dos ateliers, foram criados dois instrumentos de avaliação intitulados de “Perfil de Competências”, este preenchido pelo supervisor do atelier e outro de “Autoavaliação do atelier de cozinha”, preenchido pelos jovens, de maneira que os mesmos refletissem e se autoanalisassem de forma crítica relativamente ao trabalho realizado.

Do documento da autoavaliação foram analisados os seguintes aspetos: “A refeição confeccionada”, A prestação que os jovens consideram ter tido durante o atelier realizado numa escala de satisfação de 1 considerado como muito insatisfeito a 5 considerado como excelente, “O que aprendi de novo”, “O que faria de diferente”, “Qual o prato que gostaria de confeccionar num próximo atelier”, continha também um espaço para os jovens exprimirem de forma livre as sugestões que quisessem. Por fim, é apresentada uma tabela intitulada de “Sou capaz de:”, onde os jovens teriam de preencher também numa escala de 1 a 5 sendo, 1 - Insuficiente; - 2 - Suficiente; 3- Bom; 4 - Muito bom e 5 – Excelente, aquele com que eles se autoavaliavam.

Os indicadores de avaliação presentes na tabela são: “Usar com segurança cada um dos eletrodomésticos”; “Promover hábitos de higiene, preparação e conservação dos alimentos”; “Gerir as quantidades a confeccionar para o número de elementos necessários”; “Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos”; “Manusear com os utensílios de cozinha”; “Arrumar e limpar a cozinha durante a confeção da refeição”; “Trabalhar em equipa, ter empatia para com o colega, ajudá-lo e ensinar-lhe técnicas que já domino”; “Gerir o tempo para a confeção da refeição” e por fim “Agora que reflito, o que necessito de melhorar?”.

O Instrumento “Perfil de Competências” é composto por uma tabela intitulada de “O jovem é capaz de:”, onde os supervisores teriam de preencher também numa escala de 1 a 5 sendo, 1 - Insuficiente; - 2 - Suficiente; 3- Bom; 4 - Muito bom e 5 – Excelente. Os indicadores a avaliar são: Identificar os eletrodomésticos na cozinha e conhecer as funções usando adequadamente com segurança cada um deles; Promover hábitos de higiene, preparação e conversação dos alimentos; Gerir as quantidades certas a confeccionar para o número de elementos necessários; Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos; Manusear com os utensílios de cozinha; Ser arrumado e limpo durante a confeção da refeição; Trabalhar em equipa, tem empatia para com o colega, ajuda-o e ensina-lhe técnicas; Gerir o tempo para a confeção da refeição; Confeccionar uma sopa de início ao fim; Confeccionar um prato de início ao fim e Confeccionar refeições saudáveis, segundo a roda dos alimentos e a dieta mediterrânea.

Em anexo podemos verificar o exemplo dos instrumentos utilizados durante a intervenção, sendo o apêndice 14 o perfil de competências do atelier de cozinha e o apêndice 15 a autoavaliação do atelier de cozinha.

4.2.7. Resultados

Refeição Confeccionada

No primeiro tópico a preencher na autoavaliação dos jovens das refeições confeccionadas nos ateliers de cozinha, verificamos que foram confeccionadas oito refeições diferentes, tais como: empadão de carne, arroz de carne e legumes, filetes com salada russa, strogonoff, bitoque, hambúrguer no pão e no prato, francesinha, sopa de legumes, de grão-de-bico e caldo verde.

Com esta variedade de ementas, é possível verificar que os jovens foram desafiados a confeccionar com diversas técnicas e tratar de diferentes alimentos. Com os dados apresentados podemos verificar que o empadão de carne foi feito por 2 jovens, assim como o arroz de carne e legumes, o strogonoff, o hambúrguer no pão e o hambúrguer no prato e a francesinha, já refeições confeccionadas por 1 jovem temos os filetes com salada russa e o bitoque.

Tabela 20 – Refeição Confeccionada

Refeição Confeccionada		
	N	%
Empadão de Carne	2	10,5%
Arroz de Carne e Legumes	2	10,5%
Filetes com salada russa	1	5,3%
Strogonoff	2	10,5%
Bitoque + Sopa de Couve	1	5,3%
Hambúrguer no Pão + Caldo Verde	2	10,5%
Hambúrguer no Prato + Sopa de Grão-de-Bico	2	10,5%
Francesinha + Sopa de Legumes	2	10,5%
Omisso	5	26,3%

Prestação no atelier

Para a prestação no atelier os jovens foram desafiados a refletir como sentiam que tinha sido a sua prestação no atelier numa escala de 1 a 5 (sendo 1 muito insatisfeito e 5 excelente). Como apresenta a tabela abaixo, 5 dos jovens avaliaram-se com Bom, outros 5 com Muito bom e 9 dos jovens avaliaram a sua prestação com Excelente. De forma geral os jovens consideram que tiveram uma excelente prestação nos ateliers que realizaram.

Tabela 21 – Prestação no atelier

Prestação no atelier		
Escala de 1 a 5	N	%
3	5	26,3%
4	5	26,3%
5	9	47,4%

O que aprendi de novo

Na questão “O que aprendi de novo”, concluímos que dos 19 jovens 5 foram capazes de identificar o que aprenderam de novo, 2 não souberam o que dizer e os restantes 9 expressam que já sabiam confeccionar os pratos que lhes foram atribuídos.

Tabela 22 – O que aprendi de novo

O que aprendi de novo		
	N	%

Omisso	3	15,8%
Novas formas de confeção (Fazer caldo verde, fazer hamburger, fazer molho de francesinha, engrossar um molho, preparação da sopa)	5	26,5%
Nada	9	47,4%
Não sei	2	10,5%

O que faria diferente

Analisamos que 31,6% dos jovens consideram que os ateliers correram muito bem, visto que não fariam nada de diferente nos mesmos, 3 jovens conseguiram identificar que mudariam os procedimentos durante a confeção da refeição, 1 jovem gostaria de ter a possibilidade de escolher a comida, outro mudaria de par para a realização do atelier, 1 dos jovens concluiu que poderia fazer também sobremesa para a refeição e outro jovem expressou a vontade de fazer mais vezes o atelier.

Tabela 23 – O que faria de diferente

O que faria diferente		
	N	%
	6	31,6%
Mudariam os procedimentos na confeção da refeição	3	26,5%
Escolhiam a comida	1	5,3%
Mudariam de par	1	5,3%
Faziam mais vezes	1	5,3%
Faziam também sobremesa para a refeição	1	5,3%
Nada	6	31,6%

O que gostaria de confeccionar

São diversos os pratos que os jovens gostariam de confeccionar, tais como: Carne de porco à alentejana, Esparguete à bolonhesa, Strogonoff, Guisados, Massa à Carbonara, Panados, Lasanha de carne, Salsicha à Brás, Esparguete com fiambre e Mousse de Manga. Dos dados analisados, o prato que foi mais escolhido pelos jovens foi lasanha de carne com 15,9% de escolha, seguido do Esparguete à bolonhesa e do Strogonoff ambos com 10,6%.

De referir que os pratos aqui apresentados, são boas referências de sugestão para a realização de próximos ateliers efetuados no CAL.

Tabela 24 – O que gostaria de confeccionar

O que gostaria de confeccionar		
	N	%
	9	47,4%
Carne de Porco à alentejana	1	5,3%
Esparguete à bolonhesa	2	10,6%
Strogonoff	2	10,6%

Francesinha	1	5,3%
Guisados	1	5,3%
Massa à Carbonara	1	5,3%
Panados	1	5,3%
Lasanha de carne	3	15,9%
Salsicha à Brás	1	5,3%
Mousse de Manga	1	5,3%
Esparguete com fiambre	1	5,3%

Sugestões

No parâmetro das sugestões é de concluir que os jovens não se manifestaram com grande evidencia, no entanto, um dos jovens descreveu como sugestão do atelier haver mais dinheiro para a realização das compras no supermercado.

Tabela 25 – Sugestões

Sugestões		
	N	%
	18	94,7%
Mais dinheiro	1	5,3%

Na tabela de avaliação “Sou capaz de:” os jovens autoavaliam-se de forma geral entre os indicadores de “Muito bom” e “Excelente” em quase todos os indicadores.

Analisando cada um dos indicadores de forma individual, concluímos que a primeira alínea a observar “Usar com segurança cada um dos eletrodomésticos”, foi avaliada pelos jovens de forma bastante positiva, que como podemos observar na tabela abaixo, os jovens autoavaliaram-se com uma percentagem de 21,1% com Muito bom e com Excelente 78,9%.

A segunda alínea é igualitária á primeira no que diz respeito às classificações dadas pelos jovens, sendo que os mesmos com o tema: “Promoção de hábitos de higiene preparação e conservação dos alimentos”, se consideram muito capazes, tendo-se classificado com 36,8% na escala de Muito bom e 63,2 com a classificação de Excelente.

Sobre “Gerir as quantidades a confeccionar para o número de elementos necessários”, os jovens demonstram já ter algumas dificuldades, havendo 1 que se avalia com Suficiente, 4 que se avaliam com Bom, 8 com Muito bom, tendo este a maior percentagem de 42,1% e 6 que se avaliam com Excelente. De forma geral é também uma área bastante positiva na visão dos jovens.

A quarta alínea sobre “Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos”, diz respeito a como os jovens conseguem aplicar diferentes técnicas de confeção na realização de diversos pratos. A avaliação feita pelos jovens é que 57,9% se avalia com Muito bom, seguido de uma percentagem de 36,8% em Excelente e com menor expressão, um jovem se avalia sendo Bom a utilizar diferentes técnicas.

Com duas alíneas de igual avaliação, observamos o “Manusear com os utensílios de cozinha” e o “Arrumar e limpar a cozinha durante a confeção da refeição”, com uma avaliação de 63,2% em Excelente e 36,8% em Muito bom, considerando assim que ambas as áreas são bastante positivas para os jovens.

Uma alínea que dá ênfase à área das competências sociais, onde se avalia o “Trabalho em equipa, ter empatia para com o colega, ajudá-lo e ensinar-lhe técnicas que já domino”, foi avaliado pelos jovens com maior a percentagem de 57,9% em Excelente, seguido de 26,3% como Muito bom e por fim com 15,8% com Bom, podendo assim observar que no tema do trabalho em equipa e na empatia a maioria dos jovens se consideram excelentes, havendo ainda jovens que consideram que podem melhorar alguns aspetos.

No que toca a gestão de tempo, os jovens avaliam-se nos parâmetros de Bom, Muito bom e Excelente, sendo este o que conta com maior percentagem de 57,9%. Analisamos assim que os jovens gerem bem o tempo da confeção das refeições.

Por fim, na questão aberta: “Agora que reflito, o que necessito de melhorar”, os jovens identificaram 5 aspetos dos quais consideram que necessitam de melhorar que são: as técnicas de cozinha com maior ênfase de 10,6%, a gestão das quantidades necessárias para as refeições, a atenção durante a realização das tarefas no atelier, a organização da cozinha e competências sociais como o trabalho em equipa, saber ouvir o outro e a gestão de tempo.

Tabela 26 – Autoavaliação do atelier de cozinha

Autoavaliação – Atelier de Cozinha							
Escala: Insuficiente – 1; Suficiente – 2; Bom – 3; Muito bom – 4; Excelente – 5;							
Sou capaz de:	1	2	3	4	5	Observações	
Usar com segurança cada um dos eletrodomésticos				Nº 4 21,1%	Nº15 78,9%		
Promover hábitos de higiene, preparação e conservação dos alimentos				Nº 7 36,8%	Nº 12 63,2%		
Gerir as quantidades a confeccionar para o número de elementos necessários		Nº1 5,3%	Nº4 21,1%	Nº8 42,1%	Nº6 31,6%		
Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos			Nº1 5,3%	Nº11 57,9%	Nº7 36,8%		
Manusear com os utensílios de cozinha				Nº7 36,8%	Nº12 63,2%		
Arrumar e limpar a cozinha durante a confeção da refeição				Nº7 36,8%	Nº12 63,2%		
Trabalhar em equipa, ter empatia para com o colega, ajudá-lo e ensinar-lhe técnicas que já domino			Nº3 15,8%	Nº5 26,3%	Nº11 57,9%		
Gerir o tempo para a confeção da refeição			Nº2 10,5%	Nº6 31,6%	Nº11 57,9%		
Necessito melhorar - Agora que reflito, o que necessito de melhorar?	Necessito de melhorar						
						N	%
						11	57,9%
	Técnicas de cozinha					2	10,6%
	A gerir quantidades necessárias					1	5,3%
	Atenção na realização das tarefas					1	5,3%
	A organização na cozinha					1	5,3%
	Trabalhar em equipa, ouvir o outro e gerir o tempo					1	5,3%
	Nada					2	10,5%

No que diz respeito ao Perfil de Competências, preenchido pelo supervisor responsável de cada atelier, o mesmo é avaliado por uma escala de 1 a 5 sendo, 1 - Insuficiente; 2 - Suficiente; 3- Bom; 4 - Muito bom e 5 – Excelente.

Os indicadores de avaliação presentes na tabela foram planeados com a orientação do título “O jovem é capaz de”: desenvolvidos itens de caráter teóricos e práticos, nomeando os mesmos como: “Identificar os eletrodomésticos na cozinha e conhece as funções usando adequadamente com segurança cada um deles”; “Promover hábitos de higiene, preparação e

conversação dos alimentos”; “Gerir as quantidades certas a confeccionar para o número de elementos necessários”; “Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos”; “Manusear com os utensílios de cozinha”; “É arrumado e limpo durante a confeção da refeição”; “Trabalhar em equipa, tem empatia para com o colega, ajuda-o e ensina-lhe técnicas”; “Gerir o tempo para a confeção da refeição”; “Confeccionar uma sopa de início ao fim”; “Confeccionar um prato de início ao fim”; “Confeccionar refeições saudáveis, segundo a roda dos alimentos e a dieta mediterrânea”.

Após a análise e conclusão dos resultados estudados podemos afirmar que relativamente ao indicador “Identificar os eletrodomésticos na cozinha e conhecer as funções usando adequadamente com segurança cada um deles”, os jovens foram avaliados na escala de Suficiente, Bom, Muito bom e Excelente, tendo o Muito bom tido a mais expressão numérica com 47,4% dos resultados. Comparativamente à avaliação feita pelos jovens, observamos uma pequena diferença nos resultados, pois eles focaram-se na avaliação de Muito bom e Excelente, enquanto o supervisor, reconhece algumas dificuldades neste parâmetro havendo resultados com alguma expressão de 15,8% em Suficiente e 26,3% em Bom.

No indicador “Promover hábitos de higiene, preparação e conversação dos alimentos”, os dados mostram-nos que a maior representatividade é no Bom com 47,4%, seguido do Suficiente com 31,6% e com 21,1% Muito bom. Comparando com a avaliação feita pelos jovens a mesma também difere, visto se terem avaliado só com os níveis de Muito bom e Excelente. É de assumir que existem diferentes ideias de higiene, preparação e conservação dos alimentos que necessita de ser exposta para haver um consenso de ideias relativamente ao tema.

No que toca a “Gerir as quantidades certas a confeccionar para o número de elementos necessários”, no geral os jovens tiveram uma avaliação positiva, com 42,1% no indicador Bom e 26,3% em Muito bom, no entanto o nível Suficiente teve também alguma correspondência com 31,6%, de notar que a avaliação por parte dos jovens neste parâmetro foi mais diversificada, tendo sido o único de todos os indicadores que os mesmos preencheram com suficiente, notando dificuldades neste tema.

“Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos”, foi um indicador avaliado nos parâmetros de Suficiente, Bom e Muito bom, com maior percentagem em Muito bom. A avaliação feita pelos jovens teve também como maior percentagem – Muito bom e assim concluímos que é um indicador que existe coerência por parte dos jovens e do supervisor, no que diz respeito à sua avaliação.

No que diz respeito ao “Manusear com os utensílios de cozinha” a avaliação foi muito positiva, tendo sido a avaliação de Muito bom a maior percentagem de 42,1%, seguido com 36,8% em Bom e Suficiente com 21,1%. De forma geral os jovens sabem manusear e reconhecem os utensílios de cozinha, no entanto existe sempre espaço para melhorar. Do ponto de vista dos jovens neste parâmetro eles consideram-se Muito bons e Excelentes nestas funções.

A arrumação e a limpeza, são tópicos fundamentais no que toca à segurança alimentar e dessa forma este é um indicador a avaliar. Segundo os dados, é possível observar que os jovens têm aspetos a melhorar, contrariamente ao que eles se autoavaliaram, com Muito bom e Excelente na avaliação feita pelo supervisor os indicadores de Suficiente e Bom foram os que tiveram a maior frequência apresentada que juntas somam 84,2%.

Trabalhar em equipa, ter empatia para com os colegas, ajudar e transmitir conhecimentos, são competências que lhes são pedidas diariamente. Nos ateliers de cozinha são competências fundamentais para o um bom funcionamento dos mesmo e dessa forma, é um indicador a avaliar. Os jovens na avaliação acima apresentada souberem identificar que o trabalho em equipa é um aspeto a melhorar entre eles. Dessa forma a avaliação feita deste indicador é entre o Suficiente, o Bom, o Muito bom e o Excelente, sendo notório que realmente existem jovens com excelentes capacidades de trabalho em equipa e outros que necessitam de desenvolver mais essa competência social.

A gestão de tempo para a confeção da refeição é um aspeto importante a considerar visto que os ateliers foram incluídos nas rotinas dos jovens de forma que todas as responsabilidades que os mesmos tinham não eram alteradas. Gerir o tempo para realizar as tarefas que tinham e confeccionar a refeição a tempo da hora do jantar é um verdadeiro desafio para os jovens. É um indicador onde os jovens encontraram alguns desafios. Este tema foi avaliado com maior percentagem (52,6%) com Bom, apesar da maior percentagem avaliada pelos jovens representa o indicador de Excelente com (57,9%). Consideramos desta forma que os jovens não consideram este tópico relevante nas suas rotinas diárias.

A confeção integral de uma refeição, quer seja o prato principal ou a sopa é fundamental para avaliar a autonomia do jovem. É de afirmar que só 26,3% dos jovens tem autonomia para fazer uma refeição completa de forma autónoma. Dessa forma é importante refletir e focar a importância de transmitir a aprendizagem dos passos a seguir para a confeção das refeições a fim de os autonomizar a cozinharem sozinhos.

Como um dos objetivos principais dos ateliers a confeção de refeições saudáveis, segundo a roda dos alimentos e a dieta mediterrânea, este item não podia deixar de estar presente no perfil de competências. Após análise dos resultados, a avaliação com maior incidência neste tema foi de 68,4% no nível Bom, 26,3% com nível de Muito bom e com 5,3% com Excelente. E apesar dos bons resultados é de reforçar que os jovens necessitam de ser sempre consciencializados sobre este tema, pois os mesmos têm muita tendência para a confeção de refeições fritas e para o consumo excessivo de açúcares.

Os jovens não escreveram observações em nenhum dos parâmetros observados.

De uma forma geral, os jovens avaliam-se de forma mais positiva que o supervisor, havendo mais percentagens referidas no âmbito Muito bom e do Excelente, enquanto os

supervisores identificam algumas dificuldades avaliando os jovens com alguns níveis 3 equivalendo ao Suficiente na realização das tarefas.

Tabela 27 – Perfil de competências do atelier de cozinha

Perfil de Competências – Atelier de cozinha						
Escala: Insuficiente – 1; Suficiente – 2; Bom – 3; Muito bom – 4; Excelente – 5; n = %						
O jovem é capaz de:	1	2	3	4	5	Observações
Identificar os eletrodomésticos na cozinha e conhecer as funções usando adequadamente com segurança cada um deles;		n=3 15,8%	n=5 26,3%	n=9 47,4%	n=2 10,5%	
Promover hábitos de higiene, preparação e conversação dos alimentos;		n=6 31,6%	n=9 47,4%	n=4 21,1%		
Gerir as quantidades certas a confeccionar para o número de elementos necessários;		n=6 31,6%	n=8 42,1%	n=5 26,3%		
Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos;		n=6 31,6%	n=6 31,6%	n=7 36,8%		
Manusear com os utensílios de cozinha;		n=4 21,1%	n=7 36,8%	n=8 42,1%		
É arrumado e limpo durante a confeção da refeição		n=8 42,1%	n=8 42,1%	n=2 10,5%	n=1 5,3%	
Trabalhar em equipa, tem empatia para com o colega, ajuda-o e ensina-lhe técnicas		n=1 5,3%	n=10 52,6%	n=5 26,3%	n=3 15,8%	
Gerir o tempo para a confeção da refeição		n=7 36,8%	n=10 52,6%	n=1 5,3%	n=1 5,3%	
Confeccionar uma sopa de início ao fim		n=3 15,8%	n=2 10,5%	n=4 21,1%	n=2 10,5%	
Confeccionar um prato de início ao fim		n=3 15,8%	n=6 31,6%	n=7 36,8%	n=3 15,8%	
Confeccionar refeições saudáveis, segundo a roda dos alimentos e a dieta mediterrânea			n=13 68,4%	n=5 26,3%	n=1 5,3%	

Pelas observações realizadas durante os ateliers, foi possível criar novos elementos de estudo e avaliação nomeadamente o “Interesse do jovem para a realização do atelier, a Autonomia do jovem durante a confeção do atelier, a capacidade de trabalho em equipa, o desempenho no atelier, o domínio do assunto e por fim o domínio da prática culinária, ou seja, a capacidade da realização das refeições.

Relativamente aos novos indicadores apresentados, a análise dos mesmos expõe que o “Interesse no atelier” foi avaliado com 10,5% em Suficiente, 5,3% com Muito bom e 10,5% com Excelente. É de referir que o interesse no atelier pode ser condicionado com diversos fatores influenciadores nos jovens, desde a disposição diária, os conflitos, entre outros. Nos ateliers observados o interesse dos jovens foi bastante positivo.

No que retrata a autonomia durante os ateliers, este é um aspeto que necessita de ser desenvolvido por parte dos jovens, tendo sido avaliado com 10,5% em Suficiente, 10,5% em Bom e 5,3% em Muito bom.

O trabalho em equipa e o desempenho no atelier foi avaliado de igual forma, com maior incidência em Bom com uma percentagem de 15,8% e 5,3% em Suficiente e Muito bom.

Relativamente ao domínio do assunto do atelier em relação ao domínio da prática culinária este apresenta mais dificuldades por parte dos jovens, tendo uma percentagem de 10,5% avaliado com Suficiente e 10,5% em Muito bom enquanto o domínio do assunto foi avaliado com 5,3% em Suficiente e 15,8% em Muito bom. Desta forma, reflete que a consciência dos jovens relativamente ao assunto do atelier é superior à prática realizada.

Os jovens não escreveram observações em nenhum dos parâmetros observados.

Tabela 28 – Novos indicadores de avaliação

Escala: Insuficiente – 1; Suficiente – 2; Bom – 3; Muito bom – 4; Excelente – 5;						
O jovem mostrou:	1	2	3	4	5	Observações
Interesse no atelier		Nº2 10,5%		Nº1 5,3%	Nº2 10,5%	Omisso Nº14 73,7%
Autonomia		Nº2 10,5%	Nº2 10,5%	Nº1 5,3%		Omisso Nº14 73,7%
Trabalho em equipa		Nº1 5,3%	Nº3 15,8%	Nº1 5,3%		Omisso Nº14 73,7%
Desempenho no atelier		Nº1 5,3%	Nº3 15,8%	Nº1 5,3%		Omisso Nº14 73,7%
Domínio do assunto do atelier		Nº1 5,3%	Nº1 5,3%	Nº3 15,8%		Omisso Nº14 73,7%
Domínio da prática culinária		Nº2 10,5%	Nº1 5,3%	Nº2 10,5%		Omisso Nº14 73,7%

4.2.8. Discussão

São milhares as formas como podemos transformar os alimentos em maravilhosos pratos a confeccionar e é realmente um desafio mostrar aos jovens que cozinhar até pode ser divertido e que é possível comer de forma mais saudável.

Sempre que os jovens têm a possibilidade de escolher a refeição que querem confeccionar, acabam por não fazer as escolhas mais saudáveis, escolhendo sempre por refeições menos saudáveis como batatas fritas e hambúrgueres. Desta forma, é necessário incentivar os jovens a fazer escolhas mais saudáveis, procurando sempre respeitar e priorizar os interesses dos jovens.

Transformar as escolhas deles em opções mais saudáveis e junto deles criar alternativas alimentares mais saudáveis, como o método de confeção trocando os fritos por assados, fazer mais cozidos, incentivar a inclusão de saladas e legumes nos pratos confeccionados é uma das sugestões que friso ser uma das mais importantes para os ateliers de cozinha.

Conheço a realidade dos jovens e tenho a consciência do quanto é difícil os jovens por em prática as escolhas de uma alimentação mais saudável e dessa forma é fundamental o papel do supervisor no atelier a fim de haver alguém que os acompanhe, incentive e lhes mostre novas alternativas às realidades que eles conhecem.

Assim, desta forma é possível descrever o Perfil do supervisor no atelier de autonomização. Como deve um profissional, posicionar-se para acompanhar os jovens nos ateliers? O mais importante é transmitir motivação ao jovem, mostrar interesse para que o mesmo realize o atelier com empenho e motivação, dessa forma o atelier irá correr muito melhor e o jovem irá estar receptivo a aprender a fazer as tarefas e melhorar a sua prestação no mesmo. O supervisor não pode de forma alguma fazer as tarefas pelos jovens, porque assim os jovens iram logo desistir e poderão começar a sentir-se inúteis e chegar a destabilizar a atividade, é fundamental dar a responsabilidade aos jovens de tomar as rédeas do atelier. É importante que no início dos ateliers se converse com os jovens sobre o que irão fazer, quais os primeiros passos, tomar consciência do que sabem ou não fazer e é aqui que o supervisor tem um papel fundamental de orientar, ajudar e consciencializar os jovens de quais as melhores formas de proceder a atividade.

Após a conversa e orientações iniciais, durante o atelier o supervisor deve aconselhar, amparar e apoiar nas tarefas, sendo o responsável para que o atelier se realize em segurança e para que o local do atelier fique igual ou melhor ao que estava quando lá chegaram.

Para análise dos resultados, só nos foi possível avaliar os ateliers de cozinha, pois não havia registos dos ateliers de lavandaria, dessa forma apelar também a importância dos registos após os ateliers para a obtenção de dados e gerar resultados, podendo analisar e observar os progressos dos jovens e fazer melhorias nos ateliers. O preenchimento dos indicadores de avaliação são também uma forma de dar voz aos jovens para se expressarem relativamente as atividades que realizam.

A título de sugestão os pares para a concretização dos ateliers podem ser formados consoante as diferentes competências de cada jovem de forma a se complementarem enquanto par. A avaliação e análise destes dados resulta na observação desses fatores. Enquanto um jovem tem menos competências na confeção dos pratos, no entanto têm uma boa avaliação no que toca ao trabalho em equipa, seria uma boa oportunidade de o juntar com um jovem que tivesse as competências contrárias a fim de se complementarem.

Capítulo VI. O perfil do/a jovem à saída do acolhimento residencial: Contributos de um estudo qualitativo

1. Introdução

As mudanças no perfil da população acolhida nos últimos anos, tem sido a mais jovens especialmente acima dos 14 anos com problemáticas cada vez mais complexas e com retaguardas familiares frágeis ou inexistentes, que fundamenta o desafio da construção do projeto de vida centrado na autonomização (Carvalho & Cruz, 2015 citado por Carvalho & Salgueiro, 2018).

São diversas as necessidades das casas de acolhimento, no entanto a autonomia tem sido um dos desafios exigentes a ser superado.

Pelo trabalho realizado pela oficina de S. José de Braga os mesmos identificaram um conjunto de eixos de atuação concretos relativos á análise e ao trabalho “sobre-para-na” autonomia no contexto de acolhimento residencial, que passamos a sintetizar de seguida:

- a) Não existe um único perfil de autonomia atingir ou a promover, dessa forma é necessário **admitir diversas orientações em diferentes circunstâncias**, não descuidando as diversas identidades, percursos e vivências das C/J acolhidos.
- b) A promoção da autonomia não é realizada de forma independente do meio social de vida e desta forma não possível promover a autonomia apenas com o desenvolvimento de programas específicos. **É necessário compreender os conflitos e gestão das dinâmicas organizacionais.**
- c) **Promover lógicas de trabalho em/de equipa(s)**, numa relação dialógica permanente, assente em olhares interdisciplinares e, na assunção de que a formação/partilha contínuas, interna e externa, são fundamentais para um trabalho de qualidade.
- d) Considerar como condição fundamental na promoção da autonomia a **participação das crianças e jovens.**
- e) **Um processo educativo humanizado**, baseado na intervenção em relações, estilos educativos e pedagógicos assentes na proximidade, na afetividade, na plasticidade e no humor.
- f) Reformular **os normativos das casas** de acolhimento, ou seja, é necessário que a tutela, num processo desejavelmente coparticipado, os **atualize e adeque à realidade.**
- g) **Alargar o financiamento para a resposta social apartamento de autonomização**, que é necessário à realidade nacional.
- h) **Pensar em resposta(s) ajustada(s) para os jovens com mais de 21 e 25 anos e/ou para os que tenham limitações cognitivas** diagnosticadas, não abrangidas no quadro de respostas já existentes.
- i) **Envolver as famílias na promoção da autonomia** torna-se uma necessidade imperativa não só porque a maioria das crianças e jovens acolhidos aquando da cessão da medida regressa à família de origem, mas também porque desta forma dá-se continuidade e sustentabilidade ao trabalho realizado.

“É no quotidiano, nos conflitos, na promoção de competências, da atenção, da negociação diária, das interações das crianças e jovens entre elas e delas com os adultos com quem convivem, das reformulações das narrativas de vida, que a autonomia, enquanto processo pode ser apreendido e vivenciado.” (Tomás, C., et al., 2018, pp. 196).

Como documento internacional de referência para a qualidade do acolhimento, existem as normas Quality4Children: “apresentam como objetivos melhorar a intervenção junto das crianças que não recebem cuidados parentais, assegurar o respeito, proteção e cumprimento dos direitos da criança em acolhimento (Pinheiro, Velho, Santos & Palaio, 2015)” e apoiar as partes interessadas no acolhimento de crianças e jovens, especificamente, crianças e jovens, famílias biológicas, cuidadores e organizações de acolhimento, a fim de informar, orientar e influenciar as partes implicadas no acolhimento (FICE, et al., 2007).

De acordo com este documento, durante o processo de acolhimento, período que se deseja transitório e relativamente curto, de existir uma dinâmica de aprendizagem contínua e sistematizada, que enquadre a promoção de competências para a vida (Norma 14, FICE et al., 2007), que permita que cada jovem seja agente ativo da sua própria vida para que se torne mais capaz de tomar decisões responsáveis sobre o seu futuro.

Conceber, planificar, implementar e avaliar a eficácia e impacto de intervenções que tenham como objetivo a diminuição dos problemas emocionais e de comportamento e o aumento do nível de autonomia das jovens, é um desafio expressivo para o Sistema de Acolhimento. A qualidade do acolhimento passa por garantir que as criança os jovens "recebem apoio para poderem modelar o seu futuro e se tornarem membros independentes, autossuficientes e ativos da sociedade" (FICE et al., 2007, p. 30 citado por Pinheiro, M., et al., (2018).

A necessidade dos jovens para corresponder às expectativas da sociedade é cada vez maior, pois é cada vez mais exigente corresponder aos novos desafios da sociedade, desde o conhecimento, às capacidades, as atitudes, as competências transversais para o dia a dia, a necessidade do saber e saber fazer, a necessidade da compreensão da realidade do mundo atual, dos desafios e problemas atuais, as mudanças em contextos diversificados.

Podemos desta forma considerar, que o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, é o modelo que a sociedade tem a fim dos jovens conseguirem corresponder às expectativas da mesma. “(...) saber como podem os sistemas educativos contribuir para o desenvolvimento de valores e de competências nos alunos que lhes permitam responder aos desafios complexos deste século e fazer face às imprevisibilidades resultantes da evolução do conhecimento e da tecnologia.” (Despacho n.º 6478, p. 7)

A metodologia utilizada de entrevistar 3 jovens acolhidos e 3 jovens ex-acolhidos tem a ver com o facto de se poder passar a ter exatamente a mensagem aos jovens de que o estudo foi obtido para além através deles próprios do que são as políticas, as expectativas dos técnicos e a própria gestão da casa. Um estudo realizado dos jovens para os jovens, dos jovens para a casa e

dos jovens para o sistema de acolhimento, com acesso ao léxico dos próprios jovens com o objetivo da proximidade que isso possa trazer no entendimento da mensagem.

2. Procedimentos de recolha de dados - A entrevista

Segundo Seidman, 1991, citado por Coutinho, 2011, existem algumas regras que podem melhorar a qualidade de uma entrevista: Ouvir mais que falar; Evitar perguntas fechadas; Não interromper; Aprender a esperar a resposta; Perguntar coisas concretas; Tolerar o silêncio; Não julgar os pontos de vista do entrevistado; e não discutir ou debater as respostas obtidas. O seu papel é recolher informação.

O modelo de entrevista escolhida para a recolha de informações para o projeto, foi a entrevista semiestruturada sendo que a mesma permite adequar com flexibilidade as questões ao tema pretendido.

Neste tipo de entrevista:

“há um guião orientador, mas com um grau de flexibilidade que permite ao investigador adequá-lo ao entrevistado: gerir a colocação das questões conforme o perfil do entrevistado, colocar questões adicionais ou não colocar questões que não se ajustem ao entrevistado. Este tipo de entrevista permite, ainda, captar informação adicional como, por exemplo, as expressões faciais” (Alves, 2022, p. 29.).

Foram elaborados dois guiões de entrevistas: um direcionado para os jovens que estão acolhidos, e outro para jovens adultos que já passaram pelo acolhimento residencial e já não se encontram no mesmo. Ambos os guiões são divididos por seis blocos, sendo o primeiro a caracterização sociodemográfica de identificação do entrevistado, o segundo refere a relação com os profissionais e jovens da casa de acolhimento, o terceiro bloco faz referência ao autoconhecimento, tendo por objetivo perceber qual o autoconhecimento que os jovens têm relativamente às suas competências e ao seu futuro. O quarto bloco refere-se à temática do desenvolvimento das competências no acolhimento residencial, o quinto e penúltimo bloco foca-se na autonomia, intitulando o mesmo de passos para a autonomia e por fim, como conclusão, a finalização da entrevista passa por dar a oportunidade aos entrevistados de acrescentar algo ao que já foi dito e questionar a perspetiva dos mesmos na criação do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial.

3. Participantes e processo de recolha de dados

As entrevistas contaram com a participação de 6 entrevistados: 3 jovens acolhidos no Centro de Acolhimento Temporário do Loreto, com idades de 16 e 18 anos e outros 3 jovens adultos com idades de 20 e 30 anos que já estiveram acolhidos também no CATL. Os jovens entrevistados foram selecionados aleatoriamente e pelo qual se mostraram disponíveis para participar. As entrevistas foram realizadas num gabinete do CATL, local este com um ambiente adequado para o desenvolvimento das mesmas, tendo sido dada a possibilidade dos jovens escolherem qualquer outro sítio da sua preferência. De realçar que uma das entrevistas feita a uma jovem ex-acolhida foi feita na sua casa na qual me deslocuei prontamente para a realização da mesma. Relativamente ao decorrer das entrevistas não houve qualquer tipo de dificuldade, sendo que foram todas feitas de forma muito descontraídas, no que diz respeito ao espaço e ambiente e à dinamização das mesmas, devido à escolha do método de entrevista semiestruturada. Havia sempre a possibilidade de esclarecer, reformular a questão, ou voltar a repetir a mesma, existindo ainda a possibilidade, de que se algum entrevistado não quisesse responder estaria à vontade para o fazer não tendo ocorrido o caso.

4. Pressupostos éticos

“O consentimento, designadamente na prática profissional de quem atua no campo das Ciências Sociais, passa por manter os indivíduos informados dos seus direitos. Esses direitos decorrem da lei e compreendem o “direito de informação; o direito de acesso; o direito de retificação e eliminação; e o direito de oposição” (Peixoto, 2017, p.155).

Para a realização do estudo, foi elaborado um consentimento informado, explicando o projeto e os seus objetivos. Todos os entrevistados assinaram o consentimento informado.

Na transcrição, análise e apresentação dos resultados foi prioridade garantir o anonimato, nunca publicando qualquer dado ou informação que permitira a identificação do entrevistado.

Para a criação do desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial, as entrevistas realizadas e o contacto direto com os jovens foi fundamental para a partilha da experiência de vida dos jovens que passam pelo acolhimento residencial, para que desta forma o perfil seja o mais próximo da realidade e para que os jovens o compreendam.

Esta oportunidade de dar voz às crianças e jovens é cada vez mais importante pois a participação torna-se numa “ponte sólida” que as irá ajudar a construir todo o seu percurso, onde estas devem então participar desde muito cedo, para serem seres informados e responsáveis (Ribeiro e Cabral, 2015 citado por Silva, 2019).

5. Metodologia

Segundo Michelle Lessard (1994), pode-se organizar a pesquisa qualitativa em vários tipos, o caso que se apresenta, pode definir-se por experimentação “no terreno” (citado por Guerra, 2006).

Na pesquisa (quantitativa ou qualitativa), a definição do objeto é um momento difícil que se prolonga no tempo. Não é por definirmos um tema, uma problemática, ou mesmo um qualquer objeto dotado de realidade social, que se têm o objeto. Na diversidade das problemáticas, o objeto não está formado, logo no início, constrói-se progressivamente em contacto com o terreno a partir da interação com a recolha dos dados e a análise. (Guerra, p. 36, 2006).

Depois delimitada a definição do objeto geralmente com base em informação empírica indutivamente analisada, num segundo momento há, simultaneamente, um aprofundamento dessa realidade empírica através da recolha sistemática de informação (sobretudo análise de documentos e dados estatísticos já existentes e entrevistas a informadores privilegiados) e uma aproximação à problemática teórica através da leitura da bibliografia mais pertinente para o objeto delimitado (Guerra, p.37, 2006).

A entrevista assumiu uma função de pesquisa analítica, tendo-se pretendido estabelecer uma teoria interpretativa, em que à medida que a pesquisa avança é construída uma teoria interpretativa de apresentação á realidade social (Guerra, 2006).

Segundo Bardin, 1979 citado por Guerra, 2006 existem quatro tipos de análise de conteúdo: categorial, avaliação, enunciação e expressão. A análise utilizada, foi a análise categorial, sendo esta uma análise temática, que constitui uma análise de conteúdo e é geralmente descritiva.

5.1. Participantes

O jovens que participaram no estudo, foram divididos por duas categorias, sendo um grupo de jovens acolhidos e outro de jovens ex-acolhidos. O grupo de jovens acolhidos, é composto por três jovens uma do sexo feminino e dois do sexo masculino com idades de 16 e 18 anos. O grupo de jovens ex acolhidas também de três jovens que já passaram pelo acolhimento residencial, neste caso todas passaram pelo CAL e são todas do sexo feminino, com idades de 20, 21 e 33 anos.

5.2. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a recolha de dados e análise de informação, foram a observação direta, a entrevista (apêndice 18) e revisão da literatura.

Relativamente à entrevista, o guião é geralmente estruturado em grandes capítulos desenvolvendo depois perguntas de chaves que podem ser introduzidas se o entrevistado as não referir nas respostas. A maior parte das vezes, os investigadores são quem realizam a pesquisa e também as entrevistas, pelo que, podem seguir um discurso descontraído, assemelhando-se a

entrevista a uma conversa informal e fluída. A questão mais importante na construção do guião é a clarificação dos objetivos e as dimensões da análise que a entrevista comporta.

5.3 Procedimentos

Foi desenvolvido um guião de entrevista semiestruturada com seis blocos relacionados com autoconhecimento, desenvolvimento de competências e autonomia; As entrevistas foram gravadas em formato áudio e posteriormente transcritas.

Objetivos:

- Dar voz aos jovens residencializados;
- Identificar as necessidades dos jovens no acolhimento residencial para o desenvolvimento de competências;
- Elaborar um conjunto de competências necessárias à autonomia de vida;

6. Resultados

Dados sociodemográficos e de acolhimento

Conforme apresentado na tabela os **dados sociodemográficos** apresentam-se com idade, sexo, nacionalidade, tempo de acolhimento, local de acolhimento e situações de acolhimento anteriores. Relativamente aos três jovens acolhidos os mesmos apresentam idades como 16 e 18 anos sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino todos são de nacionalidade portuguesa. O tempo que os jovens estão acolhidos varia entre 8 a 11 meses sendo que neste momento estão acolhidos no centro de acolhimento temporário do Loreto, tendo havido já situações de acolhimento na casa do pai e no centro de acolhimento temporário de menores, em tábua.

Já as três participantes jovens ex acolhidas têm idades de 20, 21 e 33 anos todas do sexo feminino com nacionalidade portuguesa. O **tempo de acolhimento** foi de 2 a 7 anos, sendo que todas estiveram acolhidas no centro de acolhimento temporário do Loreto. Houve uma jovem que teve uma situação de acolhimento na Casa de Formação Cristã da Rainha Santa.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos e de acolhimento

Dados sociodemográficos e de acolhimento		
	Jovens acolhidos (n=3)	Jovens ex-acolhidos (n=3)
Idade	[16; 16; 18]	[20; 21; 33]
Sexo	Masculino (n=2); Feminino (n=1)	Feminino (n=3)
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa
Tempo de Acolhimento	[8 a 11 meses]	[2 a 7 anos]
Local de Acolhimento	Centro de Acolhimento Temporário do Loreto	Centro de Acolhimento Temporário do Loreto
Situações de acolhimento anteriores	Casa do Pai Centro de Acolhimento Temporário de Menores – Tábua	Casa de Formação Cristã da Rainha Santa

Relação com os profissionais e com os jovens da CAR: Qualidades Valorizadas

O segundo bloco de entrevista foi dedicado ao tema da **relação com os profissionais e jovens da casa de acolhimento**. Foram analisadas quais as qualidades mais valorizadas pelos jovens tendo havido diversas respostas a considerar. Os jovens acolhidos mencionaram **a confiança, a calma e a simpatia** e os jovens ex-acolhidos consideraram **o companheirismo o espírito de equipa e a transmissão de valores e regras**.

Analisando o conteúdo destas respostas conseguimos identificar que nas qualidades valorizadas os jovens se referem as **regras de convivência** (por exemplo, simpático), **competências pessoais** (por exemplo, calmo), **relação de proximidade** (de que são exemplos a qualidade confiança companheirismo espírito de equipa) e, ainda, de **orientação** (tendo como exemplo, transmissão de valores e de regras). Em comum, jovens acolhidos e jovens ex-acolhidos têm o facto de valorizarem a importância da **construção de uma relação de proximidade**. Os resultados obtidos mostram que os jovens acolhidos privilegiam qualidades relacionais ligadas à definição de **regras de convivência** e às **competências pessoais** enquanto os jovens ex-acolhidos privilegiam qualidades relacionadas com a **construção de uma relação de proximidade e orientação**.

Tabela 2 – Relação com os profissionais e com os jovens da CAR: Qualidades Valorizadas

Qualidades Valorizadas	
Jovens acolhidos (n=3)	Jovens ex-acolhidos (n=3)
Respostas	
Confiável (ENT1) Calmo (ENT2) Simpático (ENT3)	Companheirismo (ENT01) Espírito de equipa (ENT02) Transmissão de Valores e de Regras (ENT03)
Resultados	
a) Regras de Convivência [Ex.: Simpático (ENT3)] b) Competências Pessoais [Ex.: Calmo (ENT2)] c) Relação de Proximidade [Ex.: Confiável (ENT1) e Companheirismo (ENT01) e Espírito de equipa (ENT02)] d) Orientação [Ex.: Transmissão de Valores e de Regras (ENT03)]	

Autoconhecimento: Metas e Ambições

Na realização das entrevistas houve também lugar para abordar o tema: **autoconhecimento** em que o objetivo principal deste bloco foi conhecer o nível de autoconhecimento dos jovens e a consciência que têm sobre si mesmos. Na realização das entrevistas, este bloco contou com quatro questões direcionadas para os jovens acolhidos e só uma questão para os jovens ex-acolhidos.

Uma análise panorâmica dos dados apresentados, mostram claramente que **os jovens têm ideias para o seu projeto de vida e para o seu desenvolvimento socioemocional** tendo a **expectativa que a casa os possa ajudar** a concretizar e desenvolver respetivamente.

Outro resultado interessante diz respeito ao facto dos jovens invocarem que **a entrada na casa lhes permitiu abandonar/reduzir comportamentos de risco e adotar comportamentos protetores** de que são exemplos: “**deixei de fumar**” (ENT2), “**deixei de faltar às aulas**” (ENT2), “**deixei o vício dos comprimidos**” (ENT3)” tendo definido como metas e ambições protetoras: “**tenho melhores resultados escolares**” (ENT2), “**tenho objetivos de vida**” (ENT2), “**frequento um grupo de teatro**” (ENT2).

Podemos identificar e reforçar que na ideia dos projetos de vida e das ambições e metas a alcançar temos respostas que nos mostram claramente que os jovens pensam no seu futuro e até nas expectativas sociais em relação a eles e mostram que realmente pensam em corresponder às expectativas que o próprio sistema tem acerca dos jovens como o facto de concluírem a escolaridade obrigatória e inclusivamente prosseguirem para estudos no ensino superior adquirirem competências que são valorizadas hoje em dia e que são úteis para o mercado de trabalho como a *carta de condução e ainda referem realizações pessoais que passam por ter uma casa, viajar, ter um animal de estimação.*

Todas estas respostas parecem estar em consonância umas com as outras, mas podemos constatar que quando questionado do conhecimento do **projeto de vida em si**, o mesmo não existe, ou seja, estes jovens parecem estar orientados e conhecem aquilo que integra um projeto de vida, pois todos têm os tópicos para preencher um projeto de vida, mas depois **não sabem que isso é projeto de vida e que a casa os pode ajudar nesse sentido**, e ainda não sabem que os objetivos delineados podem de alguma forma ser elementos contemplados por eles que significa até contemplados nas atividades e no nos planos de desenvolvimento individual deles quando questionados diretamente sobre o título da situação do seu projeto de vida dos jovens.

Estes resultados dão ideia de que o projeto de vida fosse uma coisa que não aquilo que é o que mostra que há que trabalhar não só o projeto de vida dos jovens, mas **a consciência sobre o projeto de vida** e a construção com o jovem que não passa só por construir inclusivamente o *conteúdo da embalagem do projeto de vida, mas também o embrulho e consciencializar o jovem* que tem de saber que aquilo ali é projeto de vida. É preocupante o facto dos jovens não associarem tudo aquilo que estiveram a dizer nas outras questões com o projeto vida, e como isso pode fazer parte do seu projeto de vida, o que mostra que se tem de aumentar o nível de consciência dos jovens de que tudo o que são para eles metas e ambições de vida são o projeto de vida mas também é necessário que aconteça aquilo que está previsto na lei que é que o jovem seja com o construtor do seu projeto que tenha consciência e que perceba o que é que no dia a dia contribui para o seu projeto de vida.

Como nos refere o decreto de lei n.º 164/2019 do regime de execução do acolhimento residencial no Artigo 9.º Projeto de promoção e proteção, alínea 2 - O projeto de promoção e proteção é elaborado pela equipa técnica da casa de acolhimento, nos termos previstos no n.º 3 do artigo 54.º da LPCJP, em estreita articulação com o técnico gestor do processo de promoção e

proteção e com a necessária participação da criança ou do jovem, de acordo com a sua capacidade e maturidade, e da família de origem, salvo decisão judicial em contrário.

Tabela 3 – Autoconhecimento: Metas e Ambições

Metas e Ambições
Jovens acolhidos (n=3)
Respostas
Ter uma casa (ENT1) Ter um animal de estimação (ENT1) Vida orientada (ENT1) Entrar na Universidade (ENT2) Tirar a carta de condução (ENT2) Viajar (ENT2) Trabalhar na televisão (ENT2) Concluir o ensino Obrigatório (ENT3)
Resultados
a) Concluir os estudos [Ex.: Concluir o ensino Obrigatório (ENT3)] b) Entrar no Ensino Superior [Ex.: Entrar na Universidade (ENT2)] c) Arranjar um emprego [Ex.: Trabalhar na televisão (ENT2)] d) Organizar a vida [Ex.: Ter uma casa (ENT01)] e) Responsabilidade e Autonomia [Ex.: Tirar a carta de condução (ENT2) e Ter um animal de estimação (ENT01)]

Tabela 4 – Autoconhecimento: Desde que entraste no acolhimento, que mudanças já aconteceram em ti?

Desde que entraste no acolhimento, que mudanças já aconteceram em ti?
Jovens acolhidos (n=3)
Respostas
Deixei de fumar (ENT2) Deixei de faltar às aulas (ENT2) Deixei o vício dos comprimidos (ENT3) Tenho melhores resultados escolares (ENT2) Tenho objetivos de vida (ENT2) Frequento um grupo de teatro (ENT2)
Resultados
a) Redução de comportamentos de risco [Ex.: Deixei de fumar (ENT2) Deixei de faltar às aulas (ENT2) Deixei o vício dos comprimidos (ENT3)] b) Aumento de comportamentos protetores [Ex.: Tenho melhores resultados escolares (ENT2) Tenho objetivos de vida (ENT2) Frequento um grupo de teatro (ENT2)]

Tabela 5 – Autoconhecimento: Se a casa me ajudasse eu gostava de:

Se a casa me ajudasse eu gostava de:
Jovens Acolhidos (n=3)
Respostas
Conseguir controlar a minha impaciência (ENT3) Acabar a Universidade (ENT2) Arranjar um emprego (ENT2) Melhorar a minha autonomia e liberdade (ENT1)
Resultados
a) Melhorar as competências socioemocionais [Ex.: Melhorar a minha autonomia e liberdade (ENT1) Conseguir controlar a minha impaciência (ENT3)] b) Concretizar o projeto de vida [Ex.: Acabar a Universidade (ENT2) Arranjar um emprego (ENT2)]

Autoconhecimento: Como vias o contributo da casa para o desenvolvimento das tuas capacidades

Para os jovens ex acolhidos foi questionada a visão dos mesmos no contributo da casa para o desenvolvimento das suas capacidades enquanto estiveram acolhidos.

Podemos verificar que os jovens identificaram a casa com fortes indicadores do desenvolvimento de capacidades na área da clarificação de valores, quando nos referem, os valores que nos transmitiam, no desenvolvimento de competências de autonomia, fazendo referência às atividades de cozinha e lavandaria que realizam na casa, e no âmbito da gestão e organização pessoal, com a responsabilidade, os horários a cumprir e as tarefas que tinham de realizar.

Tabela 6 – Autoconhecimento: Como vias o contributo da casa para o desenvolvimento das tuas capacidades

Como vias o contributo da casa para o desenvolvimento das tuas capacidades
Jovens não Acolhidos (n=3)
Respostas
Através dos valores que nos transmitiam (ENT03) Responsabilidade (ENT03) Tarefas (ENT03) Horários a cumprir (ENT03) Limpezas (ENT03) Cena da cozinha (ENT01) Cena da lavandaria (ENT01)
Resultados
a) Clarificação de valores [Ex.: Através dos valores que nos transmitiam (ENT03)] b) Desenvolvimento competências de autonomia [Ex.: Cena da cozinha (ENT01) + Cena da lavandaria (ENT01)] c) Gestão e organização pessoal [Ex.: Responsabilidade (ENT03), Tarefas (ENT03) e Horários a cumprir (ENT03)]

O desenvolvimento de competências no acolhimento residencial: Que competências precisas de ter na tua vida?

O bloco do **desenvolvimento competências no acolhimento residencial** questionou os jovens a fim de conhecer a importância que os mesmos têm sobre o desenvolvimento das suas competências.

As competências identificadas pelos jovens acolhidos são claramente **competências pessoais e sociais**, como a autoconfiança, foco a autogestão, determinação, persistência, honestidade e humildade. Os jovens ex-acolhidos para além de também referirem competências pessoais e sociais, estes já apresentam competências que estão mais relacionadas com aquilo que sentem ser importante para *o dia a dia profissional e de trabalho deles*, competências mais ligadas **à autonomia e à vida profissional**.

Dentro dessas competências, todas transversais, porque no fundo podiam ser incluídas num grande leque de **competências transversais** temos aqui algumas competências um pouco mais específicas como é exemplo o **trabalho da equipa** que não deixa de ser uma competência

social, tal como a **honestidade, a responsabilidade, a assiduidade e pontualidade** por exemplo que embora também sejam todas competências transversais, surgem nas respostas dos jovens ex-acolhidos por estes já terem experiências de trabalho que os jovens acolhidos não têm.

Tabela 7 - O desenvolvimento de competências no acolhimento residencial: Que competências precisas de ter na tua vida?

Que competências precisas de ter na tua vida?	
Jovens Acolhidos (n=3)	Jovens não Acolhidos (n=3)
Respostas	
Autoconfiança (ENT2) Empatia (ENT1) (ENT2) Amabilidade (ENT2) Relação com as outras pessoas (ENT1) Foco (ENT2) Autogestão (ENT1) (ENT2) Determinação (ENT2) Persistência (ENT2)	Autoconfiança (ENT03) Generosidade (ENT03) Espírito de equipa (ENT03) Trabalho em equipa (ENT02) Saber pedir ajuda (ENT02) Respeito mútuo (ENT03) Honestidade (ENT03) Responsabilidade (ENT01) Ter postura (ENT02) Humildade (ENT02) Assiduidade (ENT03) Pontualidade (ENT01) (ENT03)
Resultados	
a) Competências pessoais [Ex.: Autoconfiança (ENT2), Foco (ENT2), Autogestão (ENT1) (ENT2) Determinação (ENT2), Persistência (ENT2) Honestidade (ENT03) Humildade (ENT02)] b) Competências instrumentais (Ex.: Trabalho em equipa [ENT02] Ter postura [ENT02] Responsabilidade [ENT01] Assiduidade [ENT03] Pontualidade [ENT01] [ENT03] Espírito de equipa [ENT03]) c) Competências de interação social [Ex.: Empatia (ENT1) (ENT2), amabilidade (ENT2), relação com as outras pessoas (ENT1)]	

O desenvolvimento de competências no Acolhimento Residencial: Consideras que saíste uma pessoa diferente daquela de quando entraste?

Pensando no desenvolvimento de competências com os jovens ex acolhidos, o facto de já terem saído do acolhimento residencial, já lhes é possível fazer uma retrospectiva da passagem no acolhimento, desde que entraram aquando saíram e dessa forma foi questionado se saíram uma pessoa diferente daquela de quando entraram, ao qual todas responderam que sim, que houve grandes mudanças, depois de passarem pelo acolhimento residencial. Citando as respostas dadas pelas entrevistadas: “Sim, isto aqui mudou-me muito (ENT02)”, “Ah sem dúvida, claro que sim (ENT03)”, “Sim acho que sim (ENT01)”.

O desenvolvimento de competências no Acolhimento Residencial: As competências que os jovens consideram mais importantes adquirir no acolhimento residencial

O desenvolvimento de competências é o aumento de conhecimentos, habilidades e atitudes das pessoas para serem capazes de realizar as suas tarefas promovendo um aumento do seu crescimento pessoal e dessa forma o acolhimento residencial torna-se voluntariamente num local impulsionador de desenvolvimento de competências nos jovens. Ninguém melhor que os jovens que passam pelo acolhimento residencial para nos identificar quais as competências mais importantes adquirir e desenvolver para o dia a dia e para o futuro.

Em análise às respostas dadas pelos entrevistados, é de notar que houve uma diferença notória entre elas, sendo que jovens acolhidos direcionaram as respostas para as necessidades que sentem no dia a dia da casa como a gestão do grupo, as relações com os adultos, a resolução de problemas, necessidades estas que os jovens sentem no momento presente, Já os jovens ex-acolhidos direcionaram as respostas para as necessidades que sentiram quando saíram da casa, ou seja, quais as necessidades que mais precisaram para aplicar noutros contextos de vida, ou que competências adquiriram durante o tempo que estiveram acolhidos.

Assim sendo podemos constatar que os jovens acolhidos identificaram **competências pessoais** que cruzam com as respostas dadas de: “entendimento e respeito” e **competências de interação social** quando mencionam o “trabalho em equipa, a resolução de problemas e o direito à privacidade do outro” como as mais importantes a adquirir no acolhimento enquanto os jovens ex-acolhidos consideraram as **competências instrumentais** as mais importantes, direcionando as respostas para competências como “pontualidade, rotinas e regras”, competências estas mais ligadas à vida diária de trabalho, cuidado doméstico e vida autónoma.

Tabela 8 - O desenvolvimento de competências no Acolhimento Residencial: As competências que os jovens consideram mais importantes adquirir no acolhimento residencial

As competências que os jovens consideram mais importantes adquirir no acolhimento residencial	
Jovens Acolhidos (n=3)	Jovens não acolhidos (n=3)
Respostas	
Competências sociais (ENT3) Entendimento (ENT3) Trabalho em equipa (ENT3) Resolução de problemas (ENT3) Respeito (ENT2) Direito à privacidade do outro (ENT2)	Pontualidade (ENT01) Plano mais personalizado para cada jovem – economia (ENT01) Rotina (levantar, fazer as refeições a horas) (ENT03) Seguir as regras (ENT03)
Resultados	
a) Competências pessoais [Ex.: Entendimento (ENT3), Respeito (ENT2)] b) Competências de interação social [Ex.: Competências sociais (ENT3) Trabalho em equipa (ENT3), Resolução de problemas (ENT3), Direito à privacidade do outro (ENT2)]	c) Competências instrumentais [Ex.: Pontualidade (ENT01) + Rotina (levantar, fazer as refeições a horas) (ENT03) + Seguir as regras (ENT03)]

Passos para a autonomia: Atividades específicas na CAR de preparação para a vida autónoma

Quando questionados sobre quais as atividades específicas na CAR de preparação para a vida autónoma, os resultados foram bastante interessantes, pois ambos os grupos entrevistados deram as mesmas respostas, criando uma atividade generalizada de: “atividades de gestão de vida doméstica”, no entanto aqui podemos verificar a importância das atividades estruturadas, sendo que os jovens ex-acolhidos identificam as tarefas pelos nomes que na altura eram designados, como por exemplo “ varrer o pó, fazer a cama, a rotina”, enquanto que os jovens acolhidos já

identificam as atividades pelos nomes por que lhes são atualmente apresentados como: “Atelier de lavanderia, atelier de cozinha, limpezas” mostrando-nos que os jovens se apropriam do léxico e utilizam o vocabulário no seu dia a dia.

Tabela 9 – Passos para a autonomia: Atividades específicas na CAR de preparação para a vida autónoma

Atividades específicas na CAR de preparação para a vida autónoma	
Jovens Acolhidos (n=3)	Jovens Acolhidos (n=3)
Respostas	
Atelier de lavanderia [ENT1] [ENT3] Atelier de cozinha [ENT1] [ENT3] Limpezas [ENT3]	Fazer a cama [ENT03] Limpar o pó [ENT03] Varrer o quarto [ENT03] Rotina [ENT02]
Resultados	
a) Atividades de gestão de vida doméstica [(Ex.: Fazer a cama (ENT03) + Limpar o pó (ENT03) + Varrer o quarto (ENT03) + Atelier de cozinha (ENT1) (ENT3)]	

Passos para a autonomia: O que gostarias de ser mais capaz de fazer para preparar melhor a tua autonomia

Em análise à questão “o que os jovens gostariam de ser mais capazes de fazer para preparar melhor a sua autonomia”, as respostas foram muito ao encontro das necessidades da maioria dos jovens nos dias de hoje, como ter mais conhecimento acerca de literacia e segurança financeira, como eles referem, “ir ao banco, ver os preços mais baixos no supermercado” e também serem mais capazes na aquisição de bens, dando como exemplos “comprar uma casa, arranjar um trabalho”.

Tabela 10 - Passos para a autonomia: O que gostarias de ser mais capaz de fazer para preparar melhor a tua autonomia

O que gostarias de ser mais capaz de fazer para preparar melhor a tua autonomia
Jovens Acolhidos (n=3)
Respostas
Arranjar um trabalho (ENT3) Aprender a tocar piano (ENT1) Comprar uma casa (ENT2) Ir ao banco (ENT2) Vida financeira (ENT2) Ver os preços mais baixos no supermercado (ENT2)
Resultados
a) Aquisição de bens [Ex.: Comprar uma casa (ENT2) + Arranjar um trabalho (ENT3)] b) Literacia e segurança financeira [Ex.: Ir ao banco (ENT2) + Vida financeira (ENT2) + Ver os preços mais baixos no supermercado (ENT2)]

Finalização: A opinião dos jovens em relação à criação de um perfil de orientação para o desenvolvimento das capacidades dos jovens no AR

Para a finalização das questões desenvolvidas, foi também pertinente saber a opinião dos jovens sobre a **criação de um perfil de orientação para o desenvolvimento das capacidades dos jovens no AR**. Todos os participantes consideraram importante, (como foi referido por uma

entrevistada “pertinente”) a criação do perfil. Para os jovens se poderem orientarem por um modelo de competências a atingir com vista a um melhor desenvolvimento de autonomia de vida. Como referem trata-se de “Não dar o peixe, dar a cana” (ENT03), ou como referem “Acho que vai ser benéfico para os jovens, se os jovens não quiserem ninguém os vai conseguir ajudar, devemos tirar o melhor das situações” (ENT01).

Para a avaliação da entrevista realizada, foi questionado aos jovens como se sentiram durante a entrevista, ao serem abordados temas como autoconhecimento, desenvolvimento de competências e autonomia. Foi notório que os jovens despertaram alguns pensamentos e emoções ao longo da entrevista, tornando cada uma delas única e importante para a realização deste trabalho. Comparando as respostas do grupo de jovens acolhidos para o grupo de jovens ex-acolhidos, foi possível identificar algumas diferenças, tendo os jovens acolhidos definido adjetivos como “tranquilo (ENT2), intrigado (ENT3), tolerante (ENT3) e intenso (ENT2)”, e os jovens ex-acolhidos definiram a entrevista, de uma forma mais sentimental, intensificando os aspetos positivos de terem passado pelo acolhimento residencial como “Saudades (ENT01), Melancolia (ENT03)” e também citando as palavras de uma jovem “Feliz, fui muito feliz aqui, acho que os miúdos deviam aproveitar mais (ENT02)”.

Necessidades sentidas pelos jovens

Após a conclusão da análise às entrevistas realizadas, foram identificadas as necessidades sentidas pelos jovens da CAR. Os jovens acolhidos identificam como necessidades o ter de **lidar com a diversidade**, citando uma jovem “Nem toda a gente tem o mesmo pensamento e somos todos muito diferentes”. A qualquer momento são acolhidos jovens de diferentes idades, diferentes zonas do país, nacionalidades que poderão eventualmente ter culturas e costumes diferentes, com as mais diversas dificuldades pessoais e que em consequência da diversidade de jovens com que lidam no dia a dia da casa geram inevitavelmente situações de tensão e stress no qual os jovens têm de estar preparados e de enfrentar, abordando aqui a **regulação emocional**, como uma solução, sendo uma necessidade muito importante de se trabalhar e desenvolver nos jovens que se encontram acolhidos.

Os jovens ex-acolhidos descreveram como necessidades a **falta de escuta ativa** por parte dos cuidadores durante o acolhimento como nos refere uma entrevistada “Deviam ter mais atenção da maneira que falavam para nós (ENT01)”, necessidade identificada numa jovem ex acolhida que culmina num dos problemas identificados pelos jovens acolhidos na análise seguinte. As jovens ex acolhidas, identificaram necessidades de preparação para o pós acolhimento como fazer **autonomamente as tarefas diárias** de “Ir ao centro de saúde, fazer o cartão de cidadão, mudar a morada (ENT01)”, tendo também referido que sentiram necessidade num “método pós saída, “acho que os jovens são mandados assim para os leões e desenrasca-te (ENT01)”, sentindo necessidade de um programa de follow up no AR.

Tabela 11 – Necessidade sentidas pelos jovens

Necessidades sentidas pelos jovens	
Jovens Acolhidos (n=3)	Jovens Não Acolhidos (n=3)
a) Lidar com a diversidade “Nem toda a gente tem o mesmo pensamento e somos todos muito diferentes” (ENT3) b) Lidar com situações de stress – Regulação emocional (ENT3)	a) Deviam ter mais atenção da maneira que falavam para nós / Atenção ativa (ENT01) b) Fazer atividades autonomamente – Ir ao centro de saúde, fazer o cartão de cidadão, mudar a morada (ENT01) c) Método pós saída, “acho que os jovens são mandados assim para os leões e desenrasca-te” (ENT01)

Problemas identificados

Em consonância com a tabela das necessidades identificadas, foi também feita uma análise dos problemas identificados pelos jovens na CAR, onde foi possível ainda identificar alguns problemas em ambos os grupos de jovens entrevistados. Tanto os jovens acolhidos como os jovens ex-acolhidos expressaram a **falta de ligação grupal** na casa, falta de ligação entre as pessoas, podendo dessa forma considerar este, como um problema já antigo no qual continua a existir. É importante referir como nos dizem os autores Bravo & Di Valle, et al., 2003, que “os profissionais que desenvolvem o seu trabalho em acolhimento residencial são reconhecidos enquanto importantes fontes de suporte emocional instrumental ou afetivo”.

Sabemos que “as relações de qualidade têm vindo a ser reconhecidas como preditores importantes de adaptação ao contexto residencial e de progressos desenvolvimentais durante o acolhimento” (Assouline & Attar-Schwartz, et al., 2020).

Após a citação dos vários autores, é de sublinhar que o problema identificado poderá ser colmatado através de implicações na prática profissional ao nível individual e organizacional (Magalhães, et al., 2021) e dessa forma, serem profissionais reconhecidos de boas práticas.

Dois dos quatro problemas identificados, referem-se à **forma dos profissionais falarem com os jovens**, que as vezes nem sempre era a mais correta e em como também sentiam alguma **injustiça em relação ao tratamento com outros jovens**. É necessário ter sempre cuidado com a forma de como educamos os jovens, sabemos que não é fácil muitas das vezes lidar com as situações que enfrentam, no entanto, uma competência importante aqui a ser desenvolvida e também identificada pelos jovens, que é fundamental na intervenção no acolhimento residencial é o respeito pelo outro e a empatia.

Por fim, foi com preocupação que verificámos que os jovens **não conseguiram identificar nenhuma atividade realizada na CAR que os tenha marcado** ou que tenha tido alguma importância para eles, podendo significar dificuldade em evocar memórias positivas.

Tabela 12 – Problemas identificados

Problemas Identificados	
Jovens Acolhidos (n=3)	Jovens Não Acolhidos (n=3)
<ul style="list-style-type: none"> a) Relação de indiferença para com os jovens da casa (ENT1) b) Jovens não identificam nenhuma atividade na casa que lhes marcaram ou que tiveram alguma importância para eles c) Não existe coesão grupal “as pessoas isolam-se ... não se abrem para nos conhecermos um bocado melhor, vivemos todos juntos” (ENT3) 	<ul style="list-style-type: none"> a) Nem sempre falavam comigo de uma maneira boa (ENT01) b) Sentia alguma injustiça (ENT01) c) Não via nenhum elo de ligação (ENT01)

7. Discussão

Após a apresentação dos resultados e análise dos mesmos, foi criada uma checklist para os jovens com as competências selecionadas como as mais importantes para os jovens se desenvolverem e serem melhores cidadãos. Competências estas que nos define o perfil d@ jovem à saída da casa de acolhimento residencial e se apresenta como um recurso pedagógico para o trabalho das casa de acolhimento, quer na preparação da saída dos jovens da casa, quer no desenvolvimento de competências de vida.

As competências analisadas foram divididas em três grupos de competências, sendo elas competências pessoais, competências de interação social e competências instrumentais. As competências de interação social, estão diretamente ligadas às competências interpessoais, no entanto foram designadas de interação social, de forma a haver uma proximidade lexical à compreensão dos jovens.

É de verdadeira importância descrever as competências identificadas para uma melhor compreensão do leitor:

As **competências pessoais**, são aquelas que tendem a facilitar e favorecer os processos de interação e cooperação social. Referem-se às capacidades pessoais, como a capacidade de expressar os próprios sentimentos, autoconhecimento e motivação intrínseca, juntamente com as habilidades sociais que estão relacionadas às habilidades interpessoais (ANECA, 2004).

As **competências de interação social** são aquelas que tendem a facilitar e a favorecer os processos de interação social e de cooperação. Referem-se às capacidades pessoais relacionadas com a capacidade de exprimir os próprios sentimentos e às competências sociais relacionadas com as competências interpessoais (ANECA, 2004).

As **competências instrumentais** são as que possuem um caráter de ferramenta que se constituem como apoios (instrumentos) fundamentais para obter resultados específicos. Estas possuem um valor intrínseco por serem transferíveis para variados domínios da vida pessoal e profissional (ANECA, 2004).

Em formato de tabela, é ainda apresentada uma lista de competências para a CAR e uma lista de competências que os jovens identificaram para os jovens acolhidos, como competências a ter em consideração para a vivência numa CAR, em que foi descrita uma pequena definição de cada.

Competências pessoais

Adaptabilidade – “Capacidade de manter a eficiência em ambientes em constante mudança, como, tarefas, responsabilidades e pessoas. Capacidade de se adaptar a situações anómalas (novas ou fora do normal).” (Camara, 2017).

Ambição – Elevada necessidade de conseguir êxitos e atingir elevadas posições, construir um percurso de vida, luta pelo seu próprio desenvolvimento e está consciente dos seus objetivos. (Camara, 2017).

Autoconfiança – “Escolha da abordagem adequada para realizar um trabalho ou resolver um problema mostrando confiança e firmeza nas decisões e opiniões de forma lógica e conveniente nomeadamente perante situações difíceis.” (Camara, 2017).

Autocontrolo – “Capacidade para se manter calmo e objetivo quando confrontado com situações de provocação pessoal” (Camara, 2017).

Autogestão - Conjunto de práticas que procura distribuir a autoridade, dando clareza de responsabilidades e o máximo de autonomia. As pessoas deixam de reportar a um superior (Bastos, 2017).

Autonomia – “Capacidade de tomar decisões ponderadas de forma livre” (Camara, 2017).

Autoconhecimento – “Respeita à capacidade de ir conhecendo a pessoa que é: as suas emoções, sentimentos, pensamentos e a influência sobre o comportamento. Inclui avaliar os pontos fortes e as limitações próprias e possuir bom senso, confiança e otimismo.” (Camara, 2017)

Capacidade de decisão - “Capacidade de tomar decisões ponderadas incluindo as diversas informações, e opiniões de outras pessoas, em determinada altura, tendo em conta as consequências das decisões e medidas em causa.” (Camara, 2017)

Conformidade – Capacidade para aceitar e agir em harmonia com as normas aplicadas a uma situação específica. (Camara, 2017)

Confiança - É o sentimento de segurança ou de firme convicção que alguém tem relativamente a outra pessoa ou a algo. Pode tratar-se de si próprio e de uma característica que permite levar a cabo coisas ou situações por norma difíceis. É uma hipótese que se realiza sobre o comportamento futuro do outro. Trata-se de uma convicção segundo a qual uma pessoa será capaz de agir de uma certa maneira perante uma determinada situação (Conceito, 2019)

Determinação – De forma persistente e otimista, continua objetivos definidos e assumidos com intenção de os superar, tendo sentido da realidade. (Camara, 2017)

Flexibilidade - Capacidade para modificar o seu método para conseguir atingir um fim específico. (Camara, 2017)

Honestidade – Comunica as suas intenções e sentimentos aberta e honestamente. Recolha de opiniões dos outros de forma sincera e construtiva. Defende aquilo em que acredita. Aceita os seus próprios erros e vulnerabilidades e atua para corrigir os erros. (Camara, 2017)

Humildade - Escuta a opinião dos outros e toma a iniciativa de a pedir. Manifesta abertura e vontade para aprender e para a mudança. Faz um esforço pessoal para tratar todas as pessoas de forma justa. Valoriza a diversidade e manifesta expectativas positivas acerca dos outros dando-lhes apoio, benefício de dúvida e oportunidades. (Camara, 2017)

Iniciativa – Põem em prática novas ideias ou ações na realização das tarefas. Não se acomoda às situações, tendo sempre em vista uma melhoria contínua. Antecipa oportunidades e obstáculos que nem sempre são óbvios para os outros atuando sobre eles rápida e eficazmente. (Camara, 2017)

Resiliência – Rápida recuperação de comportamentos manifestados com situações de ruturas, stress e ou emocionalmente descompensatórios. (Camara, 2017)

Tolerância ao stress - Estabilidade na produtividade quando a trabalhar sob pressão e perante constrangimentos desilusões ou rejeições. Capacidade de manter a eficiência perante situações de stress tais como pressões em termos de tempo e/ou ambiguidade de funções. (Camara, 2017)

Pontualidade – Característica ou particularidade de pontual (Léxico, 2023).

Assiduidade - Característica de quem é assíduo ou está presente para cumprir as suas obrigações (Léxico, 2023).

Competências de interação social

Comunicação – “Sabe dizer e sabe ouvir, quando comunica acrescenta valor e ajuda a resolver problemas, comunica oralmente e por escrito com clareza, fluência e exatidão. Adapta a linguagem às situações e aos contextos e preocupa-se com o entendimento do quer dizer.” (Camara, 2017)

Cooperação – “Capacidade de participar em grupo mesmo não sendo líder contribuí eficazmente e quando a situação em causa não é do interesse pessoal capacidade para trabalhar em grupo. (Camara, 2017)

Empatia - Capacidade e predisposição para perceber os sentimentos e necessidades dos outros, demonstrando compreensão pelos mesmos e atuando de forma a ir ao encontro das suas expectativas. (Camara, 2017)

Escuta ativa – Capacidade parar e escutar, reagindo verbalmente e gestualmente de forma a indicar que é um bom ouvinte ativo. (Camara, 2017)

Relacionamento interpessoal – “Respeita a capacidade de estabelecer e manter relacionamentos diversificados saudáveis e gratificantes com indivíduos e grupos. Pressupõe

comunicar com clareza, ouvir ativamente, cooperar, resistir à pressão dos pares e social, saber negociar de forma construtiva os conflitos, oferecer e procurar ajuda, quando necessário” (Camara, 2017),

Respeito pelo outro – Faz um esforço pessoal para tratar todas as pessoas de forma justa. Acredita que as pessoas são intrinsecamente boas e manifesta expectativas positivas acerca dos outros, demonstrando essas expectativas dando-lhes apoio, benefício da dúvida e oportunidades (Camara, 2017).

Sensibilidade - Capacidade para perceber os sentimentos e as necessidades dos outros (Camara, 2017).

Competências instrumentais

Trabalho em equipa - Capacidade para trabalhar em conjunto com outras pessoas independentemente da área a que pertencem partilhando tarefas e resultados. Escuta a opinião do outro. É capaz de modificar a sua opinião se forem apresentados argumentos convincentes, e aceita sem reservas a vontade da maioria. Está sempre disponível para ajudar os colegas e luta para atingir os objetivos em grupo. (Camara, 2017)

Capacidade de organização e gestão de tempo - Capacidade de preparar, priorizar e executar as tarefas atribuídas no tempo estabelecido assegurando a qualidade pretendida para os trabalhos. (Camara, 2017)

Resolução de problemas – Demonstração de comportamentos orientados para a proatividade na identificação e resolução de problemas, assumindo a disponibilidade e compromisso para implementar formas alternativas de resolução ao problema. (Camara, 2017)

Tomada de decisão responsável – “Respeita a capacidade de fazer escolhas construtivas e positivas sobre: o comportamento pessoal e interações sociais com base na análise de diversos padrões, tendo consequências de várias ações para o bem-estar pessoal e dos outros.” (Camara, 2017)

Tabela 13 – Checklist de competências transversais para jovens no acolhimento residencial

Competências Pessoais
<p>Adaptabilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de se adaptar a diferentes situações
<p>Ambição</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de ter a necessidade de conseguir êxitos e atingir elevadas posições, em diferentes contextos
<p>Autoconfiança</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de mostrar confiança e firmeza nas decisões e opiniões de forma lógica
<p>Autocontrolo</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de se manter calmo e objetivo quando é confrontado com situações difíceis
<p>Autogestão</p>

<ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de com clareza, ter autônima para gerir situações
<p>Autonomia</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de tomar decisões ponderadas de forma livre
<p>Autoconhecimento</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de conhecer a pessoa que é, as suas emoções, sentimentos, pensamentos e as ações do seu comportamento
<p>Capacidade de decisão</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de tomar decisões ponderadas incluindo as diversas informações, e opiniões de outras pessoas
<p>Conformidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de aceitar e agir em harmonia com as normas aplicadas a uma determinada situação.
<p>Confiança</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de ser seguro e firme acerca de outra pessoa ou de alguma coisa
<p>Determinação</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de ser persistente e otimista, perante os desafios e têm intenção de os superar
<p>Flexibilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de alterar o seu método para atingir um fim
<p>Honestidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de comunicar os seus sentimentos abertamente, ouve a opinião dos outros de forma sincera e aceita os seu erros e atua para os corrigir.
<p>Humildade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de ouvir a opinião dos outros e tomar a iniciativa de a pedir, tendo abertura para aprender e para a mudança. É também capaz de tratar todas as pessoas de forma justa e valoriza as expectativas dos outros, dando-lhes sempre apoio, benefício de dúvida e oportunidade
<p>Iniciativa</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de pôr em prática novas ideias ou ações, tendo sempre em vista a melhoria das situações, não se acomodando às situações.
<p>Resiliência</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de recuperar rapidamente de comportamentos manifestados em situações de rutura, stress e ou emocionalmente descompensatórios.
<p>Tolerância ao stress</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de trabalhar sob pressão ou constrangimentos mantendo a estabilidade e eficiência.
<p>Pontualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de estar a horas nas atividades e tarefas a que têm obrigações.
<p>Assiduidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de estar presente para cumprir as suas obrigações nas atividades do dia a dia.
Competências de interação social
<p>Comunicação</p>

<ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de comunicar oralmente e por escrito com clareza, fluência e exatidão, quando comunica acrescenta valor e ajuda a resolver problemas, adaptando a linguagem às situações e aos contextos, preocupa-se com o entendimento do que quer dizer.
<p>Cooperação</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de participar em grupo mesmo não sendo líder e contribuir mesmo quando a situação em causa não é do interesse pessoal capacidade para trabalhar em grupo.
<p>Empatia</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de perceber os sentimentos e necessidades dos outros, demonstrando compreensão pelos mesmos e atuando de forma a ir ao encontro das suas expectativas.
<p>Escuta ativa</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de parar e escutar, reagindo verbalmente e gestualmente de forma a indicar que é um bom ouvinte ativo.
<p>Relacionamento interpessoal</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de respeitar a capacidade de estabelecer e manter relacionamentos diversificados saudáveis e gratificantes com indivíduos e grupos. Pressupõe comunicar com clareza, ouvir ativamente, cooperar, resistir à pressão dos pares e social, saber negociar de forma construtiva os conflitos, oferecer e procurar ajuda, quando necessário
<p>Respeito pelo outro</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de fazer um esforço pessoal para tratar todas as pessoas de forma justa. Acredita que as pessoas são intrinsecamente boas e manifesta expectativas positivas acerca dos outros, demonstrando essas expectativas dando-lhes apoio, benefício da dúvida e oportunidades.
<p>Sensibilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de perceber os sentimentos e as necessidades dos outros.
<p>Competências instrumentais</p>
<p>Trabalho em equipa</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de trabalhar em conjunto com outras pessoas independentemente da área a que pertencem partilhando tarefas e resultados. Escuta a opinião do outro. É capaz de modificar a sua opinião se forem apresentados argumentos convincentes, e aceita sem reservas a vontade da maioria. Está sempre disponível para ajudar os colegas e luta para atingir os objetivos em grupo.
<p>Capacidade de organização e gestão de tempo</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de preparar, priorizar e executar as tarefas atribuídas no tempo estabelecido assegurando a qualidade pretendida para os trabalhos.
<p>Resolução de problemas</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de demonstrar comportamentos orientados para a proatividade na identificação e resolução de problemas, assumindo a disponibilidade e compromisso para implementar formas alternativas de resolução ao problema.
<p>Tomada de decisão responsável</p> <ul style="list-style-type: none"> • O jovem é capaz de fazer escolhas construtivas e positivas sobre o comportamento pessoal e interações sociais, tendo consequências de várias ações para o bem-estar pessoal e dos outros.

Lista de Competências da CAR

De seguida, é apresentada a tabela com a lista de competências que os jovens entrevistados definiram como as mais importantes a desenvolver na CAR

Tabela 14 - Lista de Competências da CAR

Lista de Competências da CAR	
Jovens Acolhidos e Jovens Não Acolhidos	
Competências sociais (ENT3) Entendimento (ENT3) Trabalho em equipa (ENT3) Resolução de problemas (ENT3) Respeito (ENT2) Direito à privacidade do outro (ENT2)	Pontualidade (ENT01) Plano mais personalizado para cada jovem – economia (ENT01) Rotina (levantar, fazer as refeições a horas) (ENT03) Seguir as regras (ENT03)

Lista de Competências dos jovens

Já a lista apresentada como lista de competências dos jovens, é dirigida aos jovens como as competências que os mesmos devem desenvolver para a vida.

Tabela 15 – Lista de Competências dos jovens

Lista de Competências	
Jovens Acolhidos e Jovens Não Acolhidos	
Autogestão (ENT1) (ENT2) Empatia (ENT1) [ENT2] Pertinência (ENT2) Foco (ENT2) Determinação (ENT2) Amabilidade (ENT2) Relação com as outras pessoas (ENT1) Confiança (ENT2)	Espírito de equipa (ENT03) Respeito mútuo (ENT03) Confiança (ENT03) Honestidade (ENT03) Generosidade (ENT03) Assiduidade (ENT03) Pontualidade (ENT01) (ENT03) Responsabilidade (ENT01) Ter postura (ENT02) Trabalho em equipa (ENT02) Saber pedir ajuda (ENT02) Humildade (ENT02)

Capítulo VII. Atividades formativas

1. Formações e Workshops

Criar as condições propícias de educação, oferecendo cenários e exemplos vivos que estimulem o surgimento não propriamente de um novo profissional, mas sim de um novo perfil humano melhor por decisão própria, mais consciente de seu papel social, mais preceptivo das reais necessidades de todos, mais elevado e abrangente nas suas metas (NEGROMONTE, 2011, s/p)

Após lermos o que Negromonte nos diz, podemos realçar que devemos criar um perfil humano, onde sejamos capazes de tomar as nossas próprias decisões, seremos conscientes do nosso papel nas diversas áreas que estamos envolvidos e compreender as necessidades que temos na atualidade. Em todas as áreas profissionais temos de estar em constante aprendizagem, pois também estamos em constante mudança.

Formação é sinónimo de produtividade e conhecimento, funciona como uma oportunidade para adquirir competências de desenvolvimento pessoal. Ao estarmos em constante aprendizagem estamos a investir em nós e a acrescentar-nos valor. É importante desenvolvermos conhecimentos e estarmos preparados para diversos desafios e é por essa razão que, atualmente, as soft skills são tão valorizadas (Caetano, 2021).

Ao longo do período de estágio tive a oportunidades de realizar outras atividades paralelas e complementares ao estágio, que me permitiram adquirir conhecimentos uteis de enriquecimento profissional para a minha prática futura de Educadora Social.

Atividades estas que foram relativas a formações ações /palestras e reuniões, tais como:

Formação UBUNTU – O Ubuntu consiste num programa de educação não-formal, inspirado por modelos de referência mundial de líderes servidores e comunitários locais. A metodologia do programa está estruturada em cinco pilares: Autoconhecimento, Autoconfiança, Resiliência, Empatia e Serviço, em que o programa desenvolve nos formandos vários níveis do aumento de autoconfiança, desenvolvimento pessoal e profissional, autoestima e autoconhecimento.

“Ser Acolhido... para saber Acolher” – Formação para Cuidadores das Casas de Acolhimento – Formação esta dada pela Plataforma de Apoio a Jovens Ex-Acolhidos (PAJE), pelo Drº João Pedro Gaspar e Drª Fernanda Gaspar. Foi um grande arranque do estágio curricular, contanto com uma formação de 35h, onde tive a oportunidade de aprender sobre o Acolhimento Residencial, formas e estratégias para lidar com os jovens em diversas fases e dificuldades dos cuidadores no trabalho com os jovens. Foi muito importante para a minha integração na equipa, pois através das dinâmicas e interações consegui envolver-me com todos de forma descontraída.

Seminários de Orientação – Os seminários de orientação dados pelos professores orientadores Dr^a Maria do Rosário e pelo Dr^o Carlos Barreira, foram importantes para a evolução, acompanhamento e aconselhamento ao longo de todo o período de estágio desde a integração na instituição, na evolução na intervenção até à supervisão e conclusão do relatório de estágio.

Tertúlia – Crianças hoje, Desafios e estratégias – Foi uma iniciativa organizada pelo Grupo de Trabalho Crianças e Jovens da Rede Social de Coimbra, com o objetivo de partilhar experiências que permitam uma melhor adequação de atitudes face às crianças e jovens, debater estratégias de atuação, bem como abordar os constrangimentos e as limitações, no âmbito da atuação profissional nesta área de intervenção.

O papel dos CLDS enquanto instrumento de Intervenção Social e Desenvolvimento Local – Foi um encontro organizado pelo CLDS 4G, Coimbra Concelho Solidário e Saudável, sendo este coordenado e executado pela Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra. O evento contou com as 17 equipas de CLDS do Baixo Mondego e Pinhal Interior Norte, onde apresentaram e partilharam as intervenções realizadas ao longo do ano.

+ **Debate – Formação de jurados** – Organizado pela Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP), a iniciativa teve como objetivo estimular o debate entre alunos do ensino secundário. Esta foi a primeira edição do torneio e contou com a Universidade de Coimbra para a realização da final e de estudantes de mestrado na secção de júris.

“Dia do Acolhimento” – Este trata-se de uma iniciativa da Plataforma PAJE que pretende dar a oportunidade de trazer à discussão questões relativas a crianças e jovens que foram privados de crescerem na sua família, onde as mesmas são convidadas a darem voz fazendo valer o direito que lhes assiste e fomentando um sentimento de pertença à comunidade.

Workshop de Gestão de Stress no Sucesso – Dinamizado pelo Sky Campus, integrado no projeto On Bord, este workshop contou com a apresentação de técnicas de meditação, relaxamento, energização, gestão de stress e foco, que são fundamentais para enfrentar as pressões do trabalho e preservar a saúde física e mental.

Workshop “Arca Pedagógica – Oficina de Dinâmicas e Ateliers” - Dinamizado pelo Instituto de Apoio à Criança, este workshop contou com um conjunto de dinâmicas práticas para a realização com grupos de crianças e jovens. Contou também com a partilha de algumas das intervenções realizadas pelo IAC.

30ª Ação de Formação para Animadores – A criança no Século XXI: para além da escola, práticas educacionais inclusivas – Esta ação de formação teve a duração de 3 dias, onde foram refletidas as necessidades do desenvolvimento das crianças e jovens nos dias de hoje, foram apresentados diversos programas e projetos na intervenção deste público-alvo, onde houve a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre estratégias e ferramentas que potenciam o

desenvolvimento de competências em crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social a fim de maximizar a eficácia da intervenção.

Projeto Extensão - “Escola + Social” - Integrei o projeto extensão do mestrado de Educação Social Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, na sua gênese. O projeto consiste na promoção de competências socioemocionais e interculturais no 3º ciclo do ensino obrigatório.

Considerações Finais

Atualmente, é consensual que há cada vez menos famílias tradicionais e mais famílias alargadas, reconstruídas, monoparentais e com outras configurações consonantes com as mudanças sociais (Pinto, 2012). A maior parte das famílias consegue proteger e promover as suas crianças, mas também há crianças que não conseguem ser protegidas e promovidas pelas suas famílias e por isso a resposta de residencialização, apesar de ser uma resposta de fim de linha, não pode ser dispensada entre outras respostas sociais às crianças e jovens em risco e perigo, merecendo toda atenção por isso. De facto, nem todas as C/J crescem e se desenvolvem em família a tempo inteiro nas famílias e o acolhimento que vivencial é uma resposta de cuidado e de cuidadores que tem de ser capaz de realizar, para além de muitas outras, as suas funções educativas, ou seja, promotoras do desenvolvimento integral da pessoa, criança ou jovem, numa cobertura eficaz dos seus domínios, entre outros, de socialização e personalização.

O acolhimento residencial é uma das medidas mais difíceis a serem tomadas, no entanto o objetivo deste não passa por separar as crianças das suas famílias de origem, mas sim, retirar estas C/J's de ambientes prejudiciais ao seu desenvolvimento, proporcionando condições físicas, psicológicas e emocionais adequadas as suas faixas etárias, contribuindo simultaneamente para o seu bem-estar e qualidade de vida, sempre que possível (Gonçalves, 2020).

Ainda é preciso continuar a fazer caminho para tornar as casas nas respostas de cuidados de qualidade pretendida (FICE, IFCO, & Aldeias Infantis SOS (2007) enfrentando grandes e múltiplos desafios, desde a estrutura arquitetónica das casas até às mentalidades dos cuidadores, sendo necessário um trabalho constante de os habilitar as equipas de cuidadores com novas e eficazes práticas educacionais.

Cabe-nos a nós, profissionais da área do acolhimento, lutar para que num futuro próximo essa seja uma realidade proposta, vivida e desejada. Por outro lado, tratando-se de cada casa ser um espaço relacional e intercomunicativo, as diversas relações interpessoais, são a ferramenta que a casa oferece aos jovens que recebe.

Refletindo sobre o papel do educador social neste contexto, o mesmo pode ser considerado um trabalhador social, apto à mudança e responsabilização nos trabalhos desenvolvidos. Sendo importante para o educador social, conseguir estabelecer uma relação de proximidade, confiança e acima de tudo respeito com os jovens, para que a intervenção flua o melhor possível. É através da inovação, da criatividade e dedicação que é possível fomentar a participação dos jovens no seu crescimento (Alves, 2022), reforçando o trabalho com os processos de autonomização dos jovens acolhidos.

No caso específico deste estágio em contexto de acolhimento residencial, um dos maiores desafios da intervenção socioeducativa realizada, foi sem dúvida as idades da população em questão, trabalhar com/para jovens com idades dos 12 aos 18 anos, foi um verdadeiro desafio.

Desenvolver atividades com eles e ainda manter a motivação para o mesmo, foi outro grande desafio. Após a realização do diagnóstico, das necessidades da casa, foi possível concluir que o desenvolvimento de competências para a vida e a promoção para a autonomia de vida era o caminho para a intervenção dos jovens acolhidos, devido a todas as especificidades, sendo fundamental a envolvimento dos jovens no seu próprio projeto de autonomia.

Uma das tarefas do educador social, tem como objetivo levar os jovens à conscientização de que vão precisar de ter todas as ferramentas para a sua vida adulta. Como objetivo tem também a promoção da inclusão dos jovens na sociedade a fim de serem bons cidadãos de plenos direitos. O investimento nos projetos de vida dos jovens, tem como objetivo geral o desenvolvimento pessoal, social e profissional repleto de conhecimento, conscientização e responsabilidade, para que na sua fase da vida adulta enfrentem os desafios e tomem as dificuldades a serem superadas com motivação e força de vontade.

As atividades de educação não formal, foram importantes para o envolvimento dos jovens na casa, tendo estas, um papel importantes no desenvolvimento de competências pessoais e sociais, como por exemplo, união do grupo de jovens, criatividade, empatia e autoconhecimento e na participação social dos jovens na casa.

Do estudo realizado, foi desenvolvido um recurso de orientação da intervenção socioeducativa, em que são apresentadas 30 competências (pessoais, de interação social e instrumentais), que podem ser utilizadas para auto e hetero identificação, planejamento e avaliação de competências para a autonomia, permitindo uma flexível e sustentável articulação com o projeto de vida de cada jovem.

Refletindo os problemas sociais com que os profissionais da área da intervenção socioeducativa se deparam e lidam no contexto do seu trabalho são extraordinariamente complexos e diversificados, exigindo abordagens que privilegiem a conjugação de diferentes perspectivas, pensamentos, sensibilidades, ideias, saberes, práticas, valores e, até mesmo, sonhos e utopias. Trata-se, no fundo, da concretização do trabalho social em rede (Amado, 2012).

O trabalho em rede na intervenção social começa assim a ganhar consistência e a ser prática comum em diversos projetos, instituições ou dinâmicas sociocomunitárias, revelando-se uma mais-valia para o trabalho social e para os seus atores. Este tipo de trabalho implica “poder articular projetos, a partilhar informações, a coordenar atividades e a concertar procedimentos entre diferentes organismos institucionais” (Carvalho & Baptista, 2004), contribuindo diferentes instituições para um bem comum (Amado, 2012).

Além de existir uma cooperação ao nível das práticas de terreno, planificação, organização, troca de informação, execução de atividades, estes profissionais, provenientes de diferentes áreas como Antropologia, Educação Social, Sociologia, Psicologia, Serviço Social, Educação, entre outros, de diferentes instituições e com experiências profissionais diversificadas, acrescentam uma riqueza maior à intervenção socioeducativa, pois, trazem à luz os seus diferentes

saberes técnico-científicos e as suas práticas profissionais, aumentando a qualidade de intervenção, sendo uma maior vantagem para a resolução das problemáticas sociais com que são confrontados (Amado, 2012).

“Os profissionais em acolhimento residencial devem estabelecer relações positivas e de suporte às C/J...” (Bastiaanssen et al., 2012; Glisson & Green, 2011; Leipoldt et al., 2019 citado por Magalhães, Silva, Ornelas, & Calheiro, 2021) mas de facto é de enaltecer o trabalho dos profissionais nas casas de acolhimento, pois as equipas são providas de energia, responsabilidades e competências interpessoais, tendo que desenvolver trabalho em diversas áreas da vida dos jovens, lidar com a diversidade cultural e pessoal dos jovens que chegam à casa e enfrentar a diversidade de problemas que os jovens possuem. Trabalhar no acolhimento residencial representa a insistência, persistência e a vontade de acreditar no valor de cada jovem, e ainda na possibilidade de promover a mudança (Alves, 2022).

A realização deste estágio deu-nos a possibilidade de crescer pessoalmente, adquirir e consolidar competências teóricas e técnicas da área da educação social, suscitou ainda mais o nosso interesse no trabalho com crianças e jovens, nomeadamente em jovens acolhidos e a enfrentar desafios emergentes. Após a conclusão desta intervenção ficou a vontade de continuar a desenvolver o trabalho da autonomia com jovens residenciais e a promover o desenvolvimento de competências transversais no sistema de acolhimento residencial.

Acreditar que o outro é cada vez mais capaz pode ser o primeiro passo para um projeto de vida com autonomia bem-sucedido.

Legislação

Despacho n.º 147/1999 da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (1999). Diário da República: I-A série, n.º 204. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1999-34542475-70249129>

Despacho n.º 23/2017 do Regime de Execução do Acolhimento Residencial. (2017). Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa.: n.º. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2679&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so_miolo

Despacho n.º 6478/2017 do Ministério da Educação e Ciência. (2017). Diário da República: II série, n.º 143. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Despacho n.º 164/2019 do Ministério da Educação e Ciência. (2019). Diário da República: II série, n.º 245. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/164-2019-125692191>

Referências Bibliográficas

- Alves, J. (2022). *Do Acolhimento Residencial para o mundo exterior: que desafios para o processo de autonomização* [Master's thesis, Instituto Superior de Serviço Social do Porto]. Rcaap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41396/1/JoanaAlves.pdf>
- Amado, R. (2012). *Dinâmicas Sociopedagógicas Desafios de Coordenação e Gestão Sociocomunitária*. [Master's thesis, Católica Porto Educação e Psicologia]. <http://hdl.handle.net/10400.14/10266>
- ANECA. (2004) Libro blanco: título de grado en pedagogía y educación social. ANECA. http://www.apega.org/wp-content/uploads/2018/03/libroblanco_pedagogial_0305.pdf
- Azeredo, A. (2016). *Jovens em sistema de acolhimento: competências de vida diária, autocuidado, habitação e gestão de dinheiro* [Master's thesis, Universidade Católica Portuguesa] Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.
- Azevedo, S., Correia, F. (2013). A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. *RES: revista de Educación Social*, (17), páginas 1-11. http://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf
- Barbosa, A. (2012). *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário*. [Master's thesis, Escola Superior de Educação João de Deus]. Rcaap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>
- Bastos, R., (2017, dezembro 1). *O que é autogestão? Definição, vantagens, exemplos e como fazer*. Target teal. <https://targetteal.com/pt/blog/o-que-e-autogestao/>
- Caetano, S. (2021, 10 07). *Formação contínua e desenvolvimento pessoal: qual a sua importância?* <https://empregosalvadorcaetano.pt/formacao-continua-e-desenvolvimento-pessoal/>
- Camara, P. (2017). *Dicionário de competências*. (1). RH.
- Cardoso, A. (2016). Alguns desafios que se colocam à Educação Social. *Cadernos de Estudo – Repositório ESEPF*. (3). páginas 7-15. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/880/2/Cad_3EducacaoSocial.pdf
- Carvalho, A., Almeida, C., Amann, G., Leal, P., Marta, F., Pereira, F., Ladeiras, L., Lima, R., Lopes, I. (2016). *Saúde Mental em Saúde Escolar*. Manual para a Promoção de Competências Socioemocionais em meio escolar. <https://cidadania.dge.mec.pt/sites/default/files/pdfs/manual-para-promocao-de-competencias-socioemocionais-em-meio-escolar.pdf>
- Carvalho, Maria. (05, 2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Fundação Calouste Gulbenkian. https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2021/05/52Est_Sistema_Nac_Acolhimento_Crianças_Jovens.pdf
- Carvalho, M., Salgueiro, A. (2018). Problemas tornados desafios. Fundação Clouste Gulbenkian (Ed.), *Pensar o Acolhimento residencial de crianças e jovens* (pp.35- 57). Fundação Clouste Gulbenkian
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. (2017). *Comunicação de Situação de Perigo*. <https://www.cnpdpj.gov.pt/como-pedir-ajuda>

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. (2017). *CPCJ - O que são - Instituições oficiais não judiciais com autonomia funcional*. <https://www.cnpdpdj.gov.pt/o-que-sao>

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. (3). Almedina, S.A.

Eisenstein, Evelyn. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2(2), página 1. <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>

Equipe editorial de Conceito.de. (2019, Junho 12). *Confiança - O que é, conceito e definição*. Conceito.de. <https://conceito.de/confianca>

FICE, IFCO & Aldeias Infantis SOS (2017) *Quality4Children: Normas para o acolhimento de crianças fora da sua família biológica na europa*, Werner Hilweg, Innsbruck, Áustria, disponível em: <https://www.sos-childrensvillages.org/getmedia/12f1c669-029e-4715-931e-debf408589fc/Q4C-Standards-portuguese.pdf>

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. (1). Princípia.

Gonçalves, P. (2020). *A institucionalização de crianças e jovens e processos de definição identitária: o caso de três acolhimentos residenciais* [Master's thesis, Instituto Superior de Serviço Social do Porto]. Reccap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32900/1/PatriciaGon%C3%A7alves.pdf>

Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social, CID - Crianças, Idosos e Deficientes - Cidadania, Instituições e Direitos. (2003) *Manual de boas práticas*. (1). Instituto da Segurança Social. https://www.seg-social.pt/documents/10152/13326/acolhimento_residencial_crianças_jovens/40a9198f-3ce5-44b3-b98a-b1ccdd8bf1c8/40a9198f-3ce5-44b3-b98a-b1ccdd8bf1c8

IEFP (2004). *Recursos Didáticos para a Formação de Tutores em Contexto de Trabalho*. https://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/50725/mod_scorm/content/0/ana03/02ana03.htm

Instituto de Segurança Social. (2022). *CASA 2021 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bf1d-4afb79ea8f30

Instituto de Segurança Social. (2017). *CASA 2016 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. https://www.seg-social.pt/documents/10152/13326/Relatorio_CASA_2016/b0df4047-13b1-46d7-a9a7-f41b93f3eae7

Léxico Dicionário de Português Online. (2023). *Pontualidade*. <https://www.lexico.pt/pontualidade/>

Léxico Dicionário de Português Online. (2023). *Assiduidade*. <https://www.lexico.pt/assiduidade/>

Lino, Alexandra. (2013). *Relatório de estágio - Centro de Acolhimento Temporário do Loreto*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Magalhães, E., Silva, C., Orlenas, S., & Calheiros, M. (2021) *Qualidade das relações entre profissionais e crianças e jovens em acolhimento residencial: uma reflexão em torno do seu papel protetor e terapêutico*. *Acolhimento residencial de crianças e jovens em perigo*. (pp.269 – 273). Factor.

Miranda, R. (2009). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental? um estudo no 1º Ciclo* [Master's thesis, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/9/ulfc096328_3_metodologia.pdf

Marques, A. (2021). *Intervenção com Crianças e Jovens em Contexto de Acolhimento Residencial* [Master's thesis, Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Santarém. file:///C:/Users/LENOVO/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20vers%C3%A3o%20final_Andreia%20Marques.pdf

Mateus, M. (2012). O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. *EDUSER: revista de educação*, 4(1), páginas 60-71. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7726/1/87-335-1-PB.pdf>

Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra. (2023). *Estabelecimentos*. <https://www.opsdc.pt/web2/index.php/estabelecimentos/cal>

Patrício, M. R. (2019). Educação formal, não formal e informal. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.). *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar*, p. 105-107. Braga: CECS. ISBN 978-989-8600-88-2

Peixoto, P. (2017) Ética e regulação da pesquisa nas Ciências Sociais na sociedade do consentimento. *Porto Alegre*, 40(2), p.151-159. <file:///C:/Users/LENOVO/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/admin,+02+-+Educ+v40n2-2017+-+final.pdf>

Peres, A. (2004). A educação e a animação dos tempos livres. *A página da Educação* (135). <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=135&doc=10171&mid=2>

Pinheiro, M., Velho, C., Santos, L., Palaio, C. (2018). *Projet'ar-te de promoção da autonomia para jovens em risco: implementação e avaliação da eficácia e da qualidade de uma intervenção durante o processo de acolhimento residencial, sua finalização e acompanhamento*. Gulbenkian (Ed., *Pensar o acolhimento residencial de crianças e jovens* (pp. 189-209). Fundação Calouste Gulbenkian.

Pires, S. (2011). *A Promoção da Autonomia em Jovens Institucionalizadas* [Master's thesis, Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação]. Repositório IPB. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6856/1/A%20Promoc%C3%A7%C3%A3o%20da%20Autonomia%20em%20Jovens%20Institucionalizados.pdf>

Reis, Vítor. (2009). *Crianças e Jovens em Risco (Contributos para a organização de critérios de avaliação de fatores de risco)*. [Doctoral dissertation, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. CORE. <https://core.ac.uk/reader/144017390>

Ribeiro, A. (2008). *Projeto de promoção da autonomia de crianças e jovens em acolhimento residencial* [Master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa]. ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/1627>

Rodrigues, S., Leal, M., Martins, A., Azevedo, S., Campos, J., Barbosa-Ducharme. M., Der Valle, J., Dias, P. 2016. *Acolhimento residencial em Portugal*. Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional (p. 858 – 869). FPCEUP. <https://hdl.handle.net/10216/111970>

Segurança Social. (2010). *Recomendações técnicas para equipamentos sociais – Centros de Acolhimento Temporário*. https://www.seg-social.pt/documents/10152/89982/rtes_centros_acolhimento_temporario/5050184e-1ceb-45dd-9815-4b3ad30a5a75

Silva, A. (2019). *A participação das crianças/jovens nos centros de Acolhimento Residencial* [Master's thesis, Politécnico do Porto – Escola Superior de Educação]. Repositório IPL. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/15000/1/DM_AnabelaSilva_2019.pdf

Simões, M. (2014). *A Importância da Autonomização das Crianças e Jovens Institucionalizados* [Master's thesis, Instituto Superior de Ciências Educativas]. Rcaap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/30788/1/margarida%20sim%C3%B5es.pdf>

Tomás, C., Malheiro, M., Gonçalves, S., Luís, E., Rodrigues L., Costa., A. (2018). Práticas que (de)marcam: autonomia, participação e transições das crianças e jovens na oficina de S. José (Braga). Gulbenkian (Ed., *Pensar o acolhimento residencial de crianças e jovens* (pp. 153-169). Fundação Calouste Gulbenkian.

UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Veloso, C. (2014). *Lares de Infância e Juventude: contributos para a autonomia* [Master's thesis, Instituto Politécnico de Viseu]. Repositório IPV. <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2264/1/Lares%20de%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Juventude%20contributos%20para%20a%20autonomia%20Carolina%20Veloso%20aluna%20n.%C2%BA%2010473.pdf>

Veiga, S., Cardoso, D. (2011). O Profissional de Educação Social num Lar de Infância e Juventude. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 19(2), páginas 21-34. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12762/3/Art_Sofia%20Veiga_2011%20%282%29.pdf

Wazlawick, P. (2017). Formação e desenvolvimento pessoal e profissional de jovens universitários: resultados da aplicação da pedagogia ontopsicológica. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 28(2). <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i2.3769>

Apêndices

Apêndice 1 – Atividade conta-me sobre ti

Apêndice 2 – Calendário dos bons momentos

Apêndice 3 – Dia Internacional da Mulher

Apêndice 4 – Decoração da Páscoa

Apêndice 5 - Sessão de Valorização Pessoal e Social

Apêndice 6 – Art’Criativa

Apêndice 7 – Plano de Intervenção Individual

Apêndice 8 – Plano de intervenção

Apêndice 9 – Plano de avaliação do plano de intervenção

Apêndice 10 – Plano de ocupação

Apêndice 11 – Instrumento de avaliação “Perfil de competências –atelier de lavanderia”

Apêndice 12 – Instrumento de avaliação “Ficha de autoavaliação – atelier de lavanderia”

Apêndice 13 – Fotografias da realização do atelier de lavanderia

Apêndice 14 – Instrumento de avaliação “Perfil de competências – atelier de cozinha”

Apêndice 15 – Instrumento de avaliação “Ficha de autoavaliação – atelier de cozinha”

Apêndice 16 - Fotografias da realização do atelier de cozinha

Apêndice 17 – Modelo da Entrevista “Perfil do/a jovem à saída do acolhimento residencial”

Apêndice 18 – Consentimento Informado

Apêndice 19 - Tabela de atividades formativas realizadas durante o período de estágio

Apêndice 1 – Atividade conta-me sobre ti

CONTA-ME SOBRE TI

Desenvolver a empatia, habilidades de comunicação e união do grupo
Partilha em pares sobre habilidades, características e gostos em comum

<p>JeO Jogar à bola; Jogar matraquilhos; Cristiano Ronaldo;</p>	<p>BeV Bolo de bolacha; Comprar roupa; Gostam da Bellie Eilish;</p>	<p>OeB Gostam de rezar; Fazer planos para o futuro; Gostam de tomar banho;</p>	<p>JeV Ouvir música; Ambos usam brincos; Tardes de cinema;</p>
<p>SeP São simpáticos; Gostam de ouvir música; Gostam de animais;</p>	<p>BeR Pizza; Gostam de fazer teatro cigano; Cantar e fazer Karaoke;</p>	<p>OeS Jogar LUDO; Ambos gostam de estar no seu canto; Ouvir música;</p>	<p>SeB Ouvir música espanhola; Cantar juntas no banho; Jogar às cartas;</p>
<p>JeB Passear à noite; Ouvir música na coluna; Fazer tiktoks;</p>	<p>VeS Gostam de ar livre; Beber água; Hidratar o cabelo;</p>	<p>PeJ Jogar PS; Ver televisão; Ver memes;</p>	<p>ReV Usar Perfume; Ouvir Musica; Gostam da Fanny;</p>
		<p>OeR Jogar Futebol; Jogar Matraquilhos; Gostam de Funge;</p>	<p>JeS Gostam de cães; Gostam de música cigana e africana;</p>

Apêndice 2 – Calendário dos bons momentos



Calendário de bons momentos

1 Organiza o amigo secreto, com os amigos da casa	2 Escreve uma lista com as tuas qualidades	3 Conta uma anedota / ditado a alguém	4 Escreve 3 momentos felizes este ano	5 Telefona para alguém especial	6 Joga com todos cá em casa as cartas "sobre nós"
7 Abraça alguém que gostes	8 Sorri para alguém	9 Faz uma boa ação / ajuda alguém	10 Faz um bolo partilha com todos	11 Escreve uma lista com 5 coisas para agradecer	12 Escreve uma carta/ postal a um amigo
13 Tira uma fotografia com uma pessoa que gostes	14 Desafia um colega para jogar em UNO	15 Exercita o corpo	16 Ouve uma música de natal	17 Pinta a teu gosto 1 espátula de madeira	18 Partilhem a prenda do amigo secreto
19 Escreve uma carta/ postal a um adulto	20 Autoeogia-te	21 Faz bolachas de natal	22 Faz alguém sorrir hoje	23 Tira uma fotografia com todos da casa	24 Entrega um bilhete especial a alguém cá em casa
25 Vê um filme de natal	26 Aprecia o tempo lá fora, respira fundo e agradece	27 Elogia alguém hoje	28 Joga um jogo de tabuleiro		
29 Faz um capsula do tempo com memórias base deste ano	30 Realiza uma lista de desejos para o 2023	31 Deseja um bom ano novo a alguém a teu lado			

Feliz Natal



Apêndice 3 – Dia Internacional da Mulher



Apêndice 4 - Decoração da Páscoa



Apêndice 5 - Guião da sessão: Valorização pessoal e social

Guião da Sessão

Valorização pessoal e social - VPS / Auto-Estima / Validação e Elogio

(20 minutos)

Exercício de Autoconhecimento - reflexão - o EU pessoal

- Analise SWOT pessoal



- Reflexão o que foi mais difícil e o que foi mais fácil de preencher?



- Ajuda a conhecer-se melhor, na pessoa em que se vai tornando na fase de vida em que está;
- Ajuda a compreender que o autoconhecimento é uma condição essencial para uma vida com sentido e com propósito;
- Inspira a que continuum, durante toda a vida, a fazer esse exercício de autoconhecimento, percebendo as suas transformações pessoais, sendo capazes de se autorregular;
- Reforça a convicção que podem sempre ter a palavra mais importante a dizer, sobre quem querem ser.

U'buntu, Autoconhecimento, 2022

Projeto de Estágio do MESDDL

(10 minutos)

Dinâmica de Auto-Estima - "Algo sobre mim": frases completas de auto-estima
 "Algo sobre mim" é uma dinâmica de auto-estima que tenta ajudá-los a identificar seus traços e características mais positivas, além de perceber tudo o que estão alcançando até agora. A operação dessa dinâmica é muito simples: em uma folha de papel, está escrito o início de várias frases, que a criança terá de concluir. Todos eles estão relacionados a aspetos positivos da vida da criança, de modo que, ao preenchê-los, você terá de refletir sobre seus pontos fortes.

- Os meus colegas dizem que eu sou bom em _____

Sinto-me muito feliz quando _____

Algo de que tenho muito orgulho em mim é _____

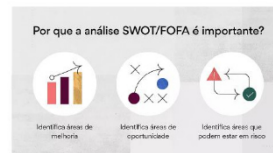
Algo que me torna único é _____

Análise SWOT Pessoal

	Fatores Positivos (Força / Oportunidades)	Fatores Negativos (Forças / Ameaças)
Fatores Internos		
Fatores Externos	(Fraquezas / Oportunidades)	(Fraquezas / Ameaças)

O que é uma análise SWOT?

Uma análise SWOT é uma técnica usada para identificar forças, oportunidades, fraquezas e ameaças para a uma empresa ou para um projeto específico, a análise SWOT pode ser usada tanto para fins pessoais quanto profissionais.



A utilidade de uma análise SWOT não se limita às organizações. Ao aplicar esta técnica no âmbito pessoal, é possível analisar as áreas da vida que podem ser melhoradas, desde o estilo de liderança até às tuas habilidades de comunicação.

Raeburn Alicia (2022, abril 8). Análise SWOT/FOFA: o que é e como usá-la. Asana. <https://asana.com/pt/resources/swot-analysis>

Projeto de Estágio do MESDDL

Projeto de Estágio do MESDDL

Reflexão

Objetivo – Perceber o **poder da valorização individual para levar à valorização social**.

Material – Vídeo Projetor; Colunas de Som; Computador.

(30 minutos)

Procedimento:

- É perguntado ao grupo que coisas acham que poderão **aumentar a auto-estima** das pessoas, que tipo de **atitudes** fazem com que a **pessoa se sinta bem e valorizada**.

Conduz-se a **reflexão** para a “Validação – O Elogio”.

- É então apresentado o vídeo “Validação – O poder do Elogio” de aproximadamente 15 minutos.

- no final da projeção é resumida a essência do vídeo para quem possa não o ter compreendido bem e é aberto um espaço para comentários.

- Já viram a importância do elogio? A importância da valorização individual para levar à valorização social, a influência que temos na vida dos outros, o poder que temos em poder mudar o dia de alguém?

<https://www.youtube.com/watch?v=IhNl0hpn70k>

Avaliação da Sessão

Tempo de Duração – 5 minutos.

Será passado um questionário para avaliação da sessão (anexos).

Avaliação da Sessão VPS

Data: ___/___/___

De acordo com aquilo que achaste da sessão, faz uma bola em cima do número do boneco que corresponde à tua opinião.

				
1 - Não gostei	2 - Gostei Pouco	3 - Não gostei Nem desgostei	4 - Gostei	5 - Gostei Muito

Depois desta sessão sinto que o meu estado de espírito:

		
Piorou	Ficou Igual	Melhorou

A minha caixa de sugestões:

Projeto de Estágio do MESDDL

Projeto de Estágio do MESDDL

Apêndice 6 – Art’Criativa



Apêndice 7 – Plano de intervenção individual

Plano de Intervenção Individual - Identificação da Criança / Jovem

Nome		Data de Nascimento		N.º de Processo Interno	
------	--	--------------------	--	-------------------------	--

Estabelecimento de Ensino		Situação Escolar	
---------------------------	--	------------------	--

Projeto de vida

Retorno à família	Adoção	Autonomização	Acolhimento familiar
-------------------	--------	---------------	----------------------

Descrição e justificação do projeto:

Identificação das necessidades da criança /jovem

Dimensão Socioemocional (emoções e comportamentos; identidade; apresentação social; autonomia)	Data Dimensão sociofamiliar (relações familiares e sociais; competências parentais)
Dimensão da saúde e bem-estar	Dimensão da educação (percurso escolar, profissional; extraescolar, autonomia funcional)

Projetos / Módulos de Intervenção

Projeto N.º Módulo /Dimensão Descrição	Objetivos	Estratégias / ações	Recursos (humanos, materiais, financeiros)	Período de execução	Indicador / avaliação
Socioemocional N.º 1					
Sociofamiliar N.º 2					
Saúde e bem-estar N.º 3					
Educação N.º 4					
Autonomia funcional N.º 5					
Profissional / Economia financeira N.º 6					

Avaliação qualitativa do PII			
Projeto	Objetivos atingidos (Sim/Não)	Necessidade de reformulação (justificar porque não foram atingidos os objetivos)	Assinatura de aprovação

Avaliação quantitativa do PII			
Grau de cumprimento do PII: _____%			
(N.º total de objetivos atingidos / N.º total de objetivos estabelecidos x 100)			
Data: ____/____/____	O Diretor/a Técnico/a: _____	Educador/a / Gestor/a de caso: _____	Criança / Jovem: _____

Apêndice 8 – Plano de intervenção

Plano de Intervenção – Autonomização (3 meses)						
Área de Intervenção	Objetivos	Objetivos específicos	Metodologia	Intervenientes	Data de início	Data de fim
Responsabilização social	Projeto de Reciclagem	Envolvimento, interesse e pesquisa; Apresentação ao grupo; Concretização;	Análise de documentação; Pesquisa; Observação direta; Articulação da técnica gestora e Mariana estagiária de Educação Social com o Rodrigo;	Equipa educativa; Técnica Gestora; Jovem; Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
	Procura de emprego	Motivação e interesse na procura; Apresentar documentos comprovativos de procura efetiva;	Documentação Observação direta Entrevista	Jovem; Técnica Gestora Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
	Voluntariado	Participação e envolvimento no Canil Municipal de Coimbra; Cumprimento de regras e normas da sociedade para com os intervenientes da ação;	Observação Articulação com os responsáveis da entidade;	Canil – responsáveis Técnica Gestora Jovem; Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
Gestão Financeira	Obter uma poupança mensal	Gestão responsável do dinheiro de bolso; Aquisição de conhecimento acerca dos produtos de primeira necessidade; Aprender a selecionar bens com vista à poupança; Estabelecer prioridades consoante as necessidades; Aquisição autónoma de bens essenciais;	Observação Análise de documentação Articulação da técnica gestora e estagiária Mariana com o Rodrigo;	Jovem; Técnica Gestora CAL; Tutora; Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
Educação Formal	IEFP – Curso – Técnico Auxiliar de Saúde	Cumprimento de regras em contexto de sala de aula; Respeito pelos colegas e professores do curso; Assiduidade;	Articulação com a técnica responsável pelo curso Avaliação dos resultados	Jovem; IEFP; Técnica Gestora;	Abril;	Junho;
Educação Não formal	Atividade desportiva	Assiduidade aos treinos e jogos de futebol; Cumprimento de regras; Respeito pelos colegas e treinador;	Observação Análise dos registos;	Adémia; Jovem; Equipa educativa; Equipa técnica;	Abril;	Junho;
	Atividades da casa	Cumprimento das regras da casa; Cumprir as orientações dos adultos da casa; Respeito para com os colaboradores e colegas da casa; Participação e interesse na realização das atividades propostas pela casa;	Observação Análise dos registos;	Equipa educativa; Equipa técnica; Jovem; Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
	Cumprimento de tarefas de vida diária;	Cumprir o atelier de cozinha de forma adequada; Cumprir o atelier de lavandaria de forma adequada;	Observação; Análise dos registos;	Equipa educativa; Equipa técnica; Jovem; Estagiária de Educação Social - Mariana;	Abril;	Junho;
Entidades envolvidas	CHUC - Consulta de sexologia	Ida a todas as consultas do jovem; Respeito para com técnicos envolvidos	Observação	CHUC; Técnica Gestora Jovem;	Abril;	Junho;

	DGRSP - Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais	Cumprimento das direções dadas pela entidade	Observação	DGRSP; Jovem; Técnica Gestora;	Abril;	Junho;
	Consultas de Psicologia	Assiduidade nas consultas marcadas Respeito para com técnicos envolvidos	Observação	Jovem; Técnica Gestora; Instituto Clínico do Mondego;	Abril;	Junho;

Apêndice 9 – Plano de avaliação do plano de intervenção

Análise do plano	Objetivos	Cumpriu / não cumpriu Observações	
Responsabilização social	Projeto de Reciclagem	1. Envolvimento, interesse e pesquisa;	
		2. Apresentação ao grupo;	
		3. Concretização;	
	Procura de emprego	1. Motivação e interesse na procura;	
		2. Apresentar documentos comprovativos de procura efetiva;	
	Voluntariado	1. Participação e envolvimento no Canil Municipal de Coimbra;	
2. Cumprimento de regras e normas da sociedade para com os intervenientes da ação;			
Gestão Financeira	Obter uma poupança mensal	1. Gestão responsável do dinheiro de bolso;	
		2. Aquisição de conhecimento acerca dos produtos de primeira necessidade;	
		3. Aprender a selecionar bens com vista à poupança;	
		4. Estabelecer prioridades consoante as necessidades;	

		5. Aquisição autónoma de bens essenciais;	
Educação Formal	IEFP – Curso – Técnico Auxiliar de Saúde	1. Cumprimento de regras em contexto de sala de aula;	
		2. Respeito pelos colegas e professores do curso;	
		3. Assiduidade;	
	Atividade desportiva	1. Assiduidade aos treinos e jogos de futebol;	
		2. Cumprimento de regras;	
		3. Respeito pelos colegas e treinador;	
	Atividades da casa	1. Cumprimento das regras da casa;	
		2. Cumprir as orientações dos adultos da casa;	
		3. Respeito para com os colaboradores e colegas da casa;	
		4. Participação e interesse na realização das atividades propostas pela casa;	
Cumprimento de tarefas de vida diária;	1. Cumprir o atelier de cozinha de forma adequada;		
	2. Cumprir o atelier de lavandaria de forma adequada;		
	CHUC - Consulta de sexologia	1. Assiduidade nas consultas marcadas	

Entidades envolvidas		2. Respeito para com técnicos envolvidos	
	DGRSP - Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais	1. Cumprimento das direções dadas pela entidade	
	Consulta de psicologia – Instituto Clínico do Mondego	1. Assiduidade nas consultas marcadas 2. Respeito para com técnicos envolvidos	

Apêndice 10 – Plano de ocupação

Plano Semanal - Grelha de cumprimento de tarefas						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Aulas 9h – 17h	Aulas 9h – 17h	Aulas 9h – 17h	Aulas 9h – 17h	Aulas 9h – 17h	Faxina + Atelier de Lavandaria (Manhã)	
Psicologia 17h15 – 18h		Atelier de Lavandaria 17h – 18h				
Treino Futebol 19h15 – 20h30		Treino Futebol 19h15 – 20h30	Treino Futebol 19h15 – 20h30	Atelier de Cozinha (a partir das 18h)	Jogo de futebol (Tarde)	

1. Projeto de Reciclagem
2. Procura de emprego - Quinzenal (apresentar duas justificações da procura);
3. Voluntariado - Canil Municipal de Coimbra
4. Gestão Financeira
5. Curso – Técnico Auxiliar de Saúde
6. Atividade desportiva - Futebol (treinos e jogos)
7. Atividades programadas da casa
8. Cumprimento de tarefas de vida diária; O atelier de Culinária consiste em confeccionar a 1 refeição da semana que conta no plano semanal (sexta-feira) para 1 funcionário + 1 jovem à escolha, pedir requisição na quinta-feira para 3 pessoas) – No atelier de Lavandaria o jovem Rodrigo passa a ser o único responsável pelo tratamento, lavagem e passagem da sua própria roupa (fazer uma máquina da roupa, secar e arrumar a roupa dele. O atelier de lavandaria inclui a limpeza do chão do quarto, limpeza do pó, troca da roupa da cama e limpeza da casa de banho que o jovem terá de fazer obrigatoriamente uma vez por semana);
9. CHUC - Consulta de sexologia / DGRSP - Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais / Consulta de psicologia da casa; - Cumprimento de orientações e assiduidade às mesmas

Apêndice 11 – Instrumento de avaliação “Perfil de competências – atelier de lavandaria”

OBRA DE PROMOÇÃO SOCIAL DO DISTRITO DE COIMBRA
CENTRO DE ACLHIMENTO DO LORETO



Perfil de Competências – Atelier de lavandaria

Escala de Avaliação: Insuficiente – 1; Suficiente – 2; Bom – 3; Muito bom – 4; Excelente – 5;

O jovem é capaz de:	1	2	3	4	5	Observações
- Identificar/Conhecer os vários tipos de têxteis (lã, licra, algodão)						
- Identificar os vários programas a usar na máquina de lavar						
- Selecionar o programa da máquina consoante o tipo de roupa a lavar;						
- Dobrar devidamente a roupa;						
- Utilizar os eletrodomésticos necessários à preparação da roupa (máquina de lavar, ferro de engomar)						
- Passar a roupa						
- Ser arrumado e organizado durante o atelier						

Tabela 1 - A preencher pelo educador responsável

Data: _____

Jovem: _____

Responsável: _____

Projeto de estágio do MESDL – Mariana Almeida



Lavandaria

Nome: _____

Data: _____

O que realizei no atelier de lavandaria de hoje foi:

1. Numa escala de 1 a 5 sendo 1 muito insatisfeito e 5 excelente como autoavalias a tua prestação no atelier de hoje?

2. Na tua opinião achas importante o que aprendeste / realizas-te durante a sessão?

3. O que aprendeste de novo?

4. O que farias de diferente neste atelier?

A caixa de sugestões para este atelier:



Lavandaria

Escala: Insuficiente - 1; Suficiente - 2; Bom - 3; Muito bom - 4; Excelente - 5;

Sou capaz de:	1	2	3	4	5	Observações
- Identificar/Conhecer os vários tipos de têxteis (lã, licra, algodão)						
- Identificar os vários programas a usar na máquina de lavar						
- Selecionar o programa da máquina consoante o tipo de roupa a lavar						
- Dobrar devidamente a roupa						
- Utilizar os eletrodomésticos necessários à preparação da roupa (máquina de lavar, ferro de engomar)						
- Passar a roupa						
- Ser arrumado e organizado durante o atelier						
- Agora que reflito, o que necessito de melhorar?						

Tabela 1 - A preencher pelo jovem

Apêndice 13 - Fotografias da realização do atelier de lavanderia



Apêndice 14 – Instrumento de avaliação “Perfil de competências –atelier de cozinha”

OBRA DE PROMOÇÃO SOCIAL DO DISTRITO DE COIMBRA
CENTRO DE ACLHIMENTO DO LORETO



Perfil de Competências – Atelier de cozinha

Escala de Avaliação: Insuficiente – 1; Suficiente – 2; Bom – 3; Muito bom – 4; Excelente – 5;

O jovem é capaz de:	1	2	3	4	5	Observações
- Identificar os eletrodomésticos na cozinha e conhece as funções usando adequadamente com segurança cada um deles;						
- Promover hábitos de higiene, preparação e conversação dos alimentos;						
- Gerir as quantidades certas a confeccionar para o número de elementos necessários;						
- Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos;						
- Manusear com os utensílios de cozinha;						
- É arrumado e limpo durante a confeção da refeição						
- Trabalhar em equipa, tem empatia para com o colega, ajuda-o e ensina-lhe técnicas						
- Gerir o tempo para a confeção da refeição						

Projeto de estágio do MESDL – Mariana Almeida

OBRA DE PROMOÇÃO SOCIAL DO DISTRITO DE COIMBRA
CENTRO DE ACLHIMENTO DO LORETO



- Confeccionar uma sopa de início ao fim						
- Confeccionar um prato de início ao fim						
- Confeccionar refeições saudáveis, segundo a roda dos alimentos e a dieta mediterrânea						

Tabela 1 - A preencher pelo educador responsável

Data: _____

Jovem: _____

Responsável: _____

OBRA DE PROMOÇÃO SOCIAL DO DISTRITO DE COIMBRA
CENTRO DE ACOLHIMENTO DO LORETO



Cozinha

Nome: _____

Data: _____

A refeição que confecionei foi:

1. Numa escala de 1 a 5 sendo 1 muito insatisfeito e 5 excelente como autoavalias a tua prestação no atelier de hoje?
5 excelente

2. O que aprendeste de novo?

3. O que farias de diferente neste atelier?

4. Escreve um prato ou dois que gostarias de confeccionar nos atelieres de cozinha.

A caixa de sugestões para este atelier:



Cozinha

Escala Insuficiente - 1; Suficiente - 2; Bom - 3; Muito bom - 4; Excelente - 5;

Sou capaz de:	1	2	3	4	5	Observações
1 Usar com segurança cada um dos eletrodomésticos						
2 - Promover hábitos de higiene, preparação e conservação dos alimentos						
3- Gerir as Quantidades a confeccionar para o número de elementos necessários						
4 - Utilizar diferentes técnicas na confeção de alimentos						
5 - Manusear com os utensílios de cozinha						
6 - Arrumar e limpar a cozinha durante a confeção da refeição						
7 - Trabalhar em equipa, ter empatia para com o colega, ajudá-lo e ensinar-lhe técnicas que já domino						
8 - Gerir o tempo para a confeção da refeição						
Necessito melhorar - Agora que reflito, o que necessito de melhorar?						

Tabela 1 - A preencher pelo jovem

Apêndice 16 – Fotografias da realização do atelier de cozinha



Ser + Capaz – O Desenho do perfil do jovem à saída da casa de acolhimento

- Este projeto desenrola-se por meio da vida no acolhimento residencial culminando na criação e promoção de um perfil para jovens com vista no trabalho de promover a autonomia dos jovens residenciais para a saída da casa de acolhimento.
- Entrevista motivacional - Entrevista feita para 3 jovens ex acolhidos e 3 jovens acolhidos;

Tema: Experiência de vida dos jovens no acolhimento residencial

- O principal objetivo deste trabalho é a construção de um conjunto de indicações para que os jovens, no tempo que estiverem acolhidos, desenvolvam as suas capacidades com vista à sua autonomia. É também objetivo compreender como os jovens veem o desenvolvimento das suas capacidades e ficar a conhecer opiniões e experiências sobre o perfil do jovem à saída do acolhimento;

Guião de entrevista: Blocos

Tema: Experiência de vida dos jovens no acolhimento residencial
Legitimação, apresentação e motivação para a entrevista
1. Legitimação da entrevista A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Curricular do Mestrado de Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, acompanhado pela Professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro (Orientadora) e pelo Professor Doutor Carlos Manuel Barreira (Coorientador) e de acompanhamento técnico supervisionado pela Diretora Técnica do Centro de Acolhimento do Loreto Sofia Rodrigues. Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados para o estudo em questão.
2. Apresentação do tema da entrevista e do entrevistador O principal tema da entrevista é a recolha de dados junto de jovens que tem a experiência de vida em acolhimento residencial de forma a compreender como os jovens veem o desenvolvimento das suas capacidades durante o acolhimento residencial.
3. Justificação da realização da entrevista No âmbito do estágio curricular do Mestrado de Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, por meio de uma intervenção direta, o projeto Ser + Capaz – Desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial tem como objetivo a construção de um perfil do jovem à saída da casa de acolhimento a fim de capacitar e de proporcionar um conjunto de indicações para que os jovens, no tempo que estiverem no acolhimento, possam desenvolver as suas capacidades com vista à sua autonomia. A criação do perfil, será construído através de uma investigação-ação e de uma pesquisa qualitativa através de questionários aplicados a três jovens acolhidos e a três jovens que já passaram pelo acolhimento residencial.

4. Explicitação dos objetivos da entrevista

Objetivo geral: Criar um perfil de competências para jovens á saída da casa de acolhimento;

Objetivos: Recolher informação sobre a experiência vivenciada numa casa de acolhimento;

5. Apresentação dos procedimentos de registo da entrevista e recolha do consentimento informado.

Após o contacto com os entrevistados é marcado o dia da entrevista (local e hora).

No dia do encontro será entregue o consentimento informado que após consentido e assinado é dado o início da entrevista.

A entrevista irá ser gravada por áudio e registada pelo entrevistador ao longo da mesma.

É uma entrevista semi/estruturada, tendo ela um guião de questões a ser aplicadas como um fio condutor, no entanto existirá a possibilidade dos intervenientes intercederem de forma livre.

A entrevista está estruturada por seis blocos, sendo o primeiro a apresentação do jovem entrevistado e o último a reflexão e conclusão de toda a entrevista realizada, por meio da entrevista o bloco II representa “a relação com os profissionais / jovens da casa de acolhimento”, o bloco III representa o “Autoconhecimento”, o bloco IV assenta o tema “O desenvolvimento de competências no acolhimento residencial” e por fim o bloco V retrata “Passos para a autonomia”.

Bloco I - Identificação do entrevistado

Para jovem acolhido:

1. Caraterização Pessoal: Nome, idade, nacionalidade, tempo que está acolhido, local que está acolhido e se é a sua primeira casa ou já esteve noutras casas de acolhimento
2. Caracterização da atividade profissional: Local de trabalho ou estudo, funções, tempo de trabalho ou ano de escolaridade

Para jovem ex acolhido:

1. Caraterização Pessoal: Nome, idade, nacionalidade, tempo que esteve acolhido, local que esteve acolhido, se é o único ou se esteve noutra instituição
2. Caracterização da atividade profissional: Local de trabalho ou estudo, funções, tempo de trabalho ou ano de escolaridade

Bloco temático II – Relação com os profissionais / jovens da casa de acolhimento

Introdução ao bloco: Ao longo de toda a nossa vida vamos conviver com pessoas que se cruzam na nossa jornada, sendo que umas nos vão marcar de forma diferente de outras. Com isto me

refiro aos professores, funcionários, educadores, amigos com quem partilhamos a nossa vida diariamente e com quem aprendemos e crescemos.

Objetivo: Procurar/Perceber qual o entendimento dos jovens sobre a importância das relações interpessoais

- **Questão de desbloqueio – Se pensares nos adultos que estão presentes na tua vida, diz uma coisa/qualidade de que gostas num deles.**

Para jovem acolhido:

1. Como caracterizas a relação que tens com os jovens que partilham a mesma casa que tu? Em que é que ela é importante? O que aprendes com eles?
2. Como descreves a relação que tens com os profissionais que trabalham na casa de acolhimento? Como é a relação com a equipa técnica que te acompanha? O que é importante para ti na tua relação com eles?
3. O que é para ti ter uma boa relação com as outras pessoas?
4. Na tua opinião os profissionais contribuem para a aquisição de competências para a vida de cada jovem? De que forma?

Para jovem ex acolhido:

1. Como descreves a relação que tiveste com os profissionais que trabalhavam na casa de acolhimento? O que eles significam para ti? Como descreves a relação com a equipa técnica que te acompanhou? Agora que saíste manténs relação com alguém que te foi próximo?
2. Como descreves a relação que estabeleceste com os outros jovens que estavam na instituição?
3. Na tua opinião os profissionais contribuíram para a aquisição de competências para a vida?

Bloco temático III – Autoconhecimento

Introdução ao bloco: Termos consciência de quem somos, o que queremos o que gostamos, sabermos gerir as nossas emoções e atitudes que impactam o nosso dia a dia e conhecimento para lidarmos com as pessoas que nos relacionamos é cada vez mais importante para alcançarmos o nosso maior potencial, o nosso sucesso, sermos pessoas capazes e realizadas.

Objetivo: Conhecer o nível de autoconhecimento dos jovens e da consciência que têm sobre si mesmo

Para jovem acolhido:

1. Todos nós temos metas ou ambições, quais são as tuas?
2. Desenvolveres-te pessoalmente para seres um bom profissional ou bom colega é uma meta de vida para ti? Gostavas de trabalhar melhor isso no teu dia-a-dia?
3. Aqui na casa todos os jovens procuram ter os seus projetos de vida que normalmente são construídos entre os jovens e os técnicos da casa. Tens conhecimento do projeto de vida? Se sim, O que fazes diariamente para desenvolveres o teu projeto de vida? O que gostarias que a casa te ajudasse a desenvolver no teu projeto de vida?
4. Desde que entraste no acolhimento que mudanças já aconteceram em ti? O que te transformou? O que gostarias que acontecesse para te conheceres melhor?
5. Não te esqueças que estamos a falar de autoconhecimento e sobre este assunto gostava que completasses a frase: Se a casa me ajudasse eu gostava de:

Para jovem ex acolhido:

1. Quando estiveste acolhido, como vias o contributo da casa para o desenvolvimento das tuas capacidades? O que achas que foi importante fazer na casa que te desenvolvesse para o futuro?
2. Sais-te uma pessoa diferente daquela que entraste? De que forma a casa te ajudou a crescer?

Bloco temático IV – O desenvolvimento de competências no acolhimento residencial

Introdução ao bloco: O desenvolvimento de competências é o aumento de conhecimentos, habilidades e atitudes das pessoas, para serem capazes de realizar as suas tarefas diárias promovendo um aumento no seu crescimento pessoal. O pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de trabalhar em equipa, são algumas das competências que nos são pedidas ao longo da nossa vida, entre elas muitas outras competências são fundamentais para enfrentar desafios, oportunidades ou até necessidades.

Objetivo: Conhecer a ideia que os jovens têm sobre a importância do desenvolvimento das suas competências;

Para jovem acolhido:

1. O que te faz lembrar quando pensas em competências pessoais, sociais ou até profissionais?
2. Achas importante desenvolveres competências ao longo da vida? Se sim, porquê?
3. Para ti quais as competências que são mais importantes adquirir numa casa de acolhimento?
4. Desde o momento que entraste na casa até agora, quais foram as atividades que mais te marcaram e que te ajudaram ao teu desenvolvimento?

5. Na tua opinião, a casa tem contribuído para desenvolveres as tuas capacidades e para adquirires as aprendizagens que necessitas para o teu dia-a-dia e para o futuro?

Para jovem ex acolhido:

1. O que te faz lembrar quando pensas em competências pessoais sociais ou até profissionais?
2. Consideras que adquiriste algumas competências enquanto estiveste acolhido? Se sim, quais as mais relevantes para ti?
3. Do teu ponto de vista a casa contribuiu para desenvolveres as tuas capacidades e adquirires as aprendizagens que necessitas para o teu dia-a-dia e para o futuro?

Bloco temático V – Passos para a autonomia

Introdução ao bloco: O que é para ti ser autónomo? Autónomo é aquele que consegue realizar as suas atividades diárias sem depender de ninguém. Não sabemos o que nos espera o futuro e por isso, precisamos de estar preparados para não depender de ninguém e sermos capazes de enfrentar as adversidades do dia-a-dia.

Objetivo: Perceber a noção que os jovens têm sobre o seu futuro e a sua autonomização;

Para jovem acolhido:

1. A casa de acolhimento tem atividades específicas de preparação para a vida autónoma? Se sim, que tipo de atividades? Participas nelas? Se sim, quais consideras as mais importantes?

Quais as razões que te levam, por vezes, a não participares nas atividades promovidas com vista à autonomização?
2. O que achas que é necessário fazer na casa para preparar melhor a vossa autonomia? O que gostarias de ser mais capaz?

Para jovem ex acolhido:

1. Tinham atividades específicas de preparação para a vida autónoma? Se sim, que tipo de atividades? Participava nelas? Se sim, quais consideras as mais importantes?

Quais as razões para a não participação nas atividades promovidas com vista à autonomização?

E como avalias hoje essa não participação?
2. Na tua opinião, que tipo de preparação é necessária ser feita para a autonomização de um jovem?

Bloco VI - Finalização da entrevista

Para jovem acolhido:

Para finalizar,

1. Gostarias de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?
2. Qual é a tua opinião em relação à criação de um perfil de orientação para o desenvolvimento das capacidades para jovens com vista a poderem orientar a sua vida de forma mais autónoma e consciente?
3. Numa palavra, gostaria que descrevesse como te sentiste ao longo desta entrevista, enquanto estivemos a falar da possibilidade do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial.

(avaliação da entrevista?)

Gostaria de agradecer a tua disponibilidade e participação nesta entrevista.

Para jovem ex acolhido:

Para finalizar,

1. Gostarias de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?
2. Qual é a tua opinião em relação à criação de um perfil de orientação para o desenvolvimento das capacidades para jovens a fim de se poderem orientar para uma vida autónoma e consciente?
3. Numa palavra gostaria que descrevesse como te sentiste ao longo desta entrevista, enquanto estivemos a falar da possibilidade do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial.

Gostaria de agradecer a tua disponibilidade e participação nesta entrevista.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Ser + Capaz – Desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial

O projeto **Ser + Capaz – Desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial** integra o mestrado em Educação Social Desenvolvimento e Dinâmicas Locais da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no Centro de Acolhimento do Loreto, umas das respostas pertencentes à Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra. No âmbito da **autonomização dos jovens** este estudo incide no 3º eixo de intervenção identificado no diagnóstico de necessidades de intervenção a par do 1º e 2º eixo, respetivamente projeto de vida e a promoção de competências.

O projeto tem como fim o desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial, partindo das necessidades expressas pelos jovens e das expectativas do sistema de acolhimento no que diz respeito ao seu desenvolvimento e à construção do seu projeto de vida. Tem ainda por objetivo **disponibilizar um conjunto de ferramentas que contribuam para capacitar os jovens** na sua autonomização, prepará-los para serem mais conscientes e capazes de enfrentar os desafios com que se irão deparar aquando da saída do acolhimento residencial.

Para a criação deste perfil é fundamental a partilha da experiência de vida dos jovens que passam pelo acolhimento residencial, a fim de se construir um perfil próximo da realidade que os jovens necessitam e compreendem.

O entrevistador irá tomar nota por escrito durante a mesma e irá gravar em formato de áudio, a fim de facilitar a recolha de informação para o estudo.

Papel do investigador:

- a) Garantir total confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos participantes;
- b) Utilizar os dados fornecidos somente para fins de investigação;
- c) Fornecer os resultados da investigação após termino da mesma;
- d) Ter empatia, respeito e compreensão às respostas dadas pelos participantes.

Depois de compreender este projeto e os objetivos desta entrevista, deverá tomar a decisão se aceita participar ou não, podendo ainda interromper quando assim o entender ou necessitar. Após a sua assinatura ser-lhe-á entregue uma cópia deste consentimento informado.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO INFORMADO DO JOVEM

Eu, _____, declaro que tomei conhecimento do projeto **Ser + Capaz – Desenho do perfil do jovem à saída do acolhimento residencial** e aceito participar nesta entrevista

_____ de _____ de 20____
Assinatura do Jovem

Responsável pelo projeto

Apêndice 19 – Tabela de atividades formativas realizadas durante o período de estágio

Mês - Setembro 2022		
Dia	Horas	Observações
07 de setembro	09h – 17h = 8 Horas	Formação Teórico-Prática – UBUNTU
08 de setembro	09h – 17h = 8 Horas	Formação Teórico-Prática – UBUNTU
16 de setembro	10h – 12h = 2 Horas	Reunião de orientação
26 de setembro	09h – 18h = 8 Horas	Semana UBUNTU
27 de setembro	09h – 18h = 8 Horas	Semana UBUNTU
28 de setembro	09h – 17h = 8 Horas	Formação - PAGE
29 de setembro	09h – 17h = 8 Horas	Formação - PAGE
30 de setembro	09h – 17h = 8 Horas	Formação - PAGE
Total – 34 horas		
Mês – Outubro		
Dia	Horas	Observações
21 de outubro	10h – 14h = 4 Horas	Seminário de Orientação
28 de outubro	10h – 13h = 3 Horas	Seminário de Orientação
Total – 7 Horas		
Mês – Novembro		
Dia	Horas	Observações
08 de novembro	14:30h – 16:30h = 2 Horas	Tertúlia – Crianças hoje... Desafios e estratégias
18 de novembro	10h – 12h = 2 Horas	Seminário de Orientação
24 de novembro	9h – 11h = 2 Horas	Projeto extensão – Escola + Social - Pereira
25 de novembro	14:30h – 16:30h = 2 Horas	Formação - PAGE
30 de novembro	9h – 17h = 8 Horas	“O papel dos CLDS enquanto instrumento de Intervenção Social e Desenvolvimento Local”
Total – 14 Horas		
Mês – Dezembro		
Dia	Horas	Observações
15 de Dezembro	10h – 12h = 2 Horas	Projeto extensão – Escola + Social
Total – 2 Horas		
Mês – Janeiro		
Dia	Horas	Observações
11 de Janeiro	14h – 15h = 1 Hora	+ Debate – encontro de apresentação (online)
19 de Janeiro	14h - 16h30 = 2 Horas	+ Debate – Formação de jurados
20 de Janeiro	9h – 17:30h = 8:30 Horas	+ Debate
26 de Janeiro	9:30h – 13:25h = 4 Horas	Projeto extensão – Escola + Social
30 de Janeiro	12:35h – 14:30h = 2 Horas	Projeto extensão – Escola + Social
Total – 17:30 Horas		
Mês – Fevereiro		
Dia	Horas	Observações
6 de Fevereiro	12:35h – 14:30h = 2 Horas	Projeto extensão – Escola + Social
17 de Fevereiro	9:30h – 13h = 3:30 Horas	“Dia do Acolhimento” PAJE
Total – 5:30 Horas		
Mês – Março		
Dia	Horas	Observações
08 de Março	10h – 13:30h = 3:30 Horas	Reunião de orientação
Total – 3:30 Horas		
Mês - Abril		
Dia	Horas	Observações
18 de Abril	14h – 16h = 2 Horas	Workshop de Gestão de Stress no Sucesso
20 de Abril	14h – 17:30 = 3:30 Horas	Workshop “Arca Pedagógica – Oficina de Dinâmicas e Ateliers”
Total – 5:30 Horas		
Mês – Maio		
Dia	Horas	Observações
10, 11 e 12 de Maio	22 horas	30ª Ação de Formação para Animadores – A criança no Século XXI: para além da escola, práticas educacionais inclusivas.
15 de Maio	11h – 14h = 3 Horas	Projeto extensão – Escola + Social - E.B.2.3 de Arazede
17 de Maio	10h – 13h = 3 Horas	Projeto extensão – Escola + Social - E.B.2.3 de Arazede
19 de Maio	10h – 16h = 5 Horas	Seminário Final – Voar para a Autonomia – PAGE
24 de Maio	10h – 13h = 3 Horas	Projeto extensão – Escola + Social - E.B.2.3 de Arazede
25 de Maio	10h – 13h = 3 Horas	Projeto extensão – Escola + Social - E.B.2.3 de Arazede

